

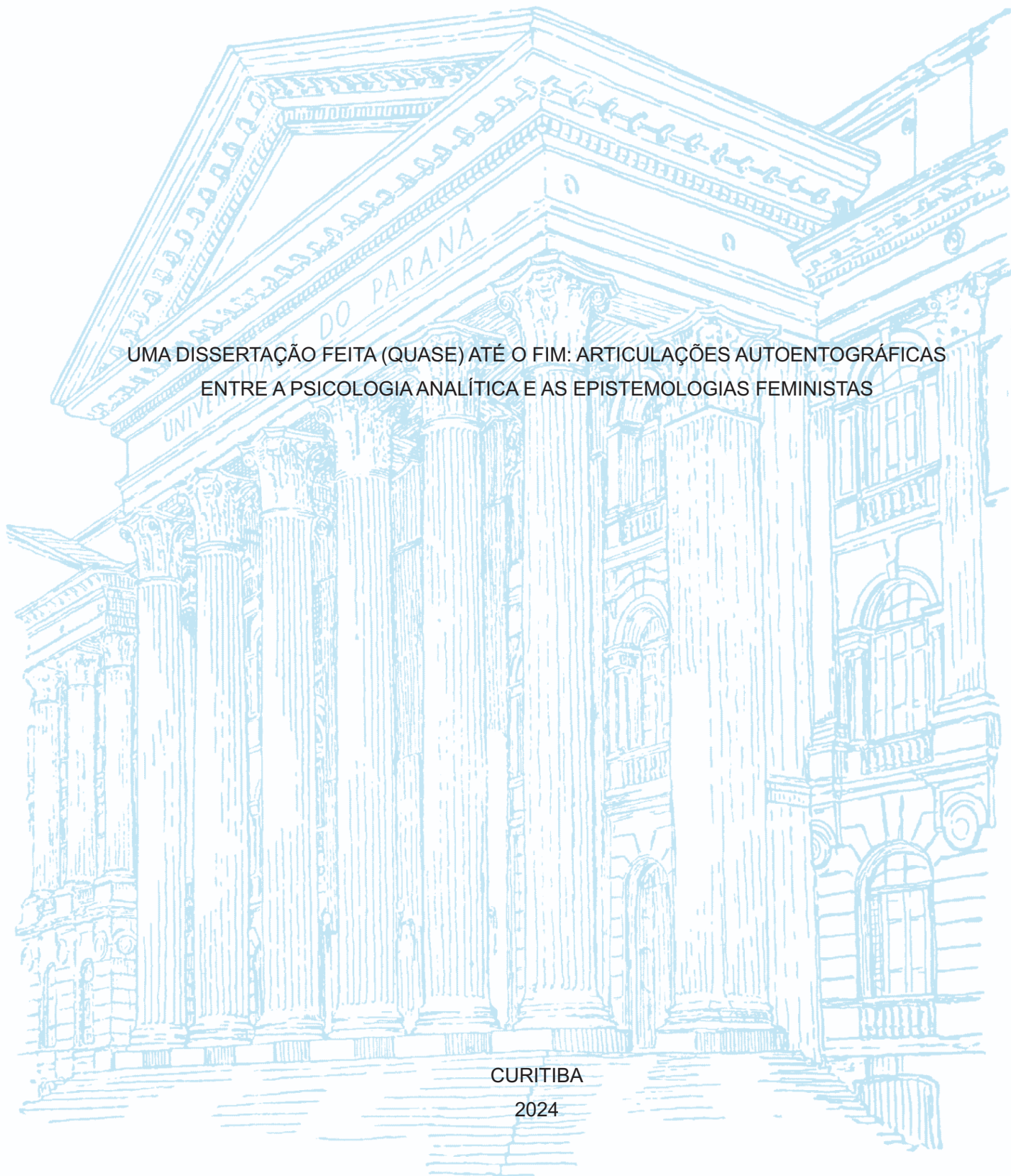
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MILENA KAPP SEDOR

UMA DISSERTAÇÃO FEITA (QUASE) ATÉ O FIM: ARTICULAÇÕES AUTOENTOGRAFICAS
ENTRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA E AS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS

CURITIBA

2024



MILENA KAPP SEDOR

UMA DISSERTAÇÃO FEITA (QUASE) ATÉ O FIM: ARTICULAÇÕES AUTOENTOGRAFICAS
ENTRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA E AS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Sedor, Milena Kapp

Uma Dissertação feita (quase) até o fim: articulações autoetnográficas entre a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas. / Milena Kapp Sedor. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line: PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena.

1. Jung, C. G. (Carl Gustav). 2. Psicologia junguiana. 3. Feminismo.

I. Serbena, Carlos Augusto, 1968-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MILENA KAPP SEDOR** intitulada: **Uma dissertação feita (quase) até o fim: articulações entre psicologia analítica e as epistemologias feministas**, sob orientação do Prof. Dr. CARLOS AUGUSTO SERBENA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica 08/10/2024 10:46:55.0 CARLOS AUGUSTO SERBENA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica 08/10/2024 08:42:40.0 CLARISSA DE FRANCO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC)

Assinatura Eletrônica 18/10/2024 16:55:39.0
JESSICA CAROLINE DOS SANTOS
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

*Uma escrita que flui rasgando-me
sob a esperança de que
nesse tempo histórico
tal heresia não leve à fogueira*

*“O que nos ultrapassa pertence ao outro, a todos, ou a ninguém”
(JUNG, 2013d, p.200)*

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma escrita é sempre uma escrita coletiva.

Tratando-se de uma escrita autoetnográfica, ou seja, uma escrita assumidamente pautada na objetividade [*vulnerabilidade!*] de um corpo em movimento e implicado com seus registros... essa metáfora não pode senão ser ainda mais literal.

Já no título dessa dissertação, apresento-lhes a provocação – ou seria a consciência sustentada? - de que essa é uma escrita... feita (quase) até o fim!

Trata-se de um jeito peculiar de promover um primeiro encontro com minha leitora/leitor/leitore, não é?

Mas explico-lhes: “(quase) até o fim” é coisa boa.

Quer apenas reforçar de antemão que mais do que “finalizado”, esse projeto se intende vivo, coletivo, em transição, em amadurecimento. E, assim, não apenas se faz pronto e disponível, como também é esperançoso e desejoso por novas torções e usos criativos.

“O fim”, “a conclusão”, “o desfecho”, ou “a certeza” de algo, afinal, como veremos ao longo dessa jornada – e principalmente em “ciências”, ou seja, na relação com o “produzir” e transmitir de saberes...

...parece possibilidade apenas àquilo (ou aqueles!) que se descomprometeu(ram) (com) o cíclico. Com o seguir em desenvolvimentos. Com seguir em relação com a complexidade. Ou, com um apelo simbólico, daquilo que se identificou - ao invés de se relacionar com – “a morte e morrer” intrínsecos à vida.

[Daquilo que renunciou seguir em (in)familiaridade com o criativo!]

Esse trabalho, ao contrário, assume a primazia da transitoriedade, do fronteiroço, do coletivo, do em construção. E assim – ou, ao menos por enquanto – parece ainda bastante *animado* (talvez até em excesso, como me provoca meu orientador!). Novo demais, até mesmo, para conhecer em definitivo suas bordas.

Digo isso pois quando assumo os limites de minha própria consciência até citar os “nomes que merecem agradecimentos” como é de praxe e também de desejo no início um projeto científico como esse parece...

Ousado ou perigoso demais.

Como afinal demarcar e honrar a todos aqueles que já nos temperaram em suas contribuições?

Inegavelmente, o compromisso de aprender *no mundo, com o mundo, entre mundoS* foi parte estrutural desta produção.

Ao mesmo tempo,

[ou justamente por isso...]

Lembrar é também esquecer.

E mesmo diante de algumas marcas que sabemos que temos... em alguns casos pode ser bastante confuso delimitar o que merece agradecimento e o que merece distância.

Por coragem ou covardia, limito-me a assumir com todo o destaque que for possível que esse trabalho tomou o meu corpo, rasgou-o em todas as direções que pôde, teve-o para sua própria mediação, mas, na realidade... é, absolutamente “mais do que meu”, contando, na realidade, com todo os colaboradores que foi possível.

Assim,
assumidamente no entre,
no inspirada por
no permitir-se concordar e/ou discordar,
mas sempre aprender com

protegendo e sendo protegida,
incentivando e sendo incentivada

(i)limitada em minha própria possibilidade, necessariamente errante, de
conheSer

Não posso começar essa obra senão sob o firmamento da presente partilha:

**O que sei
é o que aprendi com meu bando.**

Obrigada a todos que fazem parte dessa história.

Obrigada a todos que me ajudam, todos os dias, a ser alguém que entre “erros e acertos”; “saúdes e doenças”,
cada vez mais
d-escreve-se.

Obrigada a todos aqueles que respeitam a humanidade (em mim).

a todos aqueles que já me ensinaram, ou melhor, ainda me ensinam, a ser hoje
melhor do que ontem.

Obrigada a todos aqueles que contribuem a que, por aqui, muito se aprenda
sobre o amor.

A quem me respeita como um ser em trilha.

A quem me honra assim.

Obrigada a todos aqueles que me fazem ter forças para ser alguém entre
trabalhoS.

Obrigada infinitamente a quem está também a trabalhar.

A quem também está assumindo e se desafiando em direção a seus
(im)próprios enlouquecimentos vitais

A quem está a correr seus próprios riscos necessários
destrinchando e contando suas próprias históriaS a que assim conheçamos
com cada vez mais profundidade e encantamento

O que é “ser humano”.

Obrigada a todos aqueles que contribuem a que eu viva em um mundo em que
a esperança e o compromisso com os desenvolvimentoS encontram cada vez mais a
dignidade de primeiro plano.

Obrigada a minhas famílias,

Construída e de sangue.

Esse produto é nosso.
É por nós.

Obrigada ao transcendente
à totalidade feminina-masculina que me guia e me protege até aqui

Obrigada a todos aqueles que teimosamente me lembram que há beleza no mundo.

Que sou bonita também.
Que podemos ser todos.

Obrigada a quem ainda virá.

Resumidamente
Obrigada.
Simplesmente obrigada.

A fortalecer um corpo que cada vez mais dança
e que definitivamente não dança sozinho
desejo do fundo de meu coração
que essa escrita possa horar e ser honrosa
um nós
Ainda em construção.

Eu amo vocês.

RESUMO

Partilhando os atravessamentos, entraves e encaminhamentos que que encontraram meu próprio corpo quando assumo-o pesquisador e implicado em d-escrever(-se), ao longo dessa dissertação exponho-lhes, por meio do recurso metodológico da autoetnografia, alguns específicos “como”, “por que” e “para quê” escrever ciênciaS que se constelaram e foram desdobrados psicologicamente ao longo desta jornada particular, e que culminam assim, como um produto final desse esforço científico pontual, na compilação do que se defende à coletividade como um bom caminho metodológico para futuras produções científicas alinhadas ao paradigma pós-moderno: uma articulação entre Autoetnografia, Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas. Enquanto considerações finais, destaca-se que o aparato junguiano pode amparar as epistemologias feministas de pesquisa e vice-versa, oferecendo aos pesquisadores interessados em nelas firmar-se bases argumentativas, técnicas, conceituais e metodológicas a fortalecer e subsidiar o ímpeto prático, teórico e político dos feminismos em condensar uma ciência corporificada, e assim, efetivamente aberta às diferentes perspectivas e pluralidades psicológicas.

Palavras-Chave: Psicologia Analítica; C. G. Jung; Autoetnografia; Epistemologias feministas; Feminismos

ABSTRACT

Sharing the crossings, obstacles and directions that my own body encountered when I assumed it as a researcher and involved in describing IT, throughout this dissertation is exposed through autoethnographic narration some specific “how”, “why” and “what for” writing sciences that were constellated and psychologically unfolded throughout this particular journey, and that thus culminate, as a final product of this punctual scientific effort, in the compilation of what is defended to the community as a good methodological path for future scientific productions aligned with the postmodern paradigm: the articulation between Autoethnography, Analytical Psychology and Feminist Epistemologies. As final considerations, it is worth highlighting that the Jungian apparatus can support feminist epistemologies of research and vice-versa, offering researchers interested in them the means to establish argumentative, technical, conceptual and methodological bases to strengthen and subsidize the practical, theoretical and political impetus of feminism to condense an embodied science, and thus, effectively open to multiple psychological perspectives/pluralities.

Keywords: Analytical Psychology; C. G. Jung; Autoethnography; Feminist epistemologies; Feminisms

SUMÁRIO

UM PRÓLOGO, UM PONTO DE PARTIDA E/OU ALGUMAS (NOVAS) PERGUNTAS DE PESQUISA	13
INTRODUÇÃO GERAL	15
OBJETIVOS	22
Metodologia	23
PARTE 1: EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS... EMERGENTES? UMA REFLEXÃO AUTOETNOGRÁFICA ACERCA DO ENSINO DAS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA DA CIÊNCIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA	34
1. UMA CONTEXTUALIZAÇÃO	35
2. DES-ENCONTROS OU PROBLEMAS... CRIATIVOS!.....	36
3. UM PORQUÊ E UM PARA QUÊ.....	37
4. UM DES-ENCONTRO PONTUAL	52
5. UMA REFLEXÃO, UMA DIGRESSÃO OU SIMPLEMENTE... A PRODUÇÃO DE NOVAS PERGUNTAS	55
6. DA MODERNIDADE A PÓS-MODERNIDADE: UMA TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA... AINDA EM CURSO	66
7. AS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS: UM ESFORÇO PLURAL... EM DIREÇÃO A (NOVAS) PLURALIDADES	70
8. A OBJETIVIDADE FEMINISTA: UM POTE NO FIM DO ARCO-ÍRIS, OU UMA PARTICULARIDADE CIENTÍFICA... ALCANÇÁVEL A PARTIR DO CORPO... CIBORGUE?	77
9. UM MÉTODO FEMINISTA OU RASGOS FEMINISTAS? PONDERA SANDRA HARDING.....	80
10. CONSIDERAÇÕES QUE FOMENTAM (NÃO TÃO NOVOS) COMEÇOS .	83
PARTE 2: POR ESCRITAS QUE NÃO MAIS SE DESCULPEM: JUNG COMO ALGUÉM QUE ESCREVEU, E ASSIM... PODE SUBSIDIAR (NOVAS) ESCRITAS! .	85
1. ESCRITAS QUE PROMOVEM “O RISCO DE SER REDUZIDO A PEDAÇOS PELO ENTRECHOQUE”	86
2. CIÊNCIA NORMAL X A ANORMALIDADE DA ALMA: AS “PERSONALIDADES 1 E 2” DE JUNG E O CONFLITO COM OS LIMITES DO CIENTÍFICO DE SEUS PRÓPRIOS TEMPOS	93
3. JUNG: UMA OBRA ARTESANAL	99
4. AS OBRAS (IN)COMPLETAS DE JUNG: UMA PRODUÇÃO QUE SE DESVELA EM (IN)CONSONÂNCIA COM SEUS TEMPOS E TRAZ À TONA... UM PRODUTO CIENTÍFICO ...“ERUDITO” DE MENOS?	100
5. MAS AFINAL, QUE USOS CRIATIVOS PODEMOS FAZER DO LIVRO VERMELHO HOJE?	103
6. UMA OBRA QUE SE DÁ EM CAMADAS DE SENTIDO	107

7. OS ROMPIMENTOS	109
8. AS QUEBRAS E A SUSTENTAÇÃO DAS DIFERENÇAS: UMA OBRA QUE CONVIDA À NOSSAS PRÓPRIAS DISSIDÊNCIAS E RESPONSABILIDADES NA RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO	111
9. REALIDADES PSICOLÓGICAS: A EQUAÇÃO PESSOAL E OS TIPOS PSICOLÓGICOS	115
10. O “GÊNIO” É UM LOUCO... QUE BEM-SUCEDEU!	119
11. CONSIDERAÇÕES... INTERMEDIÁRIAS!.....	128
INTERTEXTO: ENTRE IN-SEGURANÇAS PASSADAS E PRESENTES, UMA BUSCA POR ESCRITAS QUE NUNCA MAIS... SE DES-CULPEM (!).....	130
PARTE 3: O MASCULINO MATA DRAGÕES, O FEMININO ENCARA PARTOS: REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA QUE (DES)EMPACA.....	162
1. MAIS UM PRÓLOGO?.....	168
2. INTRODUÇÃO	172
3. DO RECUO AO IMPULSO: AFINAL, O QUE É A ESCRITA FEMININA?	173
4. UMA ESCRITA EM DIREÇÃO A UM AMOR AOUTRE: UMA PONTE COM A PSICOLOGIA ANALÍTICA -MAS ANTES DE TUDO, POR QUE COM ELA?	176
5. MULHER, FEMININO, SOMBRA E... FUTURO? UMA PONTE COM A PSICOLOGIA ANALÍTICA	179
6. UMA ESCRITA QUE APELA POR VOZES.....	181
7. NEM MASCULINA NEM FEMININA: ANDRÓGINA, PLURAL, CIBORGUE, OU AINDA MELHOR: DRAGLESQUE!	184
8. SERIA MESMO PRECISO TANTO “MATAR DRAGÕES”?	185
9. CONSIDERAÇÕES... FINAIS?.....	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONVITES À POSTERIDADE	191
REFERÊNCIAS	199

UM PRÓLOGO, UM PONTO DE PARTIDA E/OU ALGUMAS (NOVAS) PERGUNTAS DE PESQUISA

Em meio a uma supervisão acadêmica paramos o que fazíamos para ver com nossos próprios olhos, testar com nossos próprios dedos, confrontar com nosso próprio intelecto. É isso mesmo?

Testamos tudo que é conteúdo, tudo que é proposta, com todo o tipo de pegadinha que podíamos arquitetar e...

...é isso mesmo.

"chat-GPT" existe.

E, *ao que se propõe...*

Não é que funciona?

Parece que “a escrita mecânica”¹, a máquina, enfim... escreve por nós.

Tendo assim como alicerce criativo e argumento final ao meu fazer [*subverter!*] ciência o abalo sísmico que a existência do “*chat-GPT*” e seus semelhantes propõem à própria perspectiva do que pode ser funcional/valioso em termos de esforço humano para a produção e avanço científico...

...ou seja, na provocação do desperdício que seria fazer irrefletidamente aquilo que “a máquina” *já faz* e, em algum sentido, faz melhor do que nós, este trabalho ganha, no contraponto com a inegável existência e aplicabilidade da mesma, ainda mais esta camada de desafio e sentido em ser.

Começando então esta exposição por sua justificativa última, que se anuncia quando já [*ainda duvidosamente!*] em trilha, mas que muito alimenta a sensação de “estar no caminho certo”, apresento-lhes então os contornos deste projeto assumidamente e orgulhosamente “teimoso”, “marginal”, “alternativo”.

¹ Linear, causal, cartesiana

Um trabalho que flui(u) [*rasgando-me*], delineando-se como uma costura teórico-prática artesanal dada *em corpo, a partir de corpo, emprestando próprio corpo*. Ou seja, sob a viceralidade empírica do experimental para então raciocinar.

Ou, ainda, revelando-se sob a pretensão sóbria de ter sua potencialidade e vulnerabilidade máxima sob o mesmo eixo: **ao assumir-se um produto humano**. (Re)modelando-se, lapidando-se e circuambulando a partir e sobre si desde então a partir das máximas:

- A quais considerações significativas “eu”² poderia chegar a partir de meu próprio corpo³... que “a máquina” por si só não poderia chegar “por mim”?

- Quais contrastes (consciente e inconsciente, subjetivo e objetivo, iluminados e sombrios) poderiam ser elucidados e desdobrados à consciência (coletiva) a partir de uma *exploração política*, ou seja, implicada nos efeitos que tem e produz [*implicada em afetar e ser afetada!*] de “corpo”?

E finalmente:

- Como,

entre a artista e a mulher,

a psicóloga e a pesquisadora,

os bastidores e os palcos,

em minhas diferençaS e complementariedadeS com o puramente mecânico,

poderia eu responder:

"o que se ouve quando se ouve quem (não) dança?".

² Esse também ficcional produtor de pontoS de vista

³ Outra ficção

INTRODUÇÃO GERAL

A fomentar ecos científicos acerca da indissociabilidade entre a experiência de corpoS, expressão e produção/veiculação de (novos) conhecimentoS, compartilho com meu interlocutor por intermédio desta escrita meu próprio despertar acerca da urgência de mais espaços, inclusive acadêmicos, ao que delimito aqui como processos de conheSer (conhecer + ser). Ou seja, mais espaços à escritas e produções de conhecimento assumidamente pautadas na objetividade vivida de corpoS.

Partilhando deste modo os atravessamentos, entraves e encaminhamentos que que encontraram meu próprio corpo quando assumo-o pesquisador e implicado em d-escrever (-se), ao longo dessa dissertação exponho-lhes por meio do narrar autoetnográfico alguns específicos “como”, “por que” e “para quê” escrever ciênciaS que se constelaram e foram desdobrados psicologicamente ao longo desta jornada particular, e que culminam assim, como um produto final desse esforço científico pontual, na compilação do que se defende à coletividade como um bom caminho metodológico para futuras produções científicas alinhadas ao paradigma pós-moderno: a articulação entre Autoetnografia, Psicologia Analítica e Epistemologias Feministas.

Assim, como uma des-coberta que se desenha ao longo desse caminhar, estabelece-se como principal empreendimento desta obra desenvolver entre-costuras criativas, recursivas e situadas entre a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas. Estas que, em articulação, foram enfim consideradas como dois exímios “eixos de conheSer”, e, conseqüentemente, produzir ciência(S) corporificada(S) - ou, minimamente, cada vez mais conscientizar “A ciência”, em seus moldes tradicionais, do corpo que tem.

A expor deste modo as conexões autoetnográficas que se fizeram disponíveis à (minha própria) consciência sob o recorte alçado de uma experiência acadêmica em construção, delimita-se portanto, como objetivo central deste trabalho promover articulações situadas entre a Autoetnografia, a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas, para, a partir de tais aproximações, desdobrar

ponderações psicológicas acerca da produção e veiculação de (novos) saberes [*sabores!*] na contemporaneidade.

Para tal realização, esse trabalho contará com três capítulos interdependentes e complementares.

No capítulo 1 iniciaremos nossa jornada com a apresentação da des-coberta do prisma das Epistemologias Feministas por parte da autora e materializando, a partir mote, a carência experimentada em primeira pessoa acerca de mais reflexões sobre essa abordagem na academia.

No segundo capítulo desta obra, a partir de tal contextualização oferecida no primeiro capítulo acerca das Epistemologias Feministas e a honrar a provocação de Cixous (2022) de que devemos “roubar a língua para fazê-la voar”. Ou seja, levando-se em conta a perspectiva feminista da urgência de ainda mais revisões teóricas e práticas em relação aos saberes que nos foram estabelecidos em ciências sob o paradigma da modernidade – como se apresentou também no capítulo 1 - defender-se-á neste capítulo um revisitar criativo da própria obra e jornada científica de C. G. Jung, elencando-o como um autor a partir do qual podemos ainda mais ancorar e subsidiar a importância e aplicabilidade da objetividade feminista, da pesquisa corporificada e dos estudos autoetnográficos, considerando-se justamente uma transição paradigmática ainda em curso.

Mais especificamente, intende-se estipular a jornada científica de C. G. Jung como um modo de fundamentar argumentos psicológicos à objetividade feminista e a pesquisa corporificada, ponderando ainda as semelhanças entre a metodologia desenvolvida pelo próprio autor e método autoetnográfico de pesquisa.

Assim, o que se promove nesse capítulo é a *partir* da obra junguiana ainda mais justificar a produção, veiculação e transmissão de conhecimentos alicerçados a partir do enviesamento/objetividade do corpo. Delineando-se desta maneira a produção e jornada científica de tal precursor teórico como uma boa referência dentre os autores “clássicos”, ou seja, uma boa referência, dentre aqueles autores que em um determinado tempo histórico quase que em exclusividade puderam d-escrever(-se) -

inclusive a marcar suas diferenças com o normativo!⁴ - a forçosamente amparar-nos em nossos próprios esforços e interesses [*feministas!*] em ciências.

Com o amparo e costura da reflexão crítica que se promove a partir dos estudos feministas e em direção ao fortalecimento de uma “ciência feminista”, finalmente, o que está proposto neste capítulo é a compreensão de que a teoria junguiana nasce e floresce fundamentalmente a partir de esforços - a um primeiro momento velados - de um eu pesquisador situado e comprometido com explorar-se. Ou seja, por alguém que desdobrou boa parte de sua produção a partir de uma forma de trabalho (ou uma abordagem metodológica!) muito próxima àquela que se delimita na contemporaneidade como a autoetnografia, mostrando-se desse modo um excelente referencial para fomentarmos ainda mais “rasgos em ciênciaS” nessa direção, como nos convida Harding (1983;1987).

Mas qual seria a relevância do cultivo desse paralelo e atualização sob o prisma metodológico contemporâneo para o avanço das pesquisas feministas em Psicologia hoje? Ou melhor, qual é a relevância desta pesquisa *em específico* para o escopo científico em tal direção?

Dos (des)encontros com o questionamento em questão, estabelece-se o terceiro e último capítulo dessa dissertação.

Como o produto criativo do mergulho investigativo em meus próprios ‘des-empaquês’ na relação com a “escrita científica”. Ou ainda, como um produto autoetnográfico que se deriva da própria (im)possibilidade que encontrei em algum momento dessa trilha em d-escrever(-me) aos moldes “científicos” - e que em bastante se contrastam às alternativas que se apresentaram no próprio coletivo para a organização desse patologizar- apresento-lhes no capítulo em questão o que na realidade foi a primeira des-coberta dessa jornada investigativa: a “*Escrita Feminina*”.

Por suas precursoras denominada dessa forma - algo também objeto de nossa análise e intervenção no capítulo em questão e por isso recebe estas aspas quando aqui d-escrita- veremos neste capítulo que a “escrita feminina” é parida, a se tornar

⁴ Entendimento que se aprofunda também no primeiro capítulo dessa dissertação

por si só uma metodologia de pesquisa em ciênciaS justamente na medida em que algumas mulheres⁵ abraçam o desafio de escrever exatamente acerca da dificuldade que encontraram/encontravam em escrever(!)

[E dançar, cantar, gozar, gerenciar, produzir, etc]

e, em complemento, acerca da dificuldade que identificaram em articular referência e inspiração nesse sentido/nessa direção nas produções de outras mulheres.

Em direção a escritas que não mais se des-culpem para além do ‘corpo’ de Jung, portanto, no capítulo em questão retomaremos em definitivo à defesa da potência/urgência de estudos corporificados para o avanço do científico a partir da apresentação e reflexão crítica que se estabelece pessoalmente justamente a partir do *deparar-se com o constituir e desenrolar da “Escrita Feminina”*.

Sob o amparo dos saberes teóricos da Psicologia Analítica, e, principalmente, a partir dos cada vez mais soltos e corajosos relatos dessas/us autoras/es, exploraremos a partir de tal mote, como, por quê e para quê a estratégia falar em profundidade a partir de si, ou seja, a estratégia falar em profundidade a partir de nossas próprias dores [*sabores!*], principalmente quando feita por corpos que foram historicamente privados da possibilidade de fazê-lo em potência - como o foi o da mulher - tem um potencial teleológico imensurável à compreensão do funcionamento psíquico, à soltura dos corpos, e, conseqüentemente e para a promoção de novas consciências/conscientizações para a coletividade. Ou seja, para a constituição de novos saberes e, conseqüentemente, para avanço científico.

Mais ainda, debruçar-nos-emos, a partir da Psicologia Analítica, aos seguintes questionamentos:

Por que afinal as “*escritas femininas*” tanto “empacam” ao se fazerem, como se narra?

⁵ Inicialmente um também seletivo e tendencioso grupo delas (mulheres, brancas, classe média...) a expandir-se cada vez mais para além de suas próprias e artificiais fronteiras iniciais. Ou seja, fomentando-se cada vez mais a criação e consciência para as interseccionalidades que atravessam cada relato (de si)–

E, uma vez soltas...

...por que são apontadas como tão “perigosas” por quem a descreve?

Simbolicamente, que “perigo” poderia ser esse?

Ademais, fomenta-se ainda nesse capítulo a seguinte problemática: estaria (ainda hoje) esta forma de escrever, que nasce justamente do conflito/enfrentamento de tais cerceamentos culturais... restrita “à Mulher”?

Ou, uma vez defendida também esta forma de conheSer, poderíamos pensar então, agora sim, em uma escrita simbolicamente ainda mais aberta às pluralidades do que uma “apenas” “feminina” e/ou “das mulheres”?

[Em uma escrita efetivamente feminista!]

Assim, no capítulo em questão retomaremos em definitivo à defesa da potência/urgência de estudos corporificados para o avanço do científico por meio da apresentação e reflexão crítica que se faz disponível a elaborações tendo como fazulha criativa o constituir e desenrolar histórico da “Escrita Feminina”. Mas que se desdobra(rá), em última instância, a um convite (ainda em lapidação!) ainda mais caleidoscópico do que ela própria:

o desenvolver de uma escrita não apenas “feminina” como

“feminina E masculina”;

“Andrógena”!

- como apontaria Jung referindo-se à meta do desenvolvimento psíquico

“multifocal”,

“complexa”

“plural”,

“ciborgue”!

- como articula Haraway enquanto (novaS) possibilidadeS humanaS em
nossa mistura com oS tecnológicoS

ou ainda

“drag”

“burlesca”

“DRAGLESQUE!”

- Como articulo enquanto uma contribuição pessoal a ainda receber novos
apreços e investimentos científicos [*Quem sabe em um doutorado?*].

E então sim, mais uma vez, efetivamente: feministaS.

A partir de tais amplificações simbólicas/poéticas/imaginais sobre os impactos psicológicos, históricos, sociais da escrita de mulheres e demais corpos dissidentes na promoção de alternativas em ciência e também da consideração de novaS possibilidadeS de fôrmaS de escritaS científicaS, chega-se às considerações finais possíveis nesta obra.

A sustentar tais escritas que não podem senão encontrar formas de ser, portanto, apresenta-se à coletividade que enquanto as “escritas femininas” podem auxiliar o forjar de (novas) consciênciAS, as Epistemologias Feministas e a Psicologia Analítica, em articulação, podem auxiliar a ancorá-las, fomentando-se assim o caminhar e seguir caminhando daqueles que registram(-se) **em** e **a partir de** suas diferenças.

Deste modo, a “escrita feminina” denotaria hoje uma alternativa metodológica de amparo às descobertaS em ciênciaS (amparo aos caminhos da descoberta), enquanto as Epistemologias Feministas, juntamente com a Psicologia Analítica, por sua vez, poderiam garantir ao pesquisador que nela se firma a objetividade situada e a maturidade de um narrar psicológico/científico formal/final, articulando assim moldes a que ciênciaS feitas a partir de próprio corpo não tanto precisem “desistir de si” ou “colocar-se em risco” na relação com seus pares (de dentro e de fora!). Ou seja, subsidiar seus caminhos de justificação.

Defender-se-á assim finalmente, como uma conclusão deste estudo, que o aparato junguiano pode amparar as epistemologias feministas de pesquisa e vice-versa, oferecendo aos pesquisadores interessados nelas firmar-se bases argumentativas, técnicas, conceituais e metodológicas a fortalecer e subsidiar o ímpeto prático, teórico e político do feminismo de condensar **uma ciência corporificada, e assim, efetivamente aberta às múltiplas perspectivas e pluralidades psicológicas.**

OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL

Promover articulações situadas entre a Autoetnografia, a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas;

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar uma reflexão autoetnográfica acerca da experiência de descoberta do panorama teórico/prático/político das Epistemologias Feministas;

- Estipular aproximações possíveis entre as obras de C. G. Jung, o método autoetnográfico de pesquisa e as Epistemologias Feministas;

- Fomentar como o aparato junguiano pode amparar bases argumentativas, técnicas, conceituais e metodológicas a fortalecer e subsidiar o ímpeto prático, teórico e político dos feminismos em condensar uma ciência corporificada, e assim, efetivamente aberta às diferentes perspectivas e pluralidades psicológicas;

- Explorar, a partir da “escrita feminina”, “como”, “por quê” e “para quê” a estratégia falar em profundidade a partir de si tem um potencial teleológico imensurável à compreensão do funcionamento psíquico, à soltura dos corpos, e, conseqüentemente, para a promoção de novos conhecimentos;

- Promover a entre-costura entre a Autoetnografia, a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas como um bom caminho metodológico para futuras produções científicas alinhadas ao paradigma pós-moderno de ciênciaS;

METODOLOGIA

1. ESCOLHER UM MÉTODO É, POR SI SÓ, UMA ESCOLHA POLÍTICA

A partir do panorama epistêmico feminista, perspectiva científica a ser desdobrada ao longo de toda esta produção, entende-se que a própria escolha do método já envolve uma escolha política que precisa ser explorada, assumida e avaliada com muita atenção. Afinal, como elencam Martha Narvaz e Sílvia Koller (2006, p. 648) “não é mais possível, destarte, dissociar teoria e método, tampouco negligenciar os aspectos epistemológicos, ideológicos e éticos envolvidos na escolha de um paradigma de pesquisa”.

Por esse modo de ver, como muito bem pontua Gustavo Raimondi (2020, p. 63), quando se descreve a metodologia de um fazer científico deve-se descrever também os (des)encontros método+lógicos assumidos e não assumidos em tal produção, sendo esta sua forma gráfica de enfatizar – ou, como ele mesmo pontua, “sua estratégica estética de explicitar” (Raimondi, 2020, p. 63) - que uma metodologia científica idealmente tem relação “não somente com um ‘estudo de métodos’, mas também com uma problematização dos paradigmas de pesquisa que orientam os estudos e as práticas de fazer ciência” (Raimondi, 2020, p. 63 *adaptado*).

Bem, analisar com carinho justamente 1) as problemáticas relacionadas tanto aos “por quês” e, principalmente, aos “para quês” se assumir total preponderância em relação aos “método+lógicos” (ou seja, acerca dos “comos” subjetivos e objetivos, implícitos e explícitos elencados por cada autor para se desdobrar determinados saberes); assim como 2) apresentar e desenvolver algumas ponderações que se desenvolvem justamente a partir do experienciar dos des-encontros método+lógicos vividos em primeira pessoa pela pesquisadora que vos fala nessa jornada científica particular será foco ulterior de grande parte de nossas análises e discussões. Afinal, esta obra visa justamente articular considerações situadas e parciais sobre o tema.

Dito em outras palavras, refletir acerca das questões metodológicas será conteúdo para todo o nosso percurso. O que não quer dizer, todavia, que esse esforço se deu, ele próprio, sem um embasamento método+lógico.

A honrar a perspectiva da importância de se desenvolver *em consciência* e de se *elucidar de forma clara* aos pares “as formas de conhecer que (re)produzimos em nosso ‘caminhos’, ‘modos’, ‘procedimentos’, ‘técnicas’, ‘formas’, ‘fôrmas’ de fazer pesquisa” (Raimondi, 2020, p. 63), portanto, destaca-se a seguir alguns contornos metodológicos estruturais a essa produção, destinada exatamente a promover articulações situadas entre a Autoetnografia, a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas e, assim, estabelecer ponderações psicológicas acerca da produção e veiculação de (novos) saberes [*sabores!*] na contemporaneidade.

2. MÉTODO GERAL

Esse trabalho é uma produção de ordem qualitativa, em que se destaca o prisma epistêmico das Epistemologias Feministas e a perspectiva teórico-prático da Psicologia Analítica como os principais eixos de discussão e trabalho.

Para a escolha dos instrumentos metodológicos, estabeleceu-se alinhamento com uma perspectiva bastante característica do prisma epistêmico feminista: a de que é apenas nas “perspectivas parciais que está a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional” (Haraway, 1995, p. 23) e que, assim sendo, a objetividade em ciências “revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades” (Haraway, 1995, p. 21).

Assim, a promover toda a ênfase que for possível exatamente ao aspecto situado, parcial, objetivo e corporificado dos processos de des-coberta que aqui se partilha – a serem somados, explorados e contrastados com outras escritas parciais e situadas – elencou-se a autoetnografia e a revisão bibliográfica como os principais instrumentos metodológicos aos quais se ancora esta produção, intencionada justamente, vale ressaltar mais uma vez, a promover articulações entre a Autoetnografia, a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas.

3. MAS AFINAL, O QUE É A AUTOETNOGRAFIA E POR QUÊ/PARA QUÊ ESCOLHÊ-LA?

Desdobrada da etnografia tradicional descrita por Bronislaw Malinowski (Lomonaco, 2018), a autoetnografia é uma abordagem qualitativa de pesquisa “que

busca analisar experiências pessoais para entender fenômenos culturais, utilizando princípios da autobiografia e da etnografia” (Nunes, 2019, p.16).

Tendo como sua base crítica o questionamento sobre o lugar do pesquisador na pesquisa e a consequente impossibilidade de uma escrita imparcial, portanto, pesquisar a partir desse panorama envolve assumir uma posição contrária à dinâmica de uma ‘voz única’ na ciência, o que faz da autoetnografia integrante do escopo de estratégias metodológicas ‘alternativas’ de pesquisa, que questionam objetivamente a neutralidade/objetividade do ‘científico’ (Lomonaco, 2018).

Segundo Gustavo Raimondi (2020), a partir do método autoetnográfico de pesquisa se promove que o desenvolvimento da narrativa pessoal do pesquisador pode ser um instrumento para se alcançar uma problemática política/cultural específica. Como pontua Daniela Versiani (2002) em complemento, tal modo de pesquisar oferece meios àquele que veicula um saber para que ele fale com o Outro, ao invés de falar pelo ou sobre o Outro, instrumentalizando uma escrita que permite “sentir os dilemas morais e pensar junto com a história ao invés de pensar sobre ela” (Nunes, 2019 P.16).

Na autoetnografia, finalmente, o autor se faz presente na escrita. Mais do que isso, ele escreve a partir de si, ostentando-se a um só tempo pesquisador, observador e participante do estudo, a poder, justamente por se expor em seu eu vulnerável, alguém capaz de destrinchar e apresentar ao coletivo considerações significativas sobre as reverberações subjetivas/psicológicas de determinado fenômeno tipicamente humano na psique individual (Nunes, 2019).

Constituída portanto por meio de “agentes com corpos vivos, expondo as quebras e rachaduras da existência, honrando estórias e histórias de sofrimento e perda daqueles que, mais frequentemente, habitam a posição de ‘objetos’ da pesquisa”, (Raimondi, 2020, p.11), esta ferramenta metodológica é apontada também como um recurso de grande valia à democratização de saberes e práticas, especialmente em Saúde Coletiva, pois permite que pesquisas neste campo “considerem várias possibilidades existenciais” (Raimondi, 2020, p.11).

A partir de Daniel Lomonaco (2018), estabelece-se ainda que elencar a autoetnografia como método de pesquisa tem vínculo estreito com o escolher, uma vez que determinar a autoetnografia como o caminho de um pesquisar é abandonar quase que completamente a escrita científica habitual, a criar, do encontro com suas próprias inquietações, ou seja, do encontro com sua própria trajetória pessoal, um plano de fundo para sua exploração científica em profundidade, “na qual o pesquisador se engaje e se responsabilize pelos processos descritos” (Lomonaco, 2018) e abraçando assim uma forma de escrever que potencializa o texto, ao invés de restringi-lo.

Esta é, aliás, outra importante

[problemática!]

[maravilhosa!!!]

característica do método em questão, e que em muito também angustia tanto quem a produz como quem a consome: a autoetnografia estruturalmente faz-se bagunceira frente às normas, tensionando tanto o ortográfico/sintático, como as próprias formas/formatações acadêmicas (Raimondi, 2020b).

Vale inteirar, todavia, que essas torções que se fazem, não são feitas “atoa” ou sem razão de ser, mas justamente, como pondera Raimondi (2020, p.10) “por se propor a construir um conhecimento visceral, que também valoriza e (re)constrói teoria e prática”. A autoetnografia deste modo “expõe e problematiza nossas ambiguidades, incoerências e contradições no fazer pesquisa” (Raimondi, 2020b, p.11). Estando assim, na melhor *[pior!]* das hipóteses, sempre diante do vale *[abismo!]* fronteiro entre a arte e a ciência.

Escolher esse método de trabalho, por conseguinte, como complementa Daniel Lomonaco (2018, p. 53)

significa, também, questioná-la ao longo do trabalho, revisando conceitos e paradoxos, submersos até então, a reviver emoções e afetos ligados à experiência pessoal para a observação, captação e documentação dos processos de construção social do cotidiano.

Como pontua Aila Nunes (2019), deste modo, engajar-se com esta fôrma de pesquisa envolve uma jornada cheia de inseguranças, que constitui um grande desafio a quem a sustenta, fazendo-o questionar e revisar todas as convicções teórico-epistemológicas - e porque não acrescentar também existenciais - constituídas anteriormente.

Por outro lado, é justamente na relação com sua visceralidade deste método+lógico que se salienta outra importante defesa ao autoetnográfico como uma valiosa alternativa em ciências: seu aspecto ético. Como bem pontua Lapadat (apud Nunes, 2019), afinal, justamente por esta ser uma metodologia em que o autor se posiciona como sua principal fonte de dados, ela é também uma estratégia metodológica que priva a exposição de outros participantes aos riscos de um estudo científico psicológico aprofundado, sendo assim uma exímia alternativa para explorar o âmago de temas sensíveis emocionalmente.

Ao implicar um texto que compartilha da forma mais objetiva que se for possível as experiências e afetos mobilizados no próprio corpo daquele que escreve, portanto, a pesquisa autoetnográfica com frequência nasce do imprevisto, ou seja, de situações que acometem o pesquisador para além de seu desejo, a mobilizá-lo tão profundamente que impulsionam-no, aí sim, a “escolher” pela centralidade/inevitabilidade dessa escrita, a construir no diálogo com essa tortuosa terapêutica, a documentação/ exploração científica de determinado fenômeno sensível (Nunes, 2019; Silva, 2020).

O pesquisador autoetnográfico, nesse sentido, como pontua Silva (2020, p.11) “atua com uma estratégia que permite o privilégio de ser sujeito de sua pesquisa e, ao mesmo tempo, o objeto e aquilo que se procura conhecer e participar ativamente” de modo que “a utilização de relatos despudoradamente pessoais, e por vezes bastante dolorosos, tem a potência de despertar a empatia, de aproximar realidades distintas e promover o entendimento entre seres humanos com trajetórias diferentes” (Silva, 2020, p.13).

Assim, ao promover-se como uma narrativa pessoal, entende-se que outra grande vantagem da autoetnografia enquanto uma metodologia científica é que, por si só, ela é promotora de uma escrita não apenas descritiva, como terapêutica

[*criativa!*]. Tanto para aquele que a produz como a quem com ela se engaja (Nunes, 2019; Lomonaco, 2018).

Identificou-se afinal que o método é por si só mote de empatia, fazendo assim despertar/florescer reflexões e emoções sobre determinado fenômeno, mesmo que estes não tenham sido vividos com própria pele daquele que com ele se relaciona. (Nunes, 2019; Lomonaco, 2018).

Finalmente, para José Silva (2020, p.12) tal escrita vulnerável aproxima o eu e o outro, uma vez que “sua centralidade repousa sobre o corpo vivido e coloca a realidade exterior em perspectiva em função da realidade emocional e interior” (Silva, 2020, p.12), promovendo assim “a tolerância e o entendimento mútuo entre pessoas que passaram por experiências distintas” (Silva, 2020, p.12).

4. A CRIATIVIDADE COMO RECURSO HUMANO

Como apresentado anteriormente, uma importante característica da metodologia elencada, a autoetnografia, é que esta é uma construção embasada uma escrita assumidamente criativa, e, portanto, em algum sentido “bagunceira” frente ao normativo, inclusive em termos da própria estrutura gráfica/gramática/acadêmica de um produto científico. O que a faz um tanto tensionar tanto o ortográfico/sintático como as próprias formas/formatações acadêmicas (Raimondi, 2020).

Acredito ser de valia destacar, todavia, que quando se descreve e se salienta o compromisso desta metodologia e abordagem científica com a criatividade não se faz referência a uma interpretação *valorativa* ou *técnica* de “criatividade” tendo-a como *um produto em si*. Ou seja, não se faz alusão a uma estimativa/avaliatória/classificatória de um *produto criativo* propriamente dito, assim como um curador faria a avaliar o “preço”, “valor” ou a “relevância” de uma obra de arte, por exemplo.

Ao contrário, quando assumimos a primazia da criatividade a partir deste viés metodológico simplesmente se está assumindo consonância com a perspectiva da criatividade como um aspecto intrínseco à disposição humana, e, conseqüentemente, como uma condição *si ne qua non* do bem-sucedido de um narrar psicológico autêntico,

para a soltura de novos saberes e para o desenvolvimento de um conhecimento efetivamente corporificado, situado, parcial e objetivo.

Essa, aliás, é uma construção que se faz pela autora que lhes narra muito embasada na leitura junguiana do conceito de “criatividade”, sendo esta mais uma característica – e que lhes apresento de antemão – que aproxima este recurso metodológico ao panorama teórico de análise e justificação desenvolvido por C. G. Jung e colaboradores/as. Algo que se pretende defender com ainda mais profundidade (e a partir também de outros vieses) especialmente no capítulo 2, mas que vale já encontrar no presente momento o devido destaque.

Por meio da perspectiva teórica da Psicologia Analítica, desenvolve-se que a criatividade tem um aspecto central ao psiquismo, podendo ser considerada “como sendo um fator psíquico de natureza semelhante à do instinto” na condição humana (Jung, 2013d),

Em um primeiro momento, aliás, Carl G. Jung (2013d) chega até mesmo a elencar a criatividade como um dos cinco instintos humanos propriamente ditos, juntamente com a fome, a sexualidade, a atividade e a reflexão.

Para essa compreensão, destacar-se-ia que os instintos na condição humana não seriam vivenciados de modo puro, como se pensava acontecer nos animais, mas através de um processo de filtragem do que denominou psiquificação. Ou seja, através de um processamento/assimilação de estímulos desdobrados especificamente *através de uma estrutura psíquica complexa, e, posto isso, moldados/transformados também por/a partir ela* (Jung, 2013d).

Seu reconsiderar anexar a criatividade enquanto um dos cinco instintos básicos a estruturar o psiquismo sem diferenciações em relação aos demais (ou seja, como se ela própria fosse um instinto *propriamente dito*) mas mantendo-a como um fator psíquico primário consideravelmente “semelhante” (Jung, 2013d p. 245) a eles, discorre-se da defesa de uma pequena particularidade desta em relação aos demais instintos humanos: a criatividade não está em prol da conservação e a estabilidade, tampouco tem direção pré-definida. Ao contrário, ela pode se rearranjar ou até mesmo reprimir os demais instintos, assumindo, deste modo, papel vital no desdobrar de

nossa “humanidade” e, porque não já destacar, de nossa possibilidade e distintiva capacidade de destrinchar (novos) saberes.

Destaca-se na própria obra de Jung (Jung, 2013d p. 245):

Ainda que, de maneira geral, o instinto seja um sistema estavelmente organizado e, conseqüentemente, inclinado a se repetir indefinidamente, contudo, o homem é distintivamente dotado de capacidade de criar coisas novas no verdadeiro sentido da palavra, justamente da mesma forma como a natureza, no decurso de longos períodos de tempo, consegue produzir novas formas. Não sei se ‘instinto’ seria a palavra correta para esse fenômeno. Usamos a expressão *instinto criativo*, porque este fator se comporta dinamicamente, pelo menos à semelhança de um instinto. É compulsivo, como o instinto, mas não é universalmente difundido nem é uma organização fixa e herdada invariavelmente. Prefiro designar a força criativa como sendo um fator psíquico de *natureza semelhante à do instinto*. Na realidade, há íntima e profunda relação com os outros instintos, mas não é idêntico a nenhum deles

Em curioso alinhamento com essa perspectiva do autor, que não deixa de destacar também que “a criação é ao mesmo tempo destruição e construção” (Jung, 2013d p. 245),

[ou seja, *é possibilidade de des-construções!*]

destaca-se deste modo que o “brincar com a norma” e o apreço à criatividade descritos como característicos ao método autoetnográfico - e que em tanto permitem paralelos com a primazia que a criatividade tem para na teoria e modelo de psique junguiano - não intendem puramente *desrespeitar* o normativo, mas, ao contrário, visam exatamente articular *relação respeitosa com ele*, a se fomentar, a partir deste uso, mecanismos para operacionalizar ainda mais profundidade narrativa/psicológica no corpo de um texto científico, ou, ademais, para se subsidiar uma escrita com ainda mais potencial elucidativo, político e terapêutico, como apresentado anteriormente (Nunes, 2019; Lomonaco, 2018; Raimondi, 2020).

A ser desenvolvida portanto com estratégia, responsabilidade, intencionalidade e parcimônia, entende-se por esse viés que assumir a criatividade enquanto um recurso, inclusive científico, permite-nos dar contorno por exemplo às “ambigüidades, incoerências e contradições” que são características ao pesquisar autoetnográfico, como descreve Gustavo Raimondi (2020b, p.11), e, porque não complementar com a

própria teoria de C. G. Jung, as ambiguidades, incoerências e contradições característicos e presentes à própria experiência psicológica.

5. ALGUMAS PARTICULARIDADES CRIATIVAS DESTA OBRA

Especificamente nessa produção, fez-se uso criativo de alguns recursos informais de escrita que tensionam a norma para evidenciar e destrinchar determinados aspectos psicológicos desse processo de *conheSer*, alguns já evidenciados inclusive neste trecho da obra.

Primeiramente, destaca-se a utilização de frases ou palavras em itálico e entre chaves ([*deste modo*]). Essa estratégia foi elencada de modo a dar corpo à “pensamentos “automáticos” e/ou “intrusivos” que *tomam* a autora ao longo de sua escrita, e, assim, quebram e/ou complementam uma linha narrativa.

A linguagens da Psicologia Analítica, poderíamos desenvolver esta como uma estratégia de dar lugar, no próprio texto, para articulações psicológicas que se desenvolvem em desacordo/desarmonia com o fluxo de pensamentos egóicos (conscientes) da pesquisadora, elencadas em sua maioria como manifestações psicológicas do animus⁶ experienciadas ao longo de um processo de escrever.

Como um segundo recurso, utiliza-se algumas palavras em vermelho – (**assim!**) - a evidenciar deste modo o caráter “complexo”, ou ainda, o tônus emocional que alguns termos e/ou frases em específico tiveram à assimilação psicológica. Esses destaques geralmente referem-se a falas carregadas de estereótipos no senso comum e/ou conotação ambivalentes à experiência (intra)psíquica, podendo denunciar simbolicamente o “cortante” de algumas narrativas histórico-sociais, e/ou, simplesmente, articular destaque a vivências psíquicas que, na opinião da autora, já passaram e merecem passar por ainda mais torções criativas por parte da coletividade, como acontece por exemplo com alguns termos como “queer”, “estranho”, “bruxa”, etc.

Além disso, ao longo de toda essa produção se promove também o termo “conheSer”. Um “conhecer” propositalmente escrito com S e S maiúsculo - unindo-o e

⁶ Para definição de animus, ver página 133

fazendo participante também do prisma da provocação gráfica que será apresentada na sequência. Nesse caso, ao juntar-se os verbos “conhecer” e “ser” (conhecer + ser), visou-se fomentar consciência e promover o ponto de vista de que “conhecer algo” a partir da lógica exclusivamente mental é radicalmente diferente do que vivenciar e assumir o desafio de encontrar caminhoS a se partilhar um saber que toma corpo e se desenvolve assim, copiosamente a partir da experiência.

Ou ainda, que “saber” algo exclusivamente pela via da racionalidade é diferente do que permitir-se *palatar* um sabor por intermédio da interlocução entre funções psicológicas (pensamento, sentimento, sensação e intuição⁷), destilando-se assim saber [*sabor!*] que se anuncia como possibilidade à consciência exatamente a partir dos atravessamentos bio-psico-social-espiritual do sujeito.

Em complemento e a promover uma busca plural por conhecimentoS pluraiS. Ou seja, a provocar que os saberes se dão na complexidade E a partir de processos vividos, únicos e apenas parcialmente partilháveis, a serem encarados individual e coletivamente para além da dicotomia mente-corpo, destaca-se ainda que esta obra conta com uma série palavras escritas com um “S” maiúsculo ao final, (como por exemplo, ciênciaS, corpoS, escritaS, feminismoS, realidadeS etc).

Essa foi uma estratégia elencada a destacar e intensificar a provocação e o compromisso que nessa obra se reitera a todo momento com a construção de ainda mais espaços às diversidadeS/autenticidadeS/pluralidadeS de temperos e narrativaS psicológicaS em potência, o que se contrasta profundamente à meras “aprovações” e/ou “passabilidade” de projetoS, corpoS e seus saberesS em suas versões tímidas, reprimidas, adaptadas e impressas de “culpa”, como destrincharemos.

Além disso, utilizou-se também, em alguns trechos dessa obra, a troca deliberada da fonte gráfica “Arial”, para a fonte “Times New Roman”, delimitando assim ao leitor momentos em que se assumiu enquanto uma estratégia de elaboração psicológica uma escrita pontualmente “desgarrada” dos moldes e formatações acadêmicas, com o objetivo de promover e fomentar disponível ao leitor determinados conteúdos/narrativas psicológicas em seu estado bruto, por assim dizer, entendendo-

⁷ Desenvolve-se a questão dos tipos psicológicos no segundo capítulo dessa obra

as frutíferos como “aperitivos” de/para às análises e discussões posteriores, estas sim desdobradas mais uma vez aos moldes “acadêmicos” tão breve quanto possível. Essa é uma alternativa de trabalho explorada principalmente no capítulo 3 desta obra.

Finalmente, a se fomentar ênfase a algumas palavras e/ou frases e dar ainda mais vida/vivacidade ao texto utilizou-se algumas outras alterações gráficas de destaque como o sublinhado e o itálico.

PARTE 1: EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS... EMERGENTES? UMA REFLEXÃO
AUTOETNOGRÁFICA ACERCA DO ENSINO DAS EPISTEMOLOGIAS
FEMINISTAS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA DA CIÊNCIA EM UMA
UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA

1. UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde a modernidade, as ciências ocidentais têm se dedicado a apreender, decodificar e destrinchar a questão do corpo, em um esforço heroico de dominar seus mistérios. Paradoxalmente, quanto mais se estuda o corpo - e, principalmente, quanto mais vozes passam a poder narrar suas experiências para com eles [*a partir deleS!*] - mais esfíngico este se mostra à compreensão humana. Ainda que, em contraponto complementar, mais fascinante e distante pareça a possibilidade de controlá-lo objetivamente (Foucault, 1988).

Em linhas gerais, foi inevitável aos próprios esforços científicos perceber o corpo não mais como uma máquina, mas sim como um ecossistema ativo, complexo e multifacetado. Dando-se assim visibilidade a investidas transdisciplinares que densifiquem nossas análises e relativizem as fronteiras entre o ambiental, o psíquico, o cognitivo, o comportamental, biológico, social etc. (Silva, 2023).

Assim, do mesmo modo em que no diálogo com os saberes psicológicos fomos e somos convocados cada vez mais a reconhecer os limites (ou a ingenuidade) de um “eu que tudo controla” na interlocução com o funcionamento psíquico global – dado e denunciado in corpo! –, pode-se dizer que até mesmo as descobertas ditas mais “objetivas” em ciências (como os estudos da epigenética e daS microbiotaS, por exemplo), nos convidam por vias complementares ao mesmo inexorável: a existência se dá na complexidade, assim como o deve ser também nossas estratégias de (investig)ação.

Quando se considera o impacto das questões culturais e das relações de poder na produção e difusão de (novos) conhecimentos, entende-se que desenvolver um apelo crítico e revisionista acerca do modo como se constroem os saberes ditos ‘científicos’ ganha ainda mais preponderância e motivo em ser. Perspectiva que muito se impulsiona, como se verá nesta produção, a partir panorama crítico/teórico/prático/político das Epistemologias Feministas.

Neste capítulo, iniciaremos nossa jornada com a apresentação da descoberta do prisma das Epistemologias Feministas por parte da autora e materializando, a partir

mote, a carência experimentada em primeira pessoa acerca de mais reflexões sobre essa abordagem científica na academia.

Promovendo deste modo a emergência, ou, brinco aqui, avaliando a “(in)existência” do panorama das Epistemologias Feministas em uma experiência/vivência/formação acadêmica focal/pontual/específica – a da própria pesquisadora – intendo neste capítulo expor e analisar, sob recorte autoetnográfico, uma experiência pessoal na relação com o tema enquanto uma estudante de pós-graduação em Psicologia de uma Universidade pública no sul do Brasil.

Em seguida, discorrer-se-á a partir de revisão teórica acerca da preponderância do panorama das Epistemologias Feministas. Estabelecendo-as assim como um movimento político e científico de influência preponderante à conscientização e instrumentalização das próprias ciências em relação a urgência de (novas) perspectivas científicas para o seguir de seu próprio desenvolvimento, especialmente no contexto pós-moderno.

2. DES-ENCONTROS OU PROBLEMAS... CRIATIVOS!

Esperançosamente estimulando que as produções feministas possam cada vez mais encontrar caminhos a rasgar os silenciamentos que as contém e, assim, ocupar ainda mais espaços acadêmicos, será apresentado a seguir, a partir do recurso metodológico da autoetnografia o processo de imersão pessoal da autora no panorama das Epistemologias Feministas, assim como uma passagem específica de sua formação vivenciada em uma aula da disciplina de Filosofia da Ciência e da Tecnologia no ano de 2023.

A se somar com outros relatos situados intende-se assim - dessa forma e com essa exposição - ilustrar a carência identificada e experienciada pessoalmente por mais reflexões em relação às Epistemologias Feministas nos contextos de formação acadêmica. Do mesmo modo como, em contraste, objetiva-se apresentar a importância que introduções sóbrias acerca desta perspectiva científica podem ter na formação de (novos) pesquisadores da contemporaneidade, assim como a preponderância que ela de fato tem ao próprio desenvolvimento da ciência

contemporânea e, principalmente, à uma transição paradigmática (ainda) em curso em ciênciaS, como veremos mais à frente.

Antes de chegarmos a essas grandes ponderações e a começar a honrar esse projeto autoetnográfico destinado a fomentar a visibilidade e divulgação do prisma epistêmico feminista, entretanto, entendo que é produtivo que eu de antemão contextualize o meu leitor acerca dos contornos que fazem nascer essa produção tão específica. E, para tal, conto-lhes sua história.

3. UM PORQUÊ E UM PARA QUÊ

Leitora/leitor/leitore,

você já havia ouvido falar das epistemologias feministas?

Até a metade de meu mestrado, posso dizer-lhes que eu não havia.

Elas eram um terreno absolutamente inconsciente à minha alma.

Desconhecidas mesmo.

Eu simplesmente nunca havia ouvido falar delas!

- Ou melhor, identifiquei depois de um olhar mais cuidadoso de minha própria jornada científica:

eu nunca tinha tido um contato efetivo com elas.

Ouvir falar eu já havia. Como uma breve citação em um diálogo que não atoa – entendi depois - ficou gravado em minha memória de modo muito incomodo como parte formativa dessa pesquisa, e que, mais uma vez, não atoa, em breve partilharei também com vocês para analisarmos em conjunto em sua problemática. Mas vamos por partes. -

O “nunca como um contato efetivo” vale e fica vigente até o dia de minha qualificação de mestrado.

Tal estímulo que me levou ao mergulho nesta metáfora, tão profunda para mim em direção à sanidade... que quase me afoga ao longo do caminho veio-me (talvez não tão) inocentemente a partir do convite de minha banca de qualificação. Especialmente a partir das vozes de Clarissa de Franco e Gustavo Raimondi.

Aprofundo essa narrativa.

Era o dia de minha qualificação de mestrado e eu havia acabado de apresentar para meus avaliadores o que, por minhas próprias e errantes vias de conheSer, havia sido capaz de elencar até o momento enquanto interrelações possíveis entre a experiência de corpos, a expressão humana e, conseqüentemente, a produção/veiculação de novos saberes à coletividade. Considerações psicológicas que se deram a partir de uma leitura crítica embasada na Psicologia Analítica à perspectiva da “Escrita Feminina”, e que na versão final deste trabalho ficam reeditadas a se tornar parte do segundo e o terceiro capítulo dessa obra.

Podemos dizer então que esse trabalho já contava com as sementes da consciência e da argumentação de que a repressão da psique é também a repressão da possibilidade de novos saberes, inclusive “científicos”, como veremos mais à frente. E, assim... já devia ter certa beleza, ao menos potencial, com esses contornos.

Mas...

Eu acreditava nela? Conseguia sustentá-la?

Aqui tínhamos um problema.

Entre logos e eros, pensamento e sentimento, sabedoria racional e irracional, *anima* e *animus*, construções teóricas da Psicologia Analítica a serem consideradas com mais profundidade ao longo de nosso percurso em direção às ciênciaS... eu estava, naquele momento da trilha, efetivamente carente de super-visões.

Seria afinal essa obra, justamente a destinada a questionar e explorar os limites d“as ciências” em seus moldes tradicionais para a elucidação de (novos) sabereS... “científica de menos”?

“Você escreve bem... mas é como se estivesse jogando futebol numa quadra de basquete”, disse-me meu orientador na época, ajudando-nos a vislumbrar metaforicamente tal angústia que partilhávamos.

Mais um dado subliminar é aqui também marcante. Eu tinha em meu currículo uma iniciação científica, um projeto de extensão, TCC da graduação...

...eu sabia, afinal, construir contribuições científicas aos moldes “mais tradicionais”.

Foi aliás o que me fez passar no mestrado.

Mas então por que eu simplesmente não aplicava também a esse projeto a “ciência” que já me era “familiar”?

“Minhas artes”, afinal, já vinham conquistando seus próprios espaços alternativos de vazão...

...não devia ser “suficiente”?, negociava internamente comigo mesma

[NÃO.]

Não era.

Apesar de ecoarem dentro de mim também os “será que eu não estou **exagerando?**”, “será que eu não estou sendo mesmo... **inadequada?**”, ou, simplesmente “será que eu não estou identificada com minha velha doença de **fazer as coisas sempre do jeito mais difícil?**” Em algum lugar de mim, eu sabia que devia “**defender esse indefensável**”.

Eu podia até “*estar jogando futebol na quadra de basquete*”.

Eu entendia e concordava parcialmente com essa crítica, com esse encaminhamento.

Mas eu vislumbrava em contraste também, ao menos de modo distante, que o *tertium non datur* dessa empreitada, ou ainda, que o “terceiro não dado de antemão” e assim verdadeiro desenvolvimento dessa imagem que se constelou enquanto uma

possibilidade – ainda remota - para a consciência (talvez de nós dois)... ainda se anunciaria e se anunciaria somente assim:

no sustentar essa jornada até o fim.

Em algum lugar de mim e de alguma forma, portanto, eu sabia que “ainda haviam peças faltando”, por assim dizer, nesse quebra-cabeça. E era daqui que se alimentava a minha **teimosia**.

Quem sabe, apenas quem sabe... os encaminhamentos em direção ao desconhecido que me convocaram poderiam ser encontrados deste modo: no sustentar d’essa loucura (!) ou, ainda, no suportar seguir esse assustador, abstrato e artesanal projeto que tomou (meu) corpo?

[no encarar as “vergonhas, medos e culpas” necessárias a honrá-lo enquanto um desenvolvimento possível e, conseqüentemente, no assumir máximo desse caos criativo que, afinal de contas, já estava constelado!]

De modo mais racional... eu teria ainda minha banca de qualificação. Esperançosamente, ainda contaria com mais pontos de vista nessa encruzilhada e isso poderia ajudar a entender com mais clareza meus próximos passos. Não poderia?

Nada disso acalentava, entretanto, o quanto eu também estava “morrendo” para produzir e, principalmente, para expor esse trabalho⁸

Abrindo espaço ao simbólico, sentia-me no período que antecedia aquela banca de qualificação *a um só tempo* tanto como 1) uma preocupada e bem-intencionada, mas ainda assim, talvez absolutamente inadequada em sua expressão de amor “mãe de filho queer”, quanto como 2) a própria filha amada- rejeitada por ela.

Meu filhote acadêmico era, afinal, acusado de ser isso mesmo: “inadequado”, “bagunceiro”, “estranho” demais.

⁸ Gostaria de dizer que isso é algo, que ao fim dessa trilha, se acalenta. Mas essa não é uma verdade. Complexo como é, esse trabalho até o momento de sua publicação, seguiu constelando todas as ambivalências que pôde em mim.

Em contraponto, era inegável como eu já nutria um carinho infinito por ele.

ConheSer esse “filho”, afinal, em muito já havia me transformado.

- E se eu vinha conhecendo tão profundamente em minha própria pele os potenciais criativos que por aqui eu tentava descrever enquanto possibilidades humanas...

...ou seja, se eu seguia conhecendo a partir de meu próprio eu os impactos de se implicar em “soltar mão” e *assumir próprio corpo* para se desdobrar novos saberes,

...se eu seguia acreditando na urgência de, por mais difícil que seja, seguirmos nos convocando à encarar nossas (in)próprias escritas e

...se eu seguia convicta de que segurar com firmeza e responsabilidade nossas “canetas” é a forma mais eficiente (ainda que também a mais perigosa!) que temos de registrar – como for possível - nossas conquistas e pleitear novas delas...

Então por que eu temia tão profundamente deixar que “minhas” escritas - literais e simbólicas - mesmo que ainda, é verdade, em seu estado rústico e não de todo desenvolvido (qualificação é momento disso mesmo), atingissem outros corpoS?

Por que não permitir que esse “escrever” fosse também “de” e “para” outros interlocutores?

[“ela não é científica o suficiente...”] -

Fosse como fosse... assim era.

Na véspera da qualificação eu não só não queria de forma alguma “ter que” tirar esse projeto de debaixo de minha asa, como eu odiava “ter que” eu ser justamente eu aquela responsável por “tirá-lo de dentro da gaveta”.

Seria desta forma eu própria quem o condenava - e de antemão! - aos contornos da “**monstruosidade**”?

Lembrei-me do conto do “patinho feio”.

Assim como a mãe pata, estaria eu ao mesmo tempo que inegavelmente havia adotado o ovo “diferente” condenando-o a própria à condição de “feiúra” por não ser capaz de vê-lo em sua integridade? Por não ser capaz de, junto a meu grupo, defendê-lo em suas necessidades básicas de desenvolvimento? De enxergá-lo em sua verdadeira beleza justamente por desconhecer sua verdadeira forma?

Pobre da mãe pata também... Bem, sabemos que acolher e criar uma “criança” não deveria mesmo ser função de um único ser, mas responsabilidade de uma comunidade inteira. Não é?

Entendi que assim como ela, eu precisava com urgência de meu coletivo. E, mais uma vez, meu prazo acadêmico, de qualquer forma, não permitia que algo fosse diferente.

Eu simplesmente não podia mais fugir e era irrevogavelmente tempo de qualificação.

Por acreditar em outras maternidades, paternidades e desenvolvimentoS possíveis, entretanto, fui para minha qualificação assim: a policiar-me.

Explico melhor.

Eu precisava acolher essas partes em mim que ainda precisavam de transformação. Mas estava compromissada, acima de tudo, a dar-lhes **limites**.

É que essa exausta, amorosa e temerosa “mãe” que me habitava (e que em bom tanto já se transformou) rigorosamente puxava-me acreditar no que sabidamente era *ainda muito pouco* para um projeto como esse.

Essa voz delineava em mim a **esperança** de ser possível, com essa partilha me aguardava (a qualificação), na melhor das hipóteses, alcançar para esse projeto algo como sua **“passabilidade”**.

Caso esse termo não seja de presente em seu próprio universo, leitor/a/e, explico-lhe. “Passabilidade” é um conceito desenvolvido informalmente no universo queer, descrito em toda a sua problemática a seguir pelas palavras de Leandro Reinaldo da Cunha (2023):

A passabilidade, sob a perspectiva trans, é a qualidade de ostentar aparência e caracteres que permitem que a pessoa transgênero seja reconhecida socialmente como alguém do gênero ao qual se entende pertencente, sem que sua condição seja notada ou descoberta, garantindo-lhe a possibilidade de "transitar tranquilamente na multidão" sem que a sua condição de transgeneridade seja apontada como fator de exclusão social, discriminação ou preconceito. Com isso se pode afirmar que quanto mais for reconhecida segundo a sua identidade de gênero maior será a sua passabilidade e, em sentido contrário, quanto mais fácil for se constatar que se trata de uma pessoa trans, menor será essa passabilidade.

Bem, acho que fica claro que a saúde de um ser humano, assim como a potência de um projeto científico depende de muito mais do que ela poder “passar”, não é?

Pela psicologia analítica, aliás, elencamos que a coisa pode ser lida com ainda mais preponderância, como se faz possível a partir do conceito de processo de individuação.

Como o nome mesmo já faz imaginar, “processo de individuação” demarca o processo de tornar-se um indivíduo, tornar-se quem se é, produzir-se em suas diferenças, a estabelecer-se em unicidade (Jung, 2018; 2013b; 2016b). A dar corpo a algo que, em algum sentido, já está dado de antemão (sermos quem somos e fazermos “o que temos que fazer”), mas que, ao mesmo tempo, precisa deliberadamente de nossos trabalhos ativos para delimitar-se enquanto uma realidade concreta.

Por essa abordagem teórica, portanto, estabelece-se que o processo de individuação é um devir humano demarcado por dois aspectos fundamentais. Por um lado, destaca-se como “um processo interior e subjetivo de integração, [e] por outro, [como] um processo objetivo de relação com o outro, [este] tão indispensável como o primeiro” (Jung, 2018, p.121).

Estabelecido assim tanto como o objetivo-fim do desenvolvimento quando seu próprio desenrolar, deste modo, o processo de individuação é um conceito que salienta “uma espécie de tendência reguladora ou direcional oculta” da psique, com a qual é preciso estabelecer uma relação viva/consciente/intencional em direção a, viabilizando-se, apenas deste modo, “a realização espontânea do homem total” (2013b, p.248).

Dito mais diretamente, com o conceito de processo de individuação marca-se: nossa saúde – e, conseqüentemente, a saúde de nossos projetos - precisam de nossas/suas diferenças! E assim, mais do a que “passar”, precisamos deliberadamente trabalhar a que alguns “algos”... possam existir e marcar-se como são.

Assim, com a (pouca) energia que me sobrou das batalhas internas e também externas assumidas nessa jornada

[nem tudo é “loucura”, se é que algo o é]

apresentei o que tinha até o momento para minha banca de mestrado convocando-me a melhor forma que pudesse defender aos meus novos interlocutores exatamente a beleza “inacabada” daquele projeto, contornando com o máximo de verdade também os meus limites de energia que eu tinha para novoS movimentoS e as dúvidas que pude articular junto a meu orientador em relação a como fazê-los, e, assim como auxiliar o próprio trabalho a ainda mais assumir sua (honrosa) e verdadeira forma.

Vejam, eu - mais uma vez assim como a mãe pata - não sabia de antemão se encontraria junto a esses “outros” o cuidado que precisávamos, eu e meu “filhote”, para restituir e cuidar de nossas saúdes, dignidades e potências/potenciais ainda nem de todo conhecidos e parcialmente desgastados pela própria trilha. Ou, então, se ao contrário – como acontece no próprio conto - se encontraríamos enfim d’entre aqueles que pareciam nossos pares justamente a condenação final em direção a uma compulsória mudança de rota.

Esquecemos às vezes dessa parte do conto. Mas ela é estrutural.

A mãe-pata não desdenha de antemão seu “filho diferente”. É o oposto. Ela o adota!

Sua “desistência” em relação a ele e seu convite a que ele siga seu próprio rumo é posterior, e tem a ver com exaustão.

Uma exaustão que se dá *entre patos*. Ou seja, na relação com a própria cultura.

É com esses contornos e fantasmas imaginais que faço a apresentação de minha qualificação.

Mas para minha surpresa, ao fim dela... o que encontro (diferente da mãe-pata)

É o acolhimento.

- Não à minhas doenças, mas à minhas saúdes -

Eu me surpreendo!

Não é que não apenas não fui condenada à fogueira por meus avaliadores... como também encontrei junto aos meus... convite para ainda mais fogo?

["Ahh, que pena. Queria que eles tivessem te destruído... ele disse"]

Eis que finalizada minha fala, tanto Clarissa de Franco quanto Gustavo Raimondi, membros de minha banca de qualificação, articulam quase em que em coro

[como se sorrissem a partir dessa fala o próprio sorriso da Medusa!⁹]:

“Por que você não faz um capítulo sobre Epistemologias Feministas?”, perguntam-me eles.

Volto para casa com esse triplex alugado em minha cabeça.

Que raios seriam “as Epistemologias Feministas?”

Pergunto a meus colegas de departamento se algum deles já conheciam essa perspectiva científica e a resposta é a mesma: entre pós-doutorando, doutorandos e mestrandos, nenhum de nós sabia de antemão do que se tratava.

Me sobrou recorrer ao google...

... e quando o faço...

⁹ Ver Cixous (2022).

Senti como se estivesse abrindo um portal. Adentrando timidamente todo o infinito de um universo paralelo.

[ou sendo engolida por um buraco negro?]

Quer dizer que não só o que eu buscava eu não buscava sozinha..., como também muito do que eu sentia falta poder ser construído... em muito já se construiu?

Tudo que eu havia investigado até então, de forma artesanal, torta, cambaleante, turbulenta, “contra a maré”... ganha eixo, companhia, e... “**sanidade**”!

Eu não era mais uma **louca**. Eu era parte de um **coletivo**!

Eu não era mais “**uma sem noção**” gastando uma preciosa vaga na universidade que, quem sabe, poderia estar sendo melhor ocupada por uma **pessoa mais “qualificada ao cargo**”. Eu era alguém que devia, com ainda mais consciência, ousadia, responsabilidade e apreço à subversão...

[com ainda mais arte!]

fomentar ainda mais visibilidade e preponderância...

...a uma perspectiva epistêmica em ciências(!).

[não é que “Patinho Feio” enfim encontrou outros cisnes?]

Essa experiência, entretanto, assim como foi mágica... foi também fonte de novos enlouquecimentos:

[quando finalmente entendemos uma dor, é hora de senti-la, não é?]

Como seria possível que todo esse universo científico existisse com tanta potência, tivesse tanta influência aos movimentos científicos contemporâneos, como estava cada vez mais estudando e irei lhes apresentar muito em breve, e ao mesmo tempo...

...fosse, ao menos à minha vivência, ao meu ponto de vista *[e pelo jeito também a de meus colegas!]* dotado de contornos tão “sombrios” aos próprios processos de conheSer?

É diante dessa pergunta que rebobino toda a minha formação acadêmica: (uma graduação, uma especialização e um mestrado em andamento) e, assim, des-cubro que ela já estava aqui (agora sim estamos chegando perto de desdobrar o diálogo presenciado na disciplina de Filosofia das Ciências), anunciada enquanto um convite sutil – e emblemático - em minha própria vivência acadêmica. Mas de forma tão particular (na falta de outras palavras) que me pareceu merecer destaque e processamento simbólico/psicológico conjunto/ partilhado.

É quando nasce em definitivo essa produção científica.

Eu não sentia que eu poderia mais, leitor/a/e, diante do desenrolar dessa história e de seu complemento que lhes narrarei em seguida, simplesmente “fazer mais um capítulo sobre as epistemologias feministas” a anteceder os demais capítulos já produzidos em minha dissertação, descrevendo-as como se elas fossem simplesmente aquilo que de antemão e de modo deliberado ancorou todas as minhas análises e discussões posteriores - como brilhantemente me sugeriu poder ser um caminho para a “resolução de meus problemas” minha banca de qualificação.

Eu simplesmente não podia.

Não podia pois não era a versão mais genuína, objetiva e responsável de eu partilhar com minha comunidade os conhecimentoS adquiridoS nessa jornada.

O que eu podia era desdobrar, da melhor forma que eu pudesse, as problemáticas que vi e vivi, a partir de seu conhecimento, ganhar corpo.

Isso sim.

O que eu podia era, *a partir do ponto de vista que me cabia no momento*, explicitar *a falta* que conhecer de antemão um prisma epistêmico como este fez em minha trajetória acadêmica, e, conseqüentemente, humildemente evidenciar a falta que ela pode estar fazendo também a outroS corpoS.

O que eu podia era dedicar-me a d-enunciar esta partilha esperançosamente promotora de novos re-conhecimentoS e, conseqüentemente, articular assim ainda mais visibilidade à esse prima epistêmico.

Eu devia, ou, melhor, eu sabia que eu podia e optei por não perder essa oportunidade, materializar a necessidade de se fomentar mais discussões e “convites” como esse que antes tarde do que nunca recebi e sou muito grata por ter recebido de minha banca de qualificação: o de se conhecer as epistemologias feministas!

O que eu podia, em última instância, era ajudar a *criar* esse problema!

Eu deveria ser capaz de articular alguns efeitos situados que os silenciamentos dessas alternativas em ciências (ou dessas “ciências alternativas”) podem fazer em uma psique individual e ao desenvolvimento coletivo.

Voltando mais uma vez ao apreço simbólico:

Eu não podia simplesmente fingir-me ser, ou mesmo enganar-me ter a desdobrar... o conhecimento que tem um “cisne”... que cresceu entre os “cisnes”(!) (como uma pesquisadora que trabalhou sob os contornos de consciência e entre os pares com os quais tal epistemologia é re-conhecida e respeitada como tal).

Tampouco fazia sentido seguir identificada ou fantasiar completa estranheza em relação ao universo dos “patos” (moldes tradicionais em ciências), compulsoriamente (in)familiares a minha alma.

O ponto de vista mais precioso que eu tinha a compartilhar com a comunidade acadêmica como o próprio contorno de minhas des-cobertas, especificamente neste momento de minha trajetória profissional como pesquisadora era esse:

O fronteiroço, o do em transição, ou melhor, o da própria travessia!

Ou ainda, o saber que eu podia implicar-me a desdobrar com maior profundidade à coletividade, era o de se encarar e experienciar até o fim uma vivência “patinho feio” na relação com o tema.

É assim que se estabelece a escolha do verbo “apresentar” para se referir ao convite aqui posto neste capítulo em relação as Epistemologias Feministas. Assim como a brincadeira com o termo “(in)existente” para descrevê-la nesta obra.

Ambos são absolutamente deliberados e comprometidos com o provocativo, com o histórico.

Digo isto desta forma, vale reforçar e resumir, pois esta produção nasce e ganha corpo exatamente do susto com a vastidão desta perspectiva em ciência quando des-cubro-a a partir do convite de minha própria banca de qualificação de mestrado, e principalmente, a partir do assombro ainda maior em refletir, uma vez diante delas, sobre como é possível que este panorama epistêmico nunca tivesse sido apresentado formalmente até então em minha trajetória acadêmica em Psicologia. Nem mesmo nos contextos de Pós-graduação.

Na realidade tal problematização fica ainda mais preponderante em mim exatamente quando, a partir do estudo e síntese que foi possível até o momento das Epistemologias Feministas, volto mais uma vez minha atenção a uma passagem muito específica de minha vivência universitária, experienciada na última aula de uma disciplina de Filosofia da Ciência e da Tecnologia, obrigatória à formação de mestrado em Psicologia em uma universidade pública brasileira, em 2023. Essa sim, foco ulterior de nossa análise pontual.

A denotar assim objetiva, emocional e simbolicamente a urgência de novas escritas acerca deste (vasto) panorama científico que tanto contribui para a produção de novaS ciênciaS na contemporaneidade. Ou ainda, a apresentar, exemplificar e materializar a (r)existência das epistemologias feministas a partir do mote autoetnográfico, propõe-se finalmente assim, com este capítulo, o (d)enunciar, partilhar e discutir de uma experiência psicológica situada/pessoal/pontual/vivida do “problema” que lhes apresento.

Salienta-se de antemão, todavia, que a exposição do evento que descrevo aqui a seguir tem como função exclusivamente corporificar a problemática da presença/ausência de mais estudos acerca das Epistemologias Feministas na academia sob o contorno de uma narrativa emocional/psicológica/simbólica, e não a intenção de generalizar ou o objetivo apontar dedos, criar bodes expiatórios, fomentar culpas individuais e/ou “soluções” simplistas acerca do tópico.

Por essa perspectiva, destaco que assim como Butler (2018) convida-nos a percepção de que nossa incapacidade em definir “feminino” como um conceito estável não seja vendida a/por nós como um fracasso geral do feminismo, a concluir que “problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los” (Butler, 2018, p.7); estabelece-se nesta produção uma semelhante linha de raciocínio em relação urgente e emergente (re)pensar/ (re)imaginar da própria “ciência” e do “científico” de modo geral.

Por esse viés, denota-se que assumir o esforço em (d)enunciar e intervir frente às problemáticas profundas e inevitáveis à “ciência normal” que naturalmente nos escapam no dia-a-dia da academia não significa o mesmo que dizer falido em absoluto o esforço científico. Mas, ao contrário, envolve promover e pleitear implicação genuína e coletiva em aceitar, com a máxima profundidade que for possível, que na relação com ela (“a Ciência”), assim como postula Otto Neurath (1983, p. 92), “somos como marinheiros que têm que reconstruir seu barco em mar aberto, sem jamais poder desmontá-lo em doca seca e reconstruí-lo a partir dos melhores componentes” e “a enfrentar com uma velha estrutura, tempestades e mares revoltos (Neurath, 1983, p. 92).

Não deixa de ser, portanto, exatamente pelo apreço que tenho pela instituição a que me refiro e a qualidade a qual ela se propõe - ou seja, pelo respeito que tenho ao seu tamanho e pelo interesse de contribuir que ela possa ser maior ainda(!) - que lhes apresento esta sombra coletiva que se apresentou ali e a partir desses personagens, neste contexto e vivência em particular e pontual. Mas que, na realidade, está muito longe de ser só sua/deles.

Vale lembrar que disciplinas como a de filosofia da ciência, em última instância, são as primeiras a serem banidas de sistemas que não entendem sua própria transformação, não é?

Assim, a elencar que é possível defender o “científico” ao mesmo tempo que se aponta algumas vulnerabilidades percebidas, a partir da experiência, nesse “barco” com que na melhor das hipóteses navegamos (as ciências), pondera-se de início, por exemplo, que caso não houvesse uma disciplina como essa em nossa grade curricular (filosofia da ciência) como obrigatória. Ou mesmo a coragem de professoras como a

descrita nesse narrar pontual que “fazem questão ‘responder’ a determinados questionamentos sabidamente controversos, polêmicos e questionáveis...

... a construção de problematizações como esta que lhes apresento nem mesmo poderiam ganhar espaço a serem conscientes, o que, em última instância, é aquilo que justamente garante os subsídios teóricos/críticos/políticos para produção de tais (“novas”) questões em ciências. Ou seja, o que garante o seguir de seu desenvolvimento.

É por esse mesmo motivo, aliás, que são resguardadas também as identidades dos interlocutores presentes na cena descrita, apesar de esses serem dados públicos¹⁰. Não deixando passar a oportunidade de destacar ser esta inclusive uma das formas de produzir conhecimento denunciadas como possíveis justamente a partir do mote feminista, firmando assim que, em última instância, este trabalho funciona recursivamente, articulando-se a partir desse capítulo:

- 1) tanto o narrar autoetnográfico de alguns atravessamentos (inter/intra) pessoais desdobrados na relação com os encontros e desencontros com essa perspectiva científica de modo geral; quanto
- 2) o desenrolar de um exemplo aplicado de como as epistemologias feministas podem ancorar um pesquisar na prática. Afinal, como bem pontua Sandra Harding (1993), as epistemologias feministas, em última instância, não pretendem “simplesmente documentar ou narrar as ‘velhas’ experiências de mulheres, mas a experiência de mulheres em lutas políticas” (Harding, 1987), estabelecendo-se deste modo como uma forma de pesquisar que visa primordialmente fomentar referências para novos insights, e, conseqüentemente, subsidiar (novos) desenvolvimentos/movimentos políticos, objetivos, palpáveis.

À finalizar essa introdução, pontuo finalmente que com esse esforço científico não se assume de forma alguma a pretensão de esgotar a compreensão das Epistemologias Feministas. Mas ao contrário, propõe-se exatamente a articular o

¹⁰ Esta aula está disponível na internet. Os direitos autorais e de imagem dos personagens apresentados foram cedidos pelos próprios a partir de um termo assinado como um pré-requisito para participação na disciplina.

convite a que as/os/es leitoras/es que com essa obra interagem desbloqueiem seus próprios encontros criativos com este modo de (re)estruturar o pensamento e a produção científica.

Como uma artesanal cabine de eco, portanto, esse trabalho tem como intenção, em última instância, fomentar, apontar e aguçar a curiosidade do interlocutor... de que **as Epistemologias Feministas (R)existem(!)**, com uma potência e complexidade que há muito não cabe dentro de um único artigo.

4. UM DES-ENCONTRO PONTUAL

Bem, sem mais delongas, vamos enfim a apresentação de um evento específico que me marcou profundamente em minha trajetória acadêmica na relação com o tema como um exemplo palpável do aspecto sombrio que tal abordagem ainda possui nas casas do saber e que, uma vez revisitado após estudo mais aprofundado do prisma epistêmico em questão, ainda mais desafia meus “sentidos”, parecendo-me assim criativamente bastante adequado para materializar o silenciamento que a contém, ou a complexidade da problemática que aqui lhes proponho.

Como dito anteriormente, as falas expostas a seguir discorreram-se no último dia de uma disciplina sobre Filosofia da Ciência e da Tecnologia, obrigatória para as formações em mestrado e doutorado em uma universidade pública no sul do Brasil, quando uma colega, em suas considerações finais sobre o módulo, expõe a seguinte contribuição, apresentada na íntegra¹¹¹²¹³:

Olá, nessa última aula quero parabenizar a equipe, de docentes e monitores(as), bem como docentes convidados pela oportunidade e excelência da oferta. Já identifiquei a outras pessoas. **Vida longa a disciplina!** Mas gostaria de fazer uma problematização. **Nesse semestre, estudamos filósofos variados, de distintos tempos históricos, mortos e vivos, de origens diversas. Todos homens. Nenhuma mulher, em nenhum momento, produziu algo que poderia ser incorporado a disciplina? Elas não existiram ou existem? Não há produção relevante**

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/live/-rUt0kt3kVk>

¹² Essa aula foi gravada e é de livre acesso na Internet. Descartam-se assim problemáticas quanto à questões de direitos autorais e de imagem dos personagens descritos, pois a autorização de todos os participantes nesse sentido foi um termo assinado enquanto um pré-requisito para participação na disciplina.

¹³ A partir da disponibilidade de tal gravação, foi possível a transcrição da narrativa discorrida no evento de forma legítima, sem a interferência das dis-torções naturais, inevitáveis e intrínsecas ao narrar psicológico ou a um estudo autoetnográfico realizado sob o contorno de outras circunstâncias.

nessa área? Se a resposta for não para todas as perguntas anteriores, isso não seria uma questão a ser refletida? Ou será que há um *'habitus'* de silenciar, ocultar, negligenciar, apagar a produção feminina na academia? Sou professora na UFPR, doutoranda pela UTFPR e, como mulher e mãe, que batalha diariamente para existir nesse ambiente acadêmico, gostaria de registrar essa reflexão e convidar a equipe da disciplina a pensar a respeito. Aproveito para agradecer às discentes e às monitoras que estiveram presentes conosco este semestre e sugerir que, ao menos, mais docentes mulheres sejam convidadas a partilhar conosco seus conhecimentos.

Naquele dia, ministravam em parceria um professor e uma professora. Finalizada a leitura da pergunta da colega, a professora oferece a presente resposta, que, apesar de longa, convido meu interlocutor a ler com atenção até o fim, para que possamos destrinchar conjuntamente enquanto (pro)motora de novos questionamentos:

então .. eu faço questão de responder a sua pergunta por que **eu me junto a você nessa problematização nos dois sentidos: convidar mais docentes mulheres e pensar em mais autoras mulheres.**

E o que nos impede de fazer isso? Ou... o que tem nos impedido de fazer isso ao longo do tempo? Né, essas... essa... como vocês sabem, não é a primeira edição dessa disciplina, **essa já é uma disciplina amadurecida**, mesmo assim, mesmo com essa questão bastante presente... então... **o que nos impede?** A proposta dessa disciplina é de que, cada autor seja tratado por um especialista. Por quê? Porque nós estamos – no formato com que a disciplina está – (estamos tendo) uma aula por autor. Então não se trata de um seminário, em que a gente pudesse, por exemplo, ler... Inclusive, eu convido a todos que... que participem de seminários, tem várias iniciativas pelo país, com a pandemia a gente ganhou mais essa ferramenta, existem vários seminários online. Nós mesmos, temos um grupo... que esse ano não teve seminários, mas no ano que vem vai funcionar, fica o convite a todos ahmm... e todas. Mas nós não temos a condição de, por exemplo... pegar... **e sim, respondendo a uma das suas perguntas existem autoras em Filosofia da Tecnologia... pegar uma autora e ler devagar e com calma. Nós dependemos que um especialista na obra dessa autora possa ser chamado para conversar.** Então a questão é ainda muito prática. Sem os estudos das autoras... Os estudos de filosofia da tecnologia no Brasil ainda são muito...ahmm, ainda estão em um estágio muito inicial. Ainda mais o estudo das autoras em filosofia da tecnologia no Brasil... e isso não depende só de a gente convidar ou encontrar uma pessoa que trabalhe com uma autora no Brasil. Isso depende de todo um trabalho de... conciliar interesses de pesquisa para que isso aconteça. Os especialistas que nós chamamos eles não são especialistas que a gente... meio que assim, (chama) de sorteio... não. São **pessoas que já tem um modo próximo de trabalho, já uma... uma, digamos assim... tem uma confluência de interesses de pesquisa** e uma identidade como pesquisador, né?

[com o formato da disciplina e saber trabalhar com o formato da disciplina também, né (complementa o professor)]

Então sim, nós temos em vista... mulheres e, como docentes... e a ideia de trabalhar ahmm... as autoras. São em menor número, mas... isso não é novidade, né? (riso nervoso) **não porque não tenha pessoas pensando, mas aí a gente já pensa em um sistema maior (...) de silenciamento da obra dessas mulheres, mas... nós temos realmente dificuldade em pensar pesquisadoras que tenham interesse em juntar-se aos nossos**

interesses de pesquisa e trabalhar essas obras conosco. Isso vai acontecer em algum momento, mas infelizmente não é algo que possamos fazer de uma hora para outra. Mas **tivemos em uma edição dessa disciplina um trabalho interessante sobre as questões acerca das questões das epistemologias feministas**, no que diz respeito principalmente a tecnologia. **Era uma proposta interessante, mas a gente não conseguiu conciliar isso com o andamento da disciplina, e isso acabou se tornando mais um apêndice à disciplina, então é uma questão bastante complexa.** Eu gostaria de dizer que esta é uma questão que precisa ser pensada para além do âmbito da disciplina, porque as nossas tentativas mostram que **tem algo...** tem um sistema mais amplo do que o nosso aqui **forçando para que seja como está. E isso dizendo que sim, você tem toda a razão na sua problematização. Eu estou absolutamente de acordo com essa... com essa perspectiva. Só digo que a solução não é tão imediata.**

O outro professor, que também participa da aula ministrada no dia, em seguida, articula o seguinte ponto (final?) para a questão:

é até um convite a que você se especialize em filosofia da tecnologia feminina, quem sabe um dia você não possa compor o nosso quadro como professora, não é? [diz ele sorrindo. A professora sorri de encontro, a complementar]: “sim! sem dúvida. [Segue-se assim para a próxima consideração sobre a disciplina]

Bem, eu demorei quase um ano para ligar os pontos entre o evento em questão e minhas próprias mudanças de rota enquanto pesquisadora. Não é que de algum modo... eu havia seguido a caricata indicação desse meu professor?

Explico-lhes melhor.

Eu de forma alguma havia sido enredada pela fantasia de individualmente – e a partir de meus próprios “esforços e méritos heroicos” – pudesse ser “aquela que muda tudo”, a conquistar espaços alternativos no normativo. Mas entendi, em algum momento, que eu fui **alguém que ouviu algo**. E que, assim, devia assumir a responsabilidade de juntar-se, como dito anteriormente, àquelas/es/us que denunciam... ao menos a possibilidade de outros caminhos e/ou “conclusões”.

A partir de então – e a um primeiro momento inconscientemente – boa parte de minha energia enquanto pesquisadora desdobrou-se em compreender e dar espaço aos problemas brilhantemente “criados” em meu mundo interno naquele dia.

(quem diria!)

Não apenas pela primorosa pontuação de minha colega de turma.

Mas, principalmente, a partir das “respostas” que esta recebe a partir de seus apontamentos por seus educadores e que, assim, fazem-se disponíveis à novas problematizações e elaborações psicológicas, como as que aqui se propõe especialmente depois de algum aprofundamento teórico na temática das Epistemologias Feministas, citadas emblemática e brandamente na própria “resposta” que lhes conveio (!).

5. UMA REFLEXÃO, UMA DIGRESSÃO OU SIMPLEMENTE... A PRODUÇÃO DE NOVAS PERGUNTAS

Em Psicologia, costumamos pensar que algo merece atenção quando mobiliza sofrimento psicológico. Acho que nos vale começar por aqui.

Nossa colega faz questão de situar/corporificar/localizar suas colocações, afirmando que *“como mulher e mãe, que batalha diariamente para existir nesse ambiente acadêmico, gostaria de registrar essa reflexão e convidar a equipe da disciplina a pensar a respeito”*.

Tal fala em si parece suficiente a justificar a necessidade de esforços reflexivos como este, a contribuir que [*quem sabe!*] mulheres e mães, em um futuro próximo, não tanto precisem “batalhar diariamente para existir” em qualquer lugar, especialmente, na academia.

Mas se a pergunta de minha colega parece oferecer uma resposta em relação ao *para quê* se fomentar pesquisas como esta que aqui lhes proponho...

...as “respostas” que ela adquire, por sua vez, muito mais do que saciar essa fome, parecem-me apenas corajosamente ajudar-nos a descrevê-la.

Em consonância com as provocações de Caregnato e Mutti (2006) por se trabalhar em uma interpretação “com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido” (Caregnato; Mutti, p.680), desenvolve-se então a seguir o apresentar de algumas (novas) perguntas que se fizeram (em mim) a partir do re-visitar cauteloso do diálogo em questão. Não sem antes mais uma vez reforçar que esta análise tem um enfoque simbólico, ilustrativo e criativo. E,

portanto, visa operar não de modo individualizado e condenatório, mas sim coletivo, político e, principalmente, imaginal.

A. “A professora” (mas em sentido mais amplo, todos nós)... “junta-se mesmo a essa problematização”?

Ao iniciar sua resposta para a consideração da estudante, a professora afirma o seguinte: *“eu faço questão de responder a sua pergunta por que eu me junto a você nessa problematização nos dois sentidos: convidar mais docentes mulheres e pensar em mais autoras mulheres”*.

Observada atentamente sua fala até o fim como o faremos, entretanto, será que podemos elencar a personagem como alguém que efetivamente representa a atitude de “junta(r)-se a essa problematização” de modo prático? ou seja, alguém que ativa e concretamente se implica em instrumentalizar/ construir transformações nessa direção?

O que poderia ser considerado enquanto um efetivo *“se juntar a uma problematização como essa?”*

Pode-se dizer que a professora, com sua fala, possibilita a *materialidade* deste “problema”, o que, por si só, já parece louvável.

Ainda assim, seria este movimento suficiente a articular uma efetiva transformação na realidade apontada como “problemática”?

Que outras formas de “se juntar a uma problematização” poderiam, em um futuro, ser desenvolvidas a honrar um compromisso genuíno com tal desenvolvimento?

B. Um “o que nos impede?”... que logo em seguida é trocado pela conjuntura de um “o que tem nos impedido”... pode nos dizer alguma coisa?

A seguir sua linha de raciocínio, após elencar que a problematização era partilhada por si e merecedora realmente de novos desenvolvimentos, a professora

articula o seguinte questionamento: *“mas (então) o que nos impede de fazer isso? Ou... o que tem nos impedido de fazer isso ao longo do tempo?”*

A troca gramatical parece-me curiosa.

“O que nos impede” é uma conjuntura verbal que denota o estado presente algo dado. Nesse caso, o impedimento.

“O que tem nos impedido”, por sua vez, implica que algo está a acontecer, ou seja, está se desdobrando, está em curso, está em movimento em alguma direção e, assim, necessariamente pode ou não pode encontrar novas configurações a depender especialmente das ações de determinados interlocutores.

Diante dessa conjuntura, vale o questionamento: poderia a primeira conotação verbal articular psicologicamente uma espécie de identificação (ainda que inconsciente) com o estado das coisas como elas estão, enquanto sua troca, ainda que breve, denotar a possibilidade/disponibilidade (mesmo que remota) da construção de novas realidades a partir da implicação dos sujeitoS?

C. Uma disciplina... amadurecida?

Avançando em sua ponderação, a professora elucida a seguinte fala: *“essa... como vocês sabem, não é a primeira edição dessa disciplina, essa já é uma disciplina amadurecida, mesmo assim, mesmo com essa questão bastante presente... então... o que nos impede?”*

Elencando mais uma vez o empaque como algo dado ao invés de como algo que pode encontrar algum(ns) outro(s) movimento(S) possívei(S), ao narrar o status “amadurecido” [ou *seria endurecido?*] da disciplina a docente mais uma vez volta-se a conjuntura verbal do *“o que nos impede”* ao invés de sustentar a troca promovida anteriormente em seu próprio discurso pelo *“o que tem nos impedido”*, e é com esses contornos que uma nova camada de sentido se evidencia em sua fala: é que *“essa já é uma disciplina amadurecida”*, diz a professora.

Aqui, nos cabe a questão: o que está abarcado no status “amadurecido” de uma disciplina em ciênciaS?

As ponderações de Kuhn (2012) acerca da ciclicidade e “conservadorismo” do “científico”, assim como o próprio eixo crítico/revisionista pelo qual emergem as epistemologias feministas – expostos nas sessões subseqüente deste trabalho – serão estruturais a corporificar tal questionamento. Fiquemos por enquanto com a pergunta, a também ser desdobrada muito em breve: o que são e a que [quem!] servem as tais “ciências amadurecidas”/endurecidas?

D. Existe uma dificuldade em pensar pesquisadoras que tenham interesses em se juntar... a que interesses de pesquisa?

Em seguida, após mais uma vez, como dito, recorrer-se a conjuntura verbal que parece renunciar a possibilidade do criativo e que deste modo elucida certa escolha - consciente ou inconsciente – pela sustentação de um presente dado ao invés do compromisso com a responsabilidade da transformação, a autora segue sua linha de raciocínio a apontar que “*sim, respondendo a uma das suas perguntas, existem autoras em Filosofia da Tecnologia...*” mas que, para abordá-las “*dependemos que um especialista na obra dessa autora possa ser chamado para conversar*”; elencando a seguir que o desafio nesse sentido é o de encontrar “*pessoas que já tem um modo próximo de trabalho*”, ou ainda, “*uma, digamos assim, (...) uma confluência de interesses de pesquisa*” com aquela que os organizadores da disciplina se propõe.

Esse trecho de sua fala articula-se a ponderação anterior, dando-lhe mais uma camada de sentido:

Quais poderiam ser os “interesses de pesquisa” com os quais se almeja confluência em uma “disciplina madura”?

Que “modo próximo de trabalho” desejado poderia ser esse?

Ou ainda e mais profundamente: seriam eles minimamente alinhados/possibilitadores de construções feministas em ciência?

E. Um apêndice à disciplina

A discente segue sua fala a denotar que “*tivemos em uma edição dessa disciplina um trabalho interessante sobre as questões acerca das questões das epistemologias feministas, no que diz respeito principalmente a tecnologia. Era uma proposta interessante, mas a gente não conseguiu conciliar isso com o andamento da disciplina, e isso acabou se tornando mais um apêndice à disciplina, então é uma questão bastante complexa*”.

Parece-me emblemático ponderar e destacar que em sua própria resposta a professora cita as Epistemologias Feministas. Isso quer dizer que a pesquisadora já entrou em contato com o panorama científico em questão, não sendo assim inocente/inconsciente em relação a sua existência enquanto uma alternativa à produção/ veiculação de (novos) conhecimentos.

Gostaria de articular que talvez apenas uma breve apresentação de modo mais objetivo sobre a existência as epistemologias enquanto um convite para maiores aprofundamentos posteriores à disciplina por parte da professora já poderia significativamente ter abrandado [*ou ainda mais escalonado!*] a angústia da aluna no sentido de que não apenas 1) há filósofas da ciência mulheres preponderantes nesta área científica quanto, 2) de tão preponderantes que elas tem sido, todo um movimento científico se estrutura a partir de seus (in)acreditáveis esforços.

Ao invés disso, entretanto, outra coisa acontece.

[*Enlouquecedoramente!*] denuncia-se em sua fala apenas que o panorama das epistemologias feministas já foi apresentado por outra interlocutora na própria disciplina em formato de um trabalho final - ou seja, enquanto uma contribuição de outra [*teimosa*] colega. Mas que, aparentemente, esta contribuição foi também relegada às sombras da disciplina, sem adquirir a partir disso e infelizmente, suficiente forma.

Assim, cultivam-se novas hipóteses:

alguém já tentou no passado articular caminhos a fomentar as Epistemologias Feministas “r-existent” no módulo? Alguém já tentou pleitear essa “crise” em tal “disciplina madura” anteriormente?

A professora afirma em complemento que tal contribuição se tornou “*um apêndice da disciplina*”.

Acho produtivo elucidar ainda que eu nunca tive acesso a tal “*apêndice da disciplina*”, e, além disso, questiono também respeitosamente mais esta camada de “*complexidade*” [*é uma questão bastante complexa, diz a professora*] à temática narrada:

Por que não foi possível “consequir” conciliar “isso” com o andamento da disciplina, uma vez tratando-se de uma “proposta” delimitada como “interessante” pela própria?

F. Esta é uma questão... que precisa ser pensada para além do âmbito da disciplina?

Um pouco mais adiante em sua fala, a docente expõe que “*eu gostaria de dizer que esta é uma questão que precisa ser pensada para além do âmbito da disciplina, porque as nossas tentativas mostram que tem algo... tem um sistema mais amplo do que o nosso aqui forçando para que seja como está. E isso dizendo que sim, você tem toda a razão na sua problematização*”.

Diante desta colocação, questiono-nos: será que esta é de fato uma questão a ser pensada para além do âmbito da disciplina? Ou, na realidade, a disciplina poderia justamente servir como um espaço a se construir, contribuir, ou, ao menos, se fortalecer a apresentação das linhas científicas de resistências ao tal “sistema mais amplo forçando para que seja como está?”. Ou seja, servir-nos como um espaço a se promover uma *opus contra natura* entre “o clássico” e o que o transcende?

Além disso, o que poderia ser esse “algo”, ou que “sistema mais amplo do que o nosso aqui forçando para que seja como está” poderia ser esse?

E, principalmente: não poderia ele ser minimizado em seu poder justamente a partir dos esforços desse... coletivo de “alguéns”?

G. A solução não é imediata... mas seria ela possível sem um compromisso ativo com os re-começos?

Após pontuar-se a estudante que “sim, você tem toda a razão na sua problematização”. Seguido de um “*eu estou absolutamente de acordo com essa... com essa perspectiva*”, a professora estabelece que “*só digo que a solução não é tão imediata*”.

Concordo com a fala da professora sobre o seguinte aspecto: o problema de fato está longe de ter uma solução imediata, como muito se evidencia a partir de sua própria fala da ministrante e, especialmente, a partir das próprias produções feministas a serem apresentadas a seguir.

Ainda assim, seria essa tal “solução” minimamente possível enquanto um futuro, mesmo que distante, se nosso compromisso enquanto cientistas for com exclusivamente posto em alinhamento com o que já está “amadurecido”, ou seja, com o normativo, ao invés de com sua transformação?

Em outras palavras, a solução não é mesmo imediata... mas seria ela minimamente possível senão a partir de ativos comprometimentos com os re-começos?

Como veremos, um dos grandes apelos feministas no científico é revisitar não apenas a dita “má” ciência - ou seja, aquela que apresenta claros problemas de metodologia, procedimentos, etc, - como também aquelas que, distantes de outras possibilidades de olhar, delimitou-se exatamente como a “boa” e incontestável ciência.

Aprofundaremos, mas fica marcado o ponto: o que poderia denotar uma disciplina efetivamente “madura”? Aquela que se mantém indefinidamente como é ou aquela que se permite desafiada à transformações cíclicas?

H. O convite: “*just do it!*” ... é suficiente?

Finalmente, o professor que divide a aula do dia com tal pesquisadora articula seu próprio ponto final (final?) para a questão: “(esse) *é até um convite a que você se*

especialize em filosofia da tecnologia feminina, quem sabe um dia você não possa compor o nosso quadro como professora, não é?”, diz ele sorrindo.

A professora então sorri de encontro a ele e complementa: *“sim! sem dúvida!”*.

Na última sessão dessa dissertação, se dará aprofundamento acerca das sutilezas entre os termos “femininA” e “feminiSTAS”, o que, por si só, já nos possibilita uma série de (novas) questões em ciência.

Atendo-nos nesse momento, portanto, exclusivamente ao convite - ou “solução” - que se estabelece a partir da fala do professor - interessantemente aliás dono da “palavra final” daquilo que muito claramente a professora fez questão de que fosse “sua” questão a ser respondida:

A delimitação de que a própria aluna fosse aquela que se especializa em “*filosofia da tecnologia feminina*” e, assim, em um futuro (quem sabe não tão, tão) distante, alterasse o rumo “*das coisas como estão*” em relação ao tema proposto a partir de seus próprios esforços individuais e heroicos.

Em relação ao ponto, questiono-nos de modo absolutamente prático:

Seria mesmo suficiente que uma mulher - e com os contornos de trabalho que a própria aluna narra ter em sua pergunta, aliás (de sobrecarga de tarefas e papeis) - fomentar o estudo acerca de uma filósofa mulher...

...para que aS mulhereS tenham espaço na ciência?

Ou a própria resposta da professora no evento pontual já nos denota que infinitos esforços científicos como este que lhes apresento, caso desarticulados, nunca serão capazes de minimamente cutucar uma disciplina “madura”, como diz a professora, em outras direções, quanto mais um sistema inteiro de produção e difusão de saberes?

I. “sim! sem dúvida!” dizem eles. Mas... será?

A partir de tal proposta do professor, os dois professores se abrandam em suas próprias angústias, e, assim, parecem sobrar apenas os sorrisos: “*sim! sem dúvida!*” diz finalmente a professora ao “*convite*” do professor à estudante.

O “problema” está, afinal... resolvido!

Mas... será?

Ou articula-se assim apenas mais uma forma de silenciamento?

Estes questionamentos foram alguns dos combustíveis a partir dos quais (re)estruturam-se este pesquisar.

Destinada agora a demarcar a partir de tal materialidade, via atravessamentos psíquicos, a (in)evitabilidade... de que as epistemologias feministas (R)existem(!), ou, no mínimo, apresentar a preponderância deste movimento em ciência que em muito faz revisar o que “é” e o que “não é” “científico” posso lhes afirmar, como já apresentado acima que não apenas temos inúmeras filósofas da ciência mulheres. E, além disso, mulheres brasileiras dedicadas a construir sobre suas contribuições com muita seriedade e profissionalismo...

...como temos também pontuações feministas em filosofia da ciência ecoando com tanta profundidade, que toda uma perspectiva epistemológica floresce a partir dos esforços desses corpos dissidentes, a grandemente influenciar e subsidiar, como se apresentará a seguir, toda uma transição paradigmática em ciênciaS (ainda/ou já) em curso – estas, aliás, emblematicamente citadas, inclusive, pela professora em sua resposta, como explorado anteriormente: as Epistemologias Feministas.

Mais especificamente e em resumo parcial, vale reforçar estar presente, sob o ponto de vista que lhes apresento, no planejamento pontual desta ementa acadêmica e na vivência que dela se faz possível nesta disciplina:

- 1) Não apenas a ausência de “*uma aula ministrada sobre uma filósofa da ciência mulher*” em *uma disciplina de filosofia da ciência* - como pôde pontuar a partir do ponto de vista que lhe foi possível com a vivência da própria disciplina minha colega de classe;

como também, como se pode observar a partir de um estudo mais aprofundado extra-classe (ou seja, com o que se pôde desenvolver com um ampliar de um foco de visão acerca da temática para além dos horizontes de aprendizado disponíveis pontualmente naquela sala de aula)

- 2) uma negação *ativa, ainda que mais ou menos deliberada*, mais ou menos consciente, de toda uma série de *movimentos sociais, científicos e epistêmicos enormemente preponderantes* ao desenvolver das perspectivas contemporâneas em ciênciaS que em muito se elencam exatamente a partir dos esforços de taiS mulhereS e demais “corpos dissidentes” e que, diante de tal apreço crítico, permite-nos também vislumbrar o quanto nas próprias respostas estabelecidas pela professora podemos demarcar esta como uma realidade assim configurada 1) não porque a temática não é “interessante” o suficiente; nem porque autoras que acerca delas poderiam palestrar não existem. Mas, especialmente, 2) porque criar espaços para esse tipo de argumentação dependeria, e aqui conto com suas próprias palavras, “*de todo um trabalho de conciliar interesses de pesquisa para que isso aconteça*”. E, porque, isso, ao fim das contas, não está estabelecido pelos responsáveis pela disciplina como uma prioridade no planejamento e no conduzir de um módulo obrigatório à formação dos novos pesquisadores em questão.

Assim, ainda que se reconheça as limitações/finitude do ego em relação a imensidão/infinidade do conhecimento. Ou seja, ainda que se reconheça a existência de muitos “apêndices” que poderiam ser desdobrados à própria disciplina e pensados enquanto possibilidades e atualizações contemporâneas em contraste com a também reconhecida necessidade de transmissão dos saberes “clássicos/tradicionais”, uma vez que esses inevitavelmente constituem as fundações e as bases das ciênciaS ocidentaiS, algo insiste em reverberar indigesto em minha assimilação dessa experiência, e, assim, parece merecer destaque em direção a possíveis novas digestões, re-considerações e elaborações futuras:

- Como pode ficar e seguir ficando de fora da ementa de uma disciplina ‘obrigatória’ de ‘filosofia da ciência’ de pós-graduação em uma universidade tão influente, em pleno 2023, o panorama das Epistemologias Feministas sendo estas,

como pretende-se apresentar a seguir neste artigo, uma das grandes marcadoras das transições paradigmáticas pós-modernas?

- Como pode não ter havido nem mesmo *uma aula*, ou ao menos diante dessa pergunta de minha colega de classe *um (um pouco menos) breve comentário* sobre as *Epistemologias Feministas* naquele contexto situado, tendo este movimento científico tamanha preponderância (sombria?) que tem ao próprio desenvolvimento científico?

- Mais ainda, como cultivar um pensamento crítico nos estudantes produtores de ciênciaS sobre as próprias ciênciaS em direção a novaS camadaS de seu desenvolvimento sem apresentar-lhes as perspectivaS/movimentoS sociais/científicos que são preponderantes a articulá-las como possibilidades?

(Aqui, estipulo que não terei esse fôlego, mas que vale também não silenciar e dar ênfase aos (cada vez mais) complementares e indissociáveis aoS feminismoS movimentos negro, *queer*, decolonial etc.)

- Como pensar o “amadurecimento” do científico se as “disciplinas maduras” não se abrirem em direção àquilo que vai para além do que “já está dado/estável/replicável?”.

O almejo desta exposição não é o de fechar, mas justamente o de abrir questionamentos, fazendo-o como nos orienta Harding (2019): de baixo para cima, ou seja, da realidade para a abstração. Assim, estas perguntas e essa angústia por aqui ficarão. Esperançosamente não apenas em mim, mas também em meu interlocutor.

Sabe-se, afinal, que estes resultados parciais não são exclusivos de minha vivência, mas consonantes ao que também se demonstra por outras pesquisadoras que avaliam a prevalência dessa abordagem no ensino universitário e na ciência brasileira, como se vê por exemplo na construção de Martha Narvaz e Ana Koller (2006, p. 652):

o feminismo invadiu as ciências e adentrou a academia, a pesquisa e a clínica. No entanto, as produções feministas ainda têm um estatuto científico marginal, o que é evidenciado pela dificuldade de sua institucionalização nas universidades e pela publicação ainda circunscrita a poucas revistas científicas especializadas no tema, tais como a Revista Estudos Feministas,

da Universidade Federal de Santa Catarina, e a Cadernos Pagu, da Universidade de Campinas

Assim, como afirmam Maria Pereira e Ana Santos (2014), se o problema se apresenta a nós de modo demasiado “disciplinado”, a resposta só pode estar na “indisciplina” - sendo tal “indisciplina” pontuada aqui entre aspas justamente para diferenciá-la de uma mera atitude imatura/destrutiva/em desenvolvimento por si só e, ao contrário, para simbolizá-la como um posicionamento sóbrio/criativo/responsável de resistência que, como apresentam as autoras (2014, p.15) “resulta da constatação de que, face a realidades fragmentadas, múltiplas, caleidoscópicas, não se torna possível, nem desejável, conter a produção de conhecimento em disciplinas dominantes”- .

A partir destes contornos, portanto, se delimita justificado o esforço que se desdobra a seguir em apresentar e fomentar a emergência das emblemáticas revisões feministas em ciências. Urgentes, como se contextualiza a seguir, a partir de uma transição paradigmática... notadamente (ainda) em curso.

6. DA MODERNIDADE A PÓS-MODERNIDADE: UMA TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA... AINDA EM CURSO

Dentre outros, Thomas Kuhn (2012) é um autor basilar a nos subsidiar psicologizações acerca do ‘científico’ em direção a novos horizontes de seu próprio desenvolvimento, pois trabalha com modelos de conhecimento/ciência que os assume enquanto consequências de práticas sociais e produtos do desenrolar histórico.

Estabelecendo-se como uma referência clássica aos estudos da filosofia da ciência, o autor é responsável por estruturar bases para a compreensão contemporânea de que “a ciência”, ou melhor, aS ciênciaS, não são apenas descritivas, cumulativas e objetivas como superficialmente pode-se supor, mas que ao contrário, são construções especialmente *interpretativas e normativas*, estruturalmente atravessadas pelas relações de poder e, principalmente, pelas resistências ao novo de cada tempo histórico (Kuhn, 2012).

O autor delimita ainda que a compreensão científica não se estrutura linearmente, mas se dá na relação com os paradigmas que estruturam e estabilizam

o pensamento de uma época, de modo que, quando nos atentamos a história da ciência, deparamo-nos com a ciclicidade de seu desenvolvimento (Kuhn, 2012).

Por esta linha de pensamento, ainda segundo Kuhn (2012), de tempos em tempos uma “ciência normal”, ou seja, uma ciência estruturada e suficientemente funcional (e dessa forma resistente em perder tal status homeostático) entra em crise ao deparar-se com um novo saber que irreparavelmente abala sua relativa estabilidade, sendo forçosamente exigida a re-construir-se em direção a uma ‘ciência extraordinária’, que hora ou outra desembocará em uma revolução científica, e, conseqüentemente, uma nova ciência normal, a deparar-se com nova crise, e assim sucessivamente (Kuhn, 2012).

Ou seja, a partir de sua construção teórica, estabelece-se revolucionariamente para a época que “a ciência”, ou melhor, aS ciênciaS que não são neutras, mas construídas social e historicamente. E não sem boa dose de conservadorismo! (Kuhn, 2012).

O autor não é capaz de aprofundar este pensamento, mas a partir de tal estudo, ele próprio já estabelece grande crítica em relação a distinção entre contexto da justificação e da descoberta em ciências¹⁴, denotando enfim que é essencial termos um conhecimento detalhado da história da ciência de modo a compreender os paradigmas vigentes e antever os desdobramentos possíveis e impossíveis em determinado tempo histórico (KUHN, 2012).

Abordando especificamente a questão das transições paradigmáticas em ciências e auxiliando-nos a ainda mais colorir a questão das “disciplinas amadurecidas”/endurecidas para além de Kuhn, Boaventura de Santos (2002, p.15) delimita que a “a morte de um paradigma traz dentro de si o paradigma que lhe há de suceder”, mas que não é possível delimitar com exatidão senão a posteriori quando

¹⁴ em que, como desenvolve Noel Struchiner (2018, p.2) por contexto de descoberta denota-se “os fatores sociológicos, históricos e, principalmente (...) aos fatores psicológicos que explicam, do ponto de vista causal, como o cientista chegou a sua hipótese ou teoria” enquanto o contexto de justificação desdobraria “a maneira como ele vai justificá-la, explicitamente, perante a comunidade científica, como uma posição aceitável pelos seus pares” (Struchiner, 2018, p.2). Pela configuração clássica de produção de ciências, estabelece-se ser necessário estar explícito, em um produto científico final, apenas a exposição clara dos contextos de justificação de uma pesquisa.

efetivamente se concretizou “a morte”, ou seja a transição irrevogável de um paradigma científico para o seu subsequente.

Ainda segundo Santos (2002, p.15), isto se deve porque, apesar de a transformação entre paradigmas científicos ser “incomensurável”, sua determinação depende de “pensamentos comensuráveis” para delinear-se à consciência coletiva, sendo deste modo a experiência transicional entre paradigmas sempre um processo “semi-cego” ou “semi-invisível” àquele que a está experienciando.

Paulo Beer (2023), ao explorar o panorama do negacionismo no enfrentamento da pandemia do COVID-19 é capaz de ilustrar bem este fenômeno, demonstrando como, apesar dos incessantes esforços da filosofia da ciência contemporânea a refutar, criticar e revisar o panorama da “objetividade” das ciências, a ciência moderna segue sendo objeto inevitável de nossas idealizações.

Segundo o autor, este panorama denotaria um entrave psíquico em nossa capacidade de elaborar esta transição paradigmática em ciências, e conseqüentemente, de efetivamente descrystalizar e dar vazão criativa às novas posturas científicas que estimulem e cuidem de seu próprio desenvolvimento.

Fazendo um paralelo com os conceitos de luto e melancolia da teoria freudiana, portanto, o autor fomenta ainda que tal impossibilidade em enlutarmos tal “ciência ideal” constela uma posição melancólica em nossa relação com o científico “caracterizada por uma identificação com o objeto perdido que faria o Eu tornar-se alvo de intensas expressões de sadismo e masoquismo moral” (Beer, 2023, p.6).

Ainda assim, em consonância com os postulados que iniciam esta exposição, Beer (2023, p.8) estabelece ainda que a (im)palatável falência da ciência ideal “não é fruto somente do trabalho dos filósofos da ciência, mas, sim, um efeito dos próprios limites do fazer científico.”, sendo, de tal modo articular formas de tornar este luto possível “uma tarefa incontornável” para a própria evolução científica. Em suas palavras,

Não se deve subestimar quanta energia já foi – e ainda é – investida em tentativas de garantir uma suposta pureza do conhecimento. Por isso, realizar o desinvestimento que aqui propomos e poder lidar com a angústia produzida é um processo longo, com idas e vindas, que deve ser atravessado com cuidado. Essa marcha já foi iniciada, como mostra o trabalho de diversos

autores aqui reunidos, e muitos outros. Mas é necessário seguir, atentando-se para os entraves pulsionais e evitando a tentação de restituir um lugar ideal. Talvez seja uma boa maneira de tirar da ciência o que de melhor ela oferece, que não é a capacidade de produzir verdades absolutas, mas, sim, de implicar seus sujeitos na incompletude de sua produção (BEER, 2023, p.8).

Na dança entre energias regulatórias e energias emancipatórias na produção do científico, deste modo, os limites entre crer utopicamente na superação de um modo de pensar em ciênciaS que tem se mostrado obsoleto a das próprias descobertas científicas *versus* a demarcação concreta da “morte” de determinada forma de pensar em direção a novos horizontes de seu próprio desenvolvimento - se é que ela existe - é sempre delicada, a ser marcada em definitivo sempre *a posteriori* na história do científico (Santos, 2002).

Apesar das grandes resistências nessa direção, entretanto, nota-se ainda que a ascensão do paradigma pós-moderno é irrevogável (Santos, 2002).

Sobrepondo-se assim progressivamente ao modelo científico que lhe antecede e delimitando que no contraste com o paradigma científico pós-moderno, portanto, Santos afirma com firmeza que “o paradigma da modernidade deixa de poder renovar-se e entra em crise final” (2002, p.15), sendo sua reminiscência na psique coletiva “nada mais do que efeito de uma inércia histórica, que denota a crise de todo um modelo de civilização”, como pontuam em complemento Lourdes Batista e Rosana Salvi (2006, p.172).

Nessa direção, Lima e Faria (2022) discorrem que é impossível não reconhecer a relevância do movimento feminista para a transformação e mobilização social na pós-modernidade, sendo os feminismos responsáveis por estruturar uma série de “ferramentas para se repensar as teorias do conhecimento e nossos lugares na sociedade e cultura” (Lima e Faria; 2022, p.26 e 27).

Barbara Tancetti e Luna Gimenez (2022, p.2), em complemento, apontam que podemos estabelecer que uma das grandes marcas da ciência pós-moderna é justamente a teoria crítica e o pós-estruturalismo que se subsidia principalmente a partir da “da crescente visibilidade, disseminação e ramificações do movimento feminista, do pensamento decolonial, dos movimentos negro e *queer*”, promovendo assim uma potente revolução acerca dos “pressupostos hegemônicos e totalizantes

acerca das estruturas sociais e da produção de conhecimento que atingiu seu auge na década de 1980” (Tancetti e Gimenez, 2022, p. 2).

Assim, assume-se a grande influência dos movimentos feministas - articulados dentro e fora da academia e com mais firmeza especialmente a partir da década de 60 - a se fomentar a compreensão

[ou, ao menos, a se estabelecer tais convites sóbrios à consciência coletiva

- e não sem os devidos lutos necessários!]

de que “A ciência” - ou seja, uma produção científica desenvolvida em lealdade ou compromisso irrefletido com os moldes tradicionais de ciência - nunca poderia plenamente subsidiar a construção de saberes efetivamente abertos à pluralidade psicológica, independente de quantos esforços se despendesse nessa direção.

Com o intuito de não apenas explicar, como também de instrumentalizar e intervir frente a essa realidade, emergem as Epistemologias Feministas, perspectiva do conhecimento que “referem-se menos à adoção de técnicas específicas de coleta de dados que à inclusão dos aspectos de gênero e de poder na construção do conhecimento”, como bem demarcam Martha Narvaz e Sílvia Koller (2006) e exploraremos a seguir.

7. AS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS: UM ESFORÇO PLURAL... EM DIREÇÃO A (NOVAS) PLURALIDADES

Como na música “Triste, Louca ou Má”, de Francisco el Hombre, em que se narra que “só mesmo/ rejeita/ bem conhecida receita/quem não/sem dores/ aceita que tudo deve mudar” a conclusão acerca da urgência de toda uma revisão crítica acerca das bases da ciência, se dá entre as feministas engajadas nessa causa a partir de uma observação bastante simples e pontual, mas absolutamente derradeira e inevitável.

A elucidação de que, desde as suas bases, a “ciência”, ou seja, a produção científica, em seus moldes tradicionais, conta com um firmamento estruturalmente problemático: os ‘saberes’ e ‘verdades’ que a alicerçam se deram, quase que com

exclusividade, a partir de um único ponto de vista. O d'aqueles que, a seu tempo, “podiam saber”, ou ainda, o daqueles que, por um bom período histórico, quase que com exclusividade, (d)escreveram(-se) em sua experiência social.

A estimular, portanto, (novas) torções acerca viabilidade de firmamentos científicos como por exemplo a noção de “objetividade”, “neutralidade” e “universalidade” em ciência, principalmente com base no aprofundamento dos estudos das experiências sociológicas de gênero, raça e classe. Ou melhor, a problematizar e des-construir as bases de produção não apenas da dita “má ciência” - ou seja, daquela que apresenta claros problemas metodológicos - mas também daquela que foi considerada “boa ciência” até então (Haraway, 1995, 2000; Neves, 2005; Harding, 2019), com especial afincamento ao longo das últimas décadas, o movimento feminista tem provocado a academia, especialmente as ciências sociais, em direção a (re)elaborações de suas teorias tradicionais, delimitando como, em seus moldes clássicos de produção, o conhecimento conta com um sujeito de orações sociológicas demasiadamente específico, que em sua unilateralidade e primazia histórica, consciente ou inconscientemente, enunciam “o que é ser humano” necessariamente a partir de si e em direção a seus interesses (Harding, 1991).

Segundo Barbara Tancetti e Luna Gimenez (2022), deste modo, neste período marca-se “um movimento revisionista massivo de correntes tradicionais da arte, do pensamento e a própria maneira de produzir conhecimento”, tendo como ponto central estruturar “a visibilidade historicamente negada de mulheres, negros, populações originárias, homossexuais, transexuais, bem como outras identidades e existências que não correspondem às referências normativas da masculinidade, da heterossexualidade e da branquitude – “referências aqui compreendidas como princípios e não necessariamente sujeitos” (Tancetti e Gimenez, p.3, 2022).

Entende-se assim, a partir destas epistemologias, que em seus moldes tradicionais, a ciência se constituiu e foi aplicada historicamente de forma a dificultar ou impossibilitar a compreensão da participação das mulheres (e amplo sempre para demais corpos dissidentes!) na vida social (Harding, 1998). De modo que, como delimita Rodrigues e Menezes, (2013, p. 2) “desde sua gênese, a ciência, enquanto

modo de se construir o conhecimento, foi encarada como discurso de verdade, produzindo e reproduzindo relações de poder presentes em nossa estrutura social”.

É nesse contexto e com a intencionalidade de pluralizar o conhecimento, aponta Harding (1987), que surge o apelo por uma ‘metodologia feminista’ para produzir novas pesquisas e conhecimentos a “facilitar mudanças no mundo da vida cotidiana analisando o papel que as ideologias de gênero [e porque não acrescentar também raça e classe] desempenham em nossa organização social” delimitam em complemento Rodrigues e Menezes (2013, p.2).

Assim, questões sobre o método, a metodologia e a epistemologia da ciência tem sido foco especial das reflexões e intervenções feministas na academia, a avaliar como melhor reformular as distorções e parcialidades das análises tradicionais (Harding, 1987).

Entendeu-se finalmente a partir da perspectiva crítica/emancipatória dos feminismos, como bem pontua Harding (1987) que estabelecer as atividades e pontos de vista dos homens da classe e raça dominantes como única via de desdobrar novos saberes e leitura da sociedade, cultura, saúde e desenvolvimento de novas tecnologia. Ou seja, como o modelo unitário a descrever o que é e a experiência de ‘ser humano’ e sem considerar os enviesamentos daquele que escreve em função de seu próprio ponto de vista na construção social - que se dá em função de sua própria experiência de gênero, raça e classe - é extremamente questionável, tornando isso sim os saberes que desta forma se desdobram frágeis, unilaterais e excludentes (Harding, 1987).

Por meio dos movimentos feministas, negro, queer etc, portanto, elenca-se que a ciência e a vida em sociedade deveriam passar por uma total reestruturação, para somente assim efetivamente honrar as pluralidades. Afinal, “pesquisadores [inevitavelmente] aparentam não como uma invisível e anônima voz da autoridade, mas como um indivíduo real e histórico, com específicos e concretos desejos e interesses” (Harding, 1987).

Fomentando-se, assim, como propõem Raul Lima e Durval Faria (2022, p.22), que “a depender do uso prático que fazemos de determinado modelo teórico, podemos estar ratificando – até mesmo involuntária e inconscientemente – toda sorte

de discriminação sexista”, segundo Maria Rodrigues e Jaileila Menezes (2013, p.6), delimita-se assim, que “o feminismo tem se apresentado enquanto um movimento político, mas também como um projeto teórico- epistemológico que traz importantes avanços para o desenvolvimento de pesquisas no campo científico”.

Quando se fala de epistemologias feministas, portanto – considerando-se aqui as versões mais maduras do feminismo em que se pleiteia uma intervenção que leve em conta também os demais atravessamentos possíveis de um corpo ou seja, para as interseccionalidades e, conseqüentemente a todos os possíveis “ismos” de nossa cultura (machismo, racismo, capacitismo etc) - promove-se a compreensão de que precisamos ser “capazes de acolher certos desconfortos intelectuais, políticos e psíquicos, de considerar inadequados e até mesmo derrotistas determinados tipos de soluções luminosas aos problemas que nos colocamos” (Harding, 1987, p. 13), principalmente em ciências.

Assumindo-se assim que para a verdadeira produção científica é preciso sustentar/acolher uma certa angústia em relação a própria produção, dado que “modelos teóricos aos quais recorreremos, ao mesmo tempo se aplicam e não se aplicam às mulheres e às relações de gênero” (Harding, 1987, p.7), por esse prisma epistêmico estabelece-se finalmente que “as categorias analíticas feministas **devem ser** instáveis” (Harding, 1987, p.11). Afinal, “teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais” (Harding, 1987, p.11).

Levando-se em conta essa pontuação, justifica-se assim dois aspectos bastante característicos do movimento:

- 1) A pluralidade do movimento (os muitos “S”s que a partir dele se promove), e
- 2) os “usos criativos”/imaginais/simbólicos que se defende a partir dessa forma de trabalhar não só como *possíveis* em ciências como também como estruturalmente *necessários, urgentes e inevitáveis* ao desenvolvimento de (novos) horizontes do saber;

Podemos aprofundar essa exposição a partir da narrativa de Harding (1993, p. 7 e 8), disposta a seguir:

O esforço inicial da teoria feminista foi o de estender e reinterpretar as categorias de diversos discursos teóricos de modo a tornar as atividades e relações sociais das mulheres analiticamente visíveis no âmbito das diferentes tradições intelectuais. Se a natureza e as atividades das mulheres são tão sociais quanto as dos homens, nossos discursos teóricos deveriam ser capazes de revelar nossas vidas com tanta clareza e detalhe quanto supomos que as abordagens tradicionais revelem as vidas dos homens. Acreditávamos, então, que nos seria possível tornar objetivas ou exatas as categorias e conceitos das abordagens tradicionais, onde elas ainda não o fossem. (...)

Essas tentativas nos fizeram entender que nem as atividades das mulheres, nem as relações de gênero (dentro dos gêneros e entre os gêneros) podem ser simplesmente acrescentadas aos discursos sem distorcê-los e sem deturpar nossos próprios temas.

O problema não é simples, pois a teoria política liberal e sua epistemologia empirista, o marxismo, a teoria crítica, a psicanálise, o funcionalismo, o estruturalismo, o desconstrutivismo, a hermenêutica e outros **modelos teóricos aos quais recorreremos, ao mesmo tempo se aplicam e não se aplicam às mulheres e às relações de gênero**. Por um lado, é possível usar de certos aspectos ou elementos de cada um desses discursos para esclarecer nossos temas. Pudemos, assim, estender os limites propostos pelas teorias, reinterpretar suas afirmações centrais ou tomar emprestados conceitos e categorias para tornar visíveis as vidas das mulheres e a visão feminista das relações de gênero. No entanto, na melhor das hipóteses após todo esse esforço, não é raro que as teorias acabem por perder qualquer semelhança com as intenções originais de seus formuladores e adeptos não-feministas”

Como se destaca também na obra de Maria Pereira e Ana Santos (2014, p. 16), portanto, a partir dessa ótica epistêmica

a posicionalidade das/os investigadoras/es, as dinâmicas afetivas e de poder das suas relações com as/os participantes, e os investimentos pessoais de investigadoras/es e participantes na investigação deixam de ser vistos como enviesamentos que «contaminam» a ciência, e passam a ser encarados como elementos vitais e generativos do processo de produção de conhecimento.

Ainda a destacar a importância de nossos usos criativos/imaginários da e para produção científica a partir dessa perspectiva científica, estabelece-se em complemento por esse prisma epistêmico ser da grande valia analítica os estudos de materiais simbólicos produzidos pela cultura como contos, sonhos, arte, narrativas informais, etc para o elucidar de (novos) saberes. Outro aspecto que em muito permite-nos paralelos em relação a abordagem junguiana.

A diferença aqui está no enfoque, em meu modo de ver, complementar: enquanto pela perspectiva da Psicologia Analítica Clássica os contos, mitos e estudos

comparados nos auxiliam a demarcar os aspectos coletivos do inconsciente, pelo panorama feminista assume-se esses recursos como meios pelo qual cada pesquisador ancora, da melhor forma que puder, não somente os aspectos “universais” ou arquetípicos da psique (compreendidos também de modo plástico na teoria junguiana contemporânea, ou seja, como também atravessados pela cultura), mas também as próprias vistas que lhe foram possíveis ao pesquisador na relação com o mundo, sendo assim, conseqüentemente, um meio pelo qual, o autor responsabiliza-se pelos saberes que articula à coletividade como quem cultiva uma “colcha de retalhos como tática de ato político, desenhando que for preciso por onde quer que possa ser encontrado” (Austin, 2005, p.75; traduzido), ou ainda, sustentando “a construção de resultados parciais e situados, a serem dialogados com outros resultados parciais e situados com o fim de diversificar um espectro de potente vozes marginais ao critério de ‘normalidade’” (Austin, 2005, p.75; traduzido).

Segundo Sofia Neves e Conceição Nogueira (2005), estabelece-se finalmente que a partir da perspectiva feminista em ciência que “somos responsáveis pela ciência que produzimos, pelos discursos que cultivamos no cotidiano das pessoas e pelos efeitos que essas linguagens de poder têm nas suas vidas” (Neves; Nogueira, 2005, P. 411). Deste modo, elenca-se que as análises que se estabelecem a partir de seu próprio aterramento singular, humano, político, e, portanto, são “menos pretensiosas porque circunscritas nos espaços e nos tempos, não generalizáveis, forçosamente reflexivas e focalizadas na diversidade” (Neves; Nogueira, 2005, P. 411).

Ainda mais profundamente, estabelece-se a partir dessa abordagem, como articula Cecilia Sardenberg (2002, p.101) que “um saber alavancado na perspectiva e experiências das mulheres, ou seja, uma epistemologia enraizada nas desigualdades de gênero que se quer erradicar” permite-nos pensar o ponto de vista da mulher na atualidade não uma vulnerabilidade metodológica, mas uma vantagem epistêmica. Talvez especialmente o ponto de vista da mulher negra. Na medida em que “as desigualdades de gênero operam, de várias maneiras, no sentido de produzir experiências qualitativamente diferentes para mulheres e homens, bem como de posicioná-los em ângulos de visão distintos, senão opostos” (Sardenberg, 2002, p.101), e que, deste modo, fomentam para a mulher, nesse contexto, uma “dupla visão’ que lhes confere maior vantagem epistêmica” Sardenberg, 2002, p.101).

Dando-se ênfase a mais uma derivação possível, necessária e urgente deste movimento, a perspectiva decolonial, Catherine Walsh (2009, p. 14 e 15) elenca ainda que, a honrar este molde de produção é preciso “provocar um posicionamento – uma postura e atitude contínua – de transgredir, intervir, insurgir e incidir” (2009, p.14 e 15), estabelecendo-se deste modo a premência de se construir “caminho[S] de luta contínua no qual podemos identificar, visibilizar e incentivar “lugares” de exterioridade e construções alternativas”.

A partir desses modos de produção científica, portanto, Maria Rodrigues e Jaileia Menezes (2013) desenvolvem que “as metodologias feministas têm trazido nos últimos anos novas possibilidades para o estudo das dinâmicas sociais”:

Um dos principais pontos que as metodologias feministas têm ressaltado é a responsabilidade do/a pesquisador/a no trabalho científico, ou seja, a necessidade da adoção de uma postura reflexiva tanto durante o processo de pesquisa quanto às implicações dos resultados da sua investigação (Rodrigues e Menezes, 2013, P.6).

Ainda segundo as autoras, a partir da reflexibilidade “as metodologias de caráter feminista têm resgatado o valor da crítica e da reflexão na avaliação dos efeitos da dimensão social e relacional na produção dos discursos científicos” (Rodrigues; Menezes, 2013, P.6), delineando que “o conhecimento é sempre posicionado e contrário à imparcialidade, uma vez que é necessário ser parcial, se comprometer com o saber produzido na busca pela mudança social.” (Rodrigues; Menezes, 2013, P.6).

Como pontua Sofia Neves e Conceição Nogueira (2005, p.410), finalmente,

as teorias e as perspectivas feministas que estão na base das metodologias aqui em apreciação não sustentam, por isso mesmo, um modelo patriarcal ou de exclusão do sexo masculino, mas antes uma abordagem inclusa e propulsora da plena equidade entre os sexos na esfera pública e na esfera privada.

8. A OBJETIVIDADE FEMINISTA: UM POTE NO FIM DO ARCO-ÍRIS, OU UMA PARTICULARIDADE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA... ALCANÇÁVEL A PARTIR DO CORPO... CIBORGUE?

Instrumentalizando caminhos para re-imaginarmos a questão da objetividade em ciência a dos próprios moldes feministas, Donna Haraway (1995; 2000) é destacada como uma autora de grande ênfase ao panorama epistêmico feminista.

Basicamente, a autora articula que, entre as armadilhas, do absoluto relativismo (que impediria nossa produção científica) e, da fantasiosa objetividade adotada até então com naturalidade pelo homem hegemônico, podemos estabelecer uma (nova) alternativa à objetividade em ciências justamente na medida em que assumimos, nos responsabilizamos e nos implicamos com o aspecto necessariamente situado, corporificado, parcial e localizável de cada processo de *conheSer*, ou seja, justamente quando nos responsabilizamos e implicamos por nossas próprias vistas enquanto pesquisadores e promotores de registros científicos.

Por essa perspectiva, a autora delimita que os conhecimentos devem se constituir a partir de redes de conexões, sendo deste modo “precisamente na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional” (Haraway, 1995, P. 23).

Assim, a “objetividade [*feminista*] revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades” (Haraway, 1995, p. 21), elencando-se deste modo que “apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva” (Haraway, 1995, p. 21).

Defendendo assim que “precisamos aprender em nossos corpos” (Haraway, 1995, p. 21), a autora argumenta ainda que “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto” (Haraway, 1995, p.21), possibilitando-se deste modo a produções e veiculação de perspectivas assumidamente ativas e parciais de como se organiza o (nosso) mundo.

Em seu compilado, portanto, estabelece-se que “precisamos nos responsabilizar pelo que aprendemos a ver, tanto por nossas promessas, quanto por nossos monstros destrutivos” (Haraway, 1995, P. 21).

Assim, assume-se “a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo.” (Haraway, 1995, p. 30) de modo que “posicionar-se é, portanto, a prática chave, base do conhecimento organizado em torno das imagens da visão, é como se organiza boa parte do discurso científico e filosófico ocidental (Haraway, 1995, p. 27).

A subsidiar assim o aspecto criativo, situado e parcial desta linha epistêmica, assim como de modo a garantir sua objetividade/cientificidade, entende-se finalmente, como muito bem ilustra Haraway (2000, p.46) que “uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças” (Haraway, 2000, p.46), de modo que a pluralidade metodológica, ou seja, a utilização de vários instrumentos na coleta e análise de dados que respeitem a pluralidade/complexidade do processo de conhecer é assumida como um dos pressupostos interessante e viabilizadores das epistemologias feministas.

Assim, ao observar e estabelecer a premissa crítica de que as produções estadunidenses de seu tempo contavam majoritariamente com

profundos dualismos entre mente e corpo, entre animal e máquina, entre idealismo e materialismo nas práticas sociais, nas formações simbólicas e nos artefatos físicos associados com a ‘alta tecnologia’ e com a cultura científica.” (Haraway; 2000, p.45)

no final da década de 80, Haraway (2000) propõe-nos, a partir dos usos criativos da “blasfêmia e da ironia” como instrumentos narrativos/científicos, o desenvolvimento de um feminismo não de mulheres, mas de “ciborgues”, tendo assim, em definitivo, as fantasiosas fronteiras entre o homem, o animal e a máquina transgredidas e misturadas assim como elas o são na experiência contemporânea.

Com essa contribuição, se a teoria junguiana clássica nos aponta que a tarefa do desenvolvimento individual e coletivo jaz no caminharmos em direção ao oposto complementar àquele que domina a (nossa) consciência, como veremos mais afrente, Haraway (2000) na contemporaneidade, por sua vez, convida-nos ao “prazer da

confusão das fronteiras” (Haraway, 2000, p.35) assim como – e principalmente! – à “responsabilidade em sua construção” (Haraway; 2000, p.37).

Por esse viés, o “ciborgue” delimita-se tanto como “um organismo cibernético, híbrido de máquina e organismo” (Haraway; 2000, p.36 adaptado) quanto como “uma criatura de realidade social/ uma criatura de ficção” (Haraway; 2000, p.36) em que se pode articular uma delimitação “pós-modernista, não naturalista na tradição utópica de imaginar um mundo sem gênero” (Haraway; 2000, p.37). Ou, ousado complementar, não exatamente para a construção de um mundo *sem gênero*, mas para a construção de um mundo em que possa brincar com ele, ou seja, estabelecer-se criativamente na relação com o narrar coletivos dos gêneros.

O conceito ciborgue oferecido pela autora, aliás, permite-nos também uma boa primeira reaproximação à provocação que se deu inicialmente nessa obra acerca dos novos desafios em ciências em tempos de inegável aplicabilidade – à certos (e limitados) fins, de um “chat-GPT” e seus semelhantes. Especialmente no que tange à delimitação de quais esforços “humanos” são nesse contexto de fato relevantes para as novas produções de ciênciaS no contraste inegável com a aplicabilidade de tais recursos tecnológicos para uma escrita meramente mecânica, causal, linear.

Sob essa perspectiva, ironicamente, talvez possamos elencar a partir da autora que a escrita mais “humana” que se faz possível/disponível ao nosso tempo seja justamente a “escrita ciborgue” (!). Ou melhor, a escrita dos ciborgues. Uma escrita daqueles que se misturam com a tecnologia, utilizando-na em favor e em defesa de sua própria humanidade e, em um sentido mais amplo, em defesa ao próprio ecossistema.

Como nota a autora, afinal, as “disputas em torno dos significados da escrita são uma forma importante da luta política contemporânea” (Haraway, 2000, p.86) e, assim sendo, “liberar o jogo da escrita é uma coisa extremamente séria” (Haraway, 2000, p.86), como ela exemplifica a citar as poesias das mulheres negras que, ainda conforme a autora, “dizem respeito, repetidamente, à escrita, ao acesso [e] ao poder de significar; mas desta vez o poder não deve ser nem fálico nem inocente” (Haraway, 2000, p.86).

Assim, a

escrita-ciborgue não tem a ver com a Queda, com a fantasia de uma totalidade que, “era-uma-vez”, existia antes da linguagem, antes da escrita, antes do Homem. A escrita-ciborgue tem a ver com o poder de sobreviver, não com base em uma inocência original, mas com base na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que as marcou como outras (Haraway, 2000, p.86)

Em resumo, portanto, assume-se a partir da autora que a escrita é fundamentalmente “a tecnologia dos ciborgues” (Haraway, 2000, p.88), ou ainda e mais especificamente, que a política ciborgue luta justamente *pela linguagem*. Uma luta que se deflagra em última instância

contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita – o dogma central do falocentrismo. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina” (Haraway, 2000, p.88)

ou seja, que contra justamente a escrita mecânica, irrefletida, falsamente neutra, universal e objetiva.

Retomaremos a questão das escritas, suas fôrmas e suas urgências principalmente no terceiro capítulo dessa dissertação. Antes disso, entretanto, vale ainda fomentarmos um último aprofundamento a outros postulados também basilares a compreensão doS movimentoS feministaS em ciênciaS, estabelecidos por outra preponderante pesquisadora na área: Sandra Harding. Isto porque o pensamento que se apresenta a seguir é aquele que nos dará gancho à próxima aproximação criativa que se promove nessa obra.

9. UM MÉTODO FEMINISTA OU RASGOS FEMINISTAS? PONDERA SANDRA HARDING

Como um complemento ao que se apresentou até o momento acerca

- 1) da objetividade feminista como uma possibilidade estabelecida pelas Epistemologias Feministas exatamente por meio da responsabilização daquele que pesquisa acerca dos limites e potencialidades de seu campo de visão particular e, conseqüentemente, por aquilo que ele pode articular necessariamente a partir dele como sabereS;

assim como

- 2) a relativa concordância no próprio movimento em assumir a pluralidade metodológica (ou seja, o alargamento criativo doS “como” destrinchar determinadas informações, tanto na coleta como na análise de dados) como uma boa estratégia a se honrar justamente tal objetividade do narrar;

delimita-se em complemento nesta obra que os postulados de Sandra Harding (1983;1987) também são de grande valia a instrumentalizar e fortalecer os feminismos em ciência nesta direção.

Como apresentado anteriormente, a autora em questão discorre preponderantemente acerca da relevância do movimento feminista na promoção de interessantes torções e instrumentalizações ao paradigma e a práticas científicas na contemporaneidade.

A problematizar, esse esforço comum, mas, ao mesmo tempo, bastante multifacetado e complexo do feminismo em ciência, entretanto, Harding (1993) pondera-nos em complemento: será que podemos pensar em *um método feminista*?

Em seu artigo denominado “Existe um Método Feminista?” (Harding, 1987), destinado inteiramente a esta questão, a autora defende que a própria preocupação com a compilação de um ‘método feminista’ é em si um esforço falido, uma vez que nos se desfoca daquilo que, em seu ponto de vista, pode ser o mais interessante aspecto dos processos de pesquisaS feministaS.

Segundo a autora (Harding, 1987), deste modo, apesar de existirem importantes correlações entre epistemologias, metodologias e métodos de investigação, não é objetivamente o método de investigação aplicado por determinado pesquisador, ou pior ainda, a compilação sistemática do que poderia ser esse método aquilo que mais nos permite identificar “os rasgos característicos das melhores investigações feministas” (Harding, 1987, p.3 *tradução pessoal*), e conseqüentemente, nos oferecer os melhores mapas em relação a como promover ainda mais rasgos feministas em ciência.

Assim, ponderando ainda paralelos com a filosofia da ciência de Kuhn apresentada anteriormente nessa obra, pontua-se, a partir da autora (Harding, 1987), que do mesmo modo que a tentativa de delimitar “a mulher” nos primeiros esforços feministas mostrou-se incongruente ou insuficiente ao almejo central do *movimento feminista* em se fomentar espaços *às mulhereS na sociedade...*

...assume-se assim da mesma forma que se dedicar à forçosa [*fantasiosa!*] compilação de um “método feminista”, mostrar-se-ia no mínimo grandiosamente menos preponderante aos nossos objetivos centrais em ciências do que uma implicação genuína e coletiva em direção a compreender quaiS trabalhoS – e como o fizeram – puderam objetivamente promover efetivos “rasgoS” no científico, a estabelecê-los, esses sim, como bússolas em direção a (novas) produções feministas.

Por este viés, reitera-se que da mesma forma como apresentamos anteriormente que Kuhn (2012), a partir estudo da história da ciência, destilou a possibilidade de uma filosofia da ciência. Sendo assim capaz de evidenciar como os trabalhos que impulsionaram a efetiva transformação de paradigma científico vigente – tendencioso de fato ao conservadorismo para sua autopreservação e homeostase – não foram aqueles que desvelaram um conteúdo inédito à consciência coletiva, mas aqueles que foram capazes de tornar a assimilação de um novo saber [*sabor!*] palatável e/ou inevitável à consciência coletiva. Harding (1983; 1987), por sua vez, está a nos convidar que o que mais pode nos amparar em direção à construção de espaços para mais e melhores análises feministas na comunidade científica de modo semelhante.

Assim, fomenta-se, mais uma vez, que não é a compilação artificial/ engessada de um método o que mais poderia nos amparar em tal direção, mas, especialmente, a compreensão de quaiS trabalhoS puderam promover rasgos inéditos e inevitáveis ao científico e, especialmente, a análise de como estes o fizeram.

Ou seja, para agregar à uma ciência aberta às análises feministas, baseado na autora, entendo e alargo tal pensamento a delimitar que vale-nos subsidiar o estudo reflexivo-crítico feminista acerca da ciência divergente... que bem-sucedeu(!).

Em nome desse fim, delimita-se agora concretamente, assim como vislumbrou Kuhn sem tanto saber argumentar em seus “para quês” que a clássica distinção em filosofia das ciências entre contexto da justificação e contexto da descoberta efetivamente não é suficiente aos nossos fins ou, ao menos, pode tirar a potência de esforços como estes, mais poderosos em sua viceralidade para a ampliação/mobilização de novas “des-cobertas” (Harding, 1987; Kuhn, 2012).

Estabelece-se ainda pela autora e à fortalecer essa defesa que as perguntas que não são feitas em determinados estudos podem ser tão determinantes para avaliarmos o que se pode e o que não se pode elucidar a partir deles quanto as que são feitas por seus pesquisadores, articulando-se assim que, em última instância, que é preciso “refletir sobre o que a ciência não faz, as razões das exclusões, com elas conformam a ciência precisamente a partir das ausências, quer sejam elas reconhecidas ou não” (Harding, 1993, p.13).

No capítulo seguinte desta obra, promover-se-á justamente, sob o estímulo de tal insight de Harding (1987), o uso criativo da obra de C. G. Jung como um bom objeto de uma análise feminista a tal modo constituída.

Assim, estabeleceremos na próxima sessão desse trabalho justamente uma aproximação em relação a obra de C. G. Jung, explorando-a assim (e apenas quem sabe!) como uma boa referência dentre os autores clássicos, ou seja, como uma boa referência dentre aqueles autores que em um determinado tempo histórico podiam descrever(-se) - inclusive, a marcar suas dissidências com relação ao normativo(!) - a forçosamente amparar-nos em direção a nossos próprios interesses feministas em ciências, ou, ainda, em direção à nossas (in)próprias ciênciaS OutraS.

Antes disso, porém, nos atenhamos à algumas considerações e re-visões possíveis até aqui.

10. CONSIDERAÇÕES QUE FOMENTAM (NÃO TÃO NOVOS) COMEÇOS

Em sua pluralidade, as Epistemologias Feministas instrumentalizam uma série de revisões científicas acerca da objetividade, neutralidade e universalidade da

ciência em seus moldes tradicionais, operacionalizando novas perspectivas acerca da produção científica que se alinham ao paradigma pós-moderno de ciênciaS.

Sandra Harding (1983;1987) e Donna Haraway (1995; 2000) são destacadas como pesquisadoras preponderantes a instrumentalizar o movimento, dedicando-se a compilação de alguns aspectos centrais ao prisma epistêmico em questão, como a defesa às pluralidades metodológicas e a delimitação conceitual da “objetividade feminista”, entendida possível justamente a partir da responsabilização e implicação dos cientistas em relação ao aspecto necessariamente corporificado/situado/parcial dos saberes que produzem.

Reconhece-se também a partir do prisma epistêmico em questão a importância de usos criativos/imaginais daS produçõeS científicaS e também a grande valia analítica de materiais simbólicos da cultura como contos, sonhos, arte, narrativas informais, etc para a constituição de novas análises e discussões, assumindo-se assim que cada pesquisador deve ancorar da melhor forma que puder suas próprias vistas em relação a/ na relação com o mundo, e, conseqüentemente, responsabilizar-se deste modo pelos saberes que articula à coletividade.

Destacou-se ainda, a partir do narrar da própria experiência da pesquisadora, que o ensino desta forma de conheSer ainda não ocupa com preponderância a cena acadêmica, o que foi evidenciado nessa obra a partir dos recursos metodológicos da autoetnografia aplicada a uma vivência universitária pontual da pesquisadora em uma disciplina de Filosofia da Ciência e da Tecnologia cursada no contexto de pós-graduação em uma universidade pública do sul do Brasil em 2023.

Vale ressaltar, finalmente, que esses dados encontram ressonância com o narrar de outras pesquisadoras que se dedicaram a explorar a marginalidade dessa abordagem científica nos centros de difusão de conhecimento, como é o caso de Martha Narvaz e Ana Koller (2006, p. 652). Mas que, em contraste, em ambas as pesquisas reitera-se enfim o vasto movimento de pesquisas e pesquisadores/as/es que fomentam as epistemologias feministas (R)existentes no científico – a ponto de não caberem, em sua vastidão e complexidade, senão como um convite para novos aprofundamentos em um único artigo como este.

PARTE 2: POR ESCRITAS QUE NÃO MAIS SE DESCULPEM: JUNG COMO
ALGUÉM QUE ESCREVEU, E ASSIM... PODE SUBSIDIAR (NOVAS) ESCRITAS!

1. ESCRITAS QUE PROMOVEM “O RISCO DE SER REDUZIDO A PEDAÇOS PELO ENTRECHOQUE”

Benévolo

adjetivo

1. pronto a entender, perdoar; complacente, indulgente, magnânimo.
2. que tem bons propósitos; bem-intencionado.

Insólito

adjetivo

1. que não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal."enfermidade i."
2. que se opõe aos usos e costumes; que é contrário às regras, à tradição.
"um estilo i."

([Oxford Languages](#) online; acesso em 9 de outubro de 2023)

Em “Resposta à Jó” (Jung, 2011a), um dos escritos mais polêmicos de Carl G. Jung no que se refere às fronteiras com o pensamento dominante de seu tempo, o autor inicia sua exposição de forma bastante emblemática: com uma carta “ao leitor benévolo”, a pontuar que, “devido ao conteúdo um tanto insólito” (JUNG, 2011a, p.11) se estabeleceria ali “um pequeno prefácio, que o benévolo leitor não deveria perder de vista” (Jung, 2011a, p.11 adaptado).

Segundo o próprio autor – e o cito em suas próprias palavras para que possamos olhar juntos - seus esforços posteriores ilustrariam “uma espécie de confrontação” (Jung, 2011a p.16) que não o permitiria se “escudar por detrás de uma prudente objetividade” (Jung, 2011a p.16) mas que, ao contrário, pediam-no justamente coragem de expor(-se) em (sua) vulnerabilidade.

Especificamente no artigo em questão, o que estava em pauta enquanto objeto de novas ciências por parte do autor era o discorrer acerca da *experiência psicológica* da religião.

Jung antevê que ao dedicar-se ao tema com tal abordagem ele seria alvo de críticas tanto entre a comunidade dos “religiosos” quanto na comunidade dos “cientistas”. Uma vez que era também de sua observação que aos autores que “se ocupam com isso” (Jung, 2011a, p.11) está sempre dado “o risco de ser reduzidos a pedaços pelo entrelaço das partes que discutem acerca desses objetos” (Jung, 2011a, p.11).

Basicamente, portanto, com esse prefácio, Jung dedica-se a pleitear de antecipadamente a gentileza – ou seria *misericórdia*? – daquele que em breve entrará em contato com seu ensaio, apontando previamente sua angústia - ou seria consciência? – de que poderia ser mal-recebido em seus esforços científicos subsequentes.

É desse modo e com esses contornos que ele enfim assume publicar sua obra “Resposta à Jó” (2011a), elencando ainda que tal conduta constituíram/constituiriam “um desafio não só para o seu intelecto como também ao seu sentimento” (Jung, 2011a p.16), a lhe exigir “deixar que fale sua subjetividade emocional, dizendo aquilo que sinto (...)”. (Jung, 2011a p.16) para apenas então devidamente “*tratar de fatores numinosos*” (Jung, 2011a p.16), ou seja, temas carregados de energia psíquica, ou ainda, temas complexos, o que nos mostra muito sobre sua forma de trabalho.

Acredito ser de grande valia explorarmos tal exposição para além de suas próprias fronteiras iniciais e concretas. Ou seja, para além do tema da experiência psicológica da *religiosidade em si e*, mais amplamente, ao próprio narrar psicológico como um modo de veicular e articular produtos científicos.

Assumindo-se tal convite, o prefácio em questão parece-me tão rico e frutífero a desenvolvimentos e (re)imaginações em ciênciaS quanto o texto que dele se segue. Esse sim, bastante estudado e aprofundado por outros pesquisadores:

O que poderia estar por detrás de um “se ocupar (d)isso” a que Jung se refere na carta? E ainda, como podemos psicologizar o “risco de ser reduzido a pedaços”, antevista pelo pesquisador como uma consequência possível àquele que ousam se debruçar sob tal modo de escrever e, assim, produzir ciênciaS?

No capítulo anterior apresentou-se o panorama das epistemologias feministas como alternativas em ciências alinhadas ao paradigma pós-moderno de produção científica, articulando-as como um movimento que tem instrumentalizado uma série de revisões científicas na contemporaneidade justamente acerca da tal “prudente objetividade” da “boa ciência” a qual Jung parece se referir em sua carta “ao leitor benévolo” com tanta angústia: a ciência alinhada ao paradigma moderno de produção científica.

Além disso, expôs-se no capítulo em questão como, em nome da construção de ciênciaS efetivamente objetivas e abertas às pluralidadeS psicológicas, estabelece-se a partir do prisma epistêmico feminista ser irrevogável a responsabilização - ou a implicação - daquele que produz ciência em relação ao aspecto necessariamente situado/corporificado/parcial, ou ainda – e em ponte à teoria junguiana - psicológico acerca dos saberes ao qual um indivíduo elenca para a coletividade.

Neste capítulo, ousou elucidar ponteS entre as vias de conheSer em pauta (janguiana e feminista) estabelecendo como elas podem se complementar em seus objetivos, métodos e conclusões parciais, operando assim recursivamente ao pesquisador contemporâneo que deseje fomentar consciência e visibilidade à perspectiva de que nossos saberes não podem ser elencados, construídos e/ou consumidos senão como pontoS de vista (importantes e irrevogáveis justamente com estes contornos) sobre determinada realidade, pensamento que se faz presente, e não atoa, em ambas as propostas teórico/práticas (Haraway, 1995; Jung, 2013d).

Ou, como é possível complementar a partir da própria carta de Jung, como a partir de ambos os motes de re-conhecimentos podemos articular e ancorar, entre teoria e prática, a urgência de instrumentalizarmos ainda mais e melhores autores em ciênciaS com a “**coragem de expor(-se) em (sua) vulnerabilidade**” para escrever o que **escrevem** e, assim, sustentar suas diferenças com, no e entre o normativo da única forma que isso se faz possível: a partir de suas próprias vistas (Haraway, 1995).

Mais especificamente, no capítulo anterior estabeleceu-se também como, partir de Harding (1987), articula-se que o que mais pode subsidiar mais e melhores análises feministas em ciências, ou seja, mais e melhores “rasgos feministas” na “ciência

tradicional" em direção à ciências efetivamente abertas às pluralidades psicológicas, não é a compilação artificial ou engessada de um método dito "feminista", mas, especialmente, o assumirmos compreender quaiS trabalhoS – e , principalmente como o fizeram - foram eficientes em promover e sustentar "boas e decisivas análises feministas", e, apenas desse modo, desenvolvimentos inéditos e inevitáveis ao próprio científico.

Segundo a autora, portanto, deveríamos identificar os trabalhos que entendemos terem sido "bem-sucedidos" em seus fins e entender como eles assim o foram. Ou seja, ter neles bússolas de trabalho. Não como moldes a serem replicados irrefletidamente, mas como modelos de inspiração à construção de novos movimentoS.

Finalmente, como uma referência direta a tal convite de Harding (1987) e a honrar, mais uma vez, que em direção a efetivação de nossos interesses feministas na produção do conhecimento mais nos vale estudar o que há em comum dentre os estudos corporificados que bem-sucederam em concretizar transformações efetivas em "ciências" do que uma compilação arbitrária de uma metodologia dita "feminista", o capítulo em questão assume o objetivo de destrinchar os modos de produção e obra científica de C. G. Jung assumindo-o justamente como tal: uma boa referência, d'entre os autores clássicos, ou seja, uma boa referência, dentre os autores que em um determinado tempo histórico podiam d-escrever(-se) - inclusive, a marcar suas dissidências com relação ao normativo – a forçosamente amparar-nos em direção a nossos próprios interesses feministas em ciênciaS.

Salientando para tal de antemão inclusive a ressalva histórica de ser **o próprio autor**, em algum sentido, **um porta-voz de vozeS**. Ou seja, com o cuidado de retificar inclusive a compreensão que se tem hoje de que seus escritos em muito ganharam corpo a partir de esforços de todo **um coletivo**¹⁵, **constituído especialmente de mulheres**¹⁶, defende-se a seguir que, a partir de nossas próprias articulações criativas - estas sim, feministas - podemos estabelecer a jornada de investigação e produção científica de Jung como um meio pelo qual se pode ainda mais iluminar amparos

¹⁵ Aliás, que descoberta em ciência não contou com mais do que O braço e O cérebro que lhe ganhou crédito?

¹⁶ Ver Anthony, Maggy. Mulheres na vida de Jung, Editora Record, 1998

técnicos, teóricos e práticos para produções objetivas/situadas/corporificadas/psicológicas em ciências, assim como muito bem se ancora necessário e possível, como visto anteriormente, exatamente a partir do [(r)existente!] prisma epistêmico feminista.

Vale deixar marcada portanto essa sutileza: articulações e atualizações entre Jung e os feminismos não são novidade no campo junguiano. Autores como Susan Rowland (2002), Nancy Qualls-corbett (1990), Samuels (1989), James Hillman (1984), David Tacey (1997), Barbara Tancetti e Luna Gimenez (2022) dentre outros consideráveis autores contemporâneos, dedicaram-se e ainda se dedicam com muito afinco aos re-visionismos possíveis e necessários na obra do autor acerca das questões de gênero e sexualidade, principalmente no que se refere aos conceitos de anima e animus. Afinal, como expõe De Franco (2022, p.131):

É importante lembrar que Jung viveu em um tempo (1875-1961) em que as reivindicações de direitos e políticas públicas de gênero ainda se debruçavam sobre o direito à voto das mulheres em muitos países, em que a patologização das sexualidades e identidades de gênero não convencionais ainda era uma realidade potente, no qual ainda não se formulava entre muitas sociedades a possibilidade civil de casamento entre pessoas do mesmo sexo ou a alteração oficial e pública da identidade de gênero. Não existia ainda a Teoria Queer e toda esta corrente que brada por igualdade e justiça de gênero, particularmente quente hoje em dia e advinda das ondas do feminismo.

Assim, justamente por entender-se que os conteúdos políticos dos feminismos já vêm conquistando seus importantes espaços [*rasgos!*] teóricos e práticos no campo junguiano, este não é estabelecido como foco central dessa produção em específico¹⁷.

Assumindo concordância, isso sim, com a ideia articulada por Clarissa De Franco (2022, p.131) de que “tanto Jung quanto as teorias pós-junguianas são muito mais subversivas do que o uso que se tem feito delas” e lembrando que, como apontado no capítulo anterior, o feminismo é um movimento político, mas também, com é “um projeto teórico-epistemológico”, como elencam Matias Rodrigues e Jaileila Menezes (2013, p. 6), essa pesquisa se detém, por outro lado, principalmente a tal segundo aspecto do movimento aqui defendido: o epistemológico.

Deste modo, apropriando-se da jornada científica de C. G. Jung como um modo de subsidiar a objetividade feminista e a pesquisa corporificada, o que se promove

¹⁷ Ainda que seja explorado mais à frente algumas torções criativas a respeito do conceito de animus.

nesta obra não é exatamente o ímpeto de estabelecer pontes entre os feminismos e o pensamento de Jung propriamente ditos, mas sim, o desafio de justificar e subsidiar, a partir da obra junguiana, a produção, veiculação e transmissão de conhecimentos alicerçados a partir da objetividade feminista. O que denota um outro (e complementar) recorte re-visionista pós-junguiano.

Mas... como será feito isso?

A partir de tal contextualização e a honrar a provocação de Cixous (2022) de que devemos “roubar a língua para fazê-la voar”¹⁸, começaremos por conjecturar o próprio autor como alguém que aplica¹⁹, ainda que de forma preliminar e a um primeiro momento, velada

- ou, brinca-se aqui, “à frente de seu tempo”, e, portanto, dependente de novos desenvolvimentos(!) –

algo que em muito se aproxima do que se definiu na contemporaneidade como recurso autoetnográfico de pesquisa²⁰. Uma estratégia metodológica que se entende nessa obra de grande valia ao prisma epistêmico feminista justamente por promover de modo objetivo o ancoramento de um determinado saber em um específico ponto de vista, como apresentou-se anteriormente na metodologia deste trabalho.

Vale pontuar de antemão, entretanto, que não é possível ou mesmo almejado nesta obra, dizer que Jung *aplica a autoetnografia como ela é definida nos dias de hoje*, muito menos elucubrar o autor como “*sendo ou não sendo feminista*”.

Esse movimento seria, afinal, anacrônico e, portanto, inadequado ou, no mínimo, pouco produtivo.

Nesta aproximação criativa, parcial e situada entre a produção de Jung, o método autoetnográfico de pesquisa e as epistemologias feministas, em contraste, o que se defende aqui enquanto uma *possibilidade simbólica* é a partir de Jung

¹⁸ Tal pensamento e autora será aprofundado no terceiro capítulo dessa dissertação

¹⁹ Dentre outras estratégias metodológicas (ou seja, honrando também o convite feminista por um apreço plural de investigação!)

²⁰ Para a definição de autoetnografia, ver tópico “metodologia” (p.23)

subsidiarmos a autoetnografia e o prisma epistêmico feminista. E não a de defendermos o próprio autor como alguém que articula *ele próprio* tais paralelos.

Promove-se portanto para esse fim, especialmente dois eixos de análise:

1) Propondo e articulando o autor como **uma espécie de “exemplo prático” ou histórico** [*como uma prova “viva”²¹(!)*] de que falar a partir de si e em profundidade - como se defende também a partir do método e do prisma epistêmico em questão – pode promover ampliações de consciência significativas à coletividade.

Ou mais especificamente, de que ao produzir ciênciaS partir do próprio corpo é possível desdobrar **ciência objetiva e de qualidade, a depender principalmente de como tal autor amparará tecnicamente ou não sua investida científica;**

2) Estabelecendo-o, como alguém que, em nome de articular espaços no científico para **suas próprias des-cobertas, investimentos científicos e modos de produção dissidentes em seu tempo histórico**, ancora recursivamente um modelo teórico acerca do funcionamento psíquico que em muito subsidia a que não apenas o seu, mas também futuros estudos corporificados em ciência encontrem cada vez mais espaços e condições de produção e justificação no científico.

Para tal, elencaremos em tópicos algumas particularidades de sua produção e pensamento que suportam esta narrativa, a começar situando-o em seus próprios contornos criativos de produção científica.

Ou, porque não dizer, começaremos explorando “os problemas elencados como problemas” para o próprio autor em seus próprios meandros de relação com “a ciência e os cientistas” de seu tempo.

Isso porque assim como apontamos no capítulo anterior ter o emergir do prisma epistêmico feminista se dado a partir compreensão da impossibilidade dos moldes

²¹ Oferecendo, portanto, visibilidade teórica, operacional e prática para tal.

científicos tradicionais/positivistas/hegemônicos em abarcar com eficiência a totalidade das próprias des-cobertas feministas em ciências...

...defende-se aqui que, em sua época, Jung também muito se debruçou a compreender, destrinchar e ampliar os limites que o científico que o contornavam em seu tempo. Sendo possível demarcar em consideráveis trechos de sua obra momentos em que ele próprio articula o quanto re-visionar teleologicamente uma “postura científica” demasiadamente enrijecida (lhe) era urgente não apenas em nome da construção e defesa de sua própria abordagem teórico-prática, como também, de um modo mais amplo, para o bem-sucedido da própria Psicologia enquanto um campo científico (Jung, 2011b), como veremos.

2. CIÊNCIA NORMAL X A ANORMALIDADE DA ALMA: AS “PERSONALIDADES 1 E 2” DE JUNG E O CONFLITO COM OS LIMITES DO CIENTÍFICO DE SEUS PRÓPRIOS TEMPOS

Jung nasceu na Suíça no fim do século XIX, país que, nas palavras de Clair Douglas (2011, p.68) permaneceu, em contraste com o clima geral do resto da Europa, que neste período estava marcada por guerras internas e externas “ao menos aparentemente, uma federação forte, livre, democrática e pacífica”

[para quem??]

Sob tais contornos, o próprio Jung definiu-se como alguém que se constituiu “no entre” o que brincou serem suas “duas personalidades”. Personificações que, segundo Douglas (2011), combinam também com a atmosfera característica de sua terra natal.

Por um lado, havia em si um aspecto que elencou como “abertamente racional e esclarecido” (Douglas, 2011, 68) e que, assim, pôde delinear “cuidadosamente a psicologia analítica e apresentar, com base em evidências empíricas, o seu programa psicoterapêutico”, que parece consonar com o a “Basileia frugal e protestante” (Douglas, 2011, 68 e 69 *adaptado*) de seu tempo, que lhe inspiravam um “senso de ordem cotidiana e de estabilidade” (Douglas, 2011, 68 e 69), com um aspecto “austero, pragmático e diligente” (Douglas, 2011, 68 e 69);

E, em contraste, havia em si também um outro lado “que lembra o mundo natural da Suíça, devido a seu interesse pelas alturas e profundezas da psique” (Douglas, 2011, 69), alinhado assim “com o inconsciente, com o misterioso e o oculto na ciência e na religião herméticas, no ocultismo e também nos sonhos e fantasias” (Douglas, 2011, 69), articulado simbolicamente pelo próprio Jung como sua “Personalidade 2”.

Autodeterminando-se entre esses dois extremos em si, em busca de (quase sempre conflituosa) aproximação, podemos dizer então que tais opostos identificados pelo próprio pensador em sua autobiografia (Jung, 2015) como suaS personalidadeS em muito moldam também “seu tempero” e suas diferenças enquanto cientista (Douglas, 2011; Jung, 2015).

Afinal, se sua personalidade se desenvolvia no entre tais opostos complementares, como ele mesmo o descreve (Jung, 2015), a ciência de seu tempo, por outro lado, especialmente no contexto acadêmico da medicina e psiquiatria, é descrita no período em pauta como o terreno de “professores que tinham uma crença quase religiosa nas possibilidades da ciência positivista e uma fé inquebrável no método científico” (Douglas, 2011, 69) e, portanto, articulava de forma mais orgânica espaço apenas para os saberes que pudessem ser por ele desdobrados (ou ao menos por ele traduzidos!) a partir de sua “personalidade 1”.

Resumidamente, portanto, entre os moldes enrijecidos de ciência em seu tempo e o almejo de explorar e compartilhar os saberes psicológicos que desenvolveria com cada vez mais profundidade na relação com suas próprias experiências pessoais - e na relação (também) com sua “personalidade número 2” - tanto a partir de sua própria psique como no contato com seus pacientes. Ou, mais ainda, no seu próprio “entre “personalidades” e na relação com o desafio de fomentar o florescimento desse campo científico ainda em seus estágios iniciais de maturação, a Psicologia; o autor narra que muito rapidamente viu-se diante do incômodo de que para verdadeiramente conhecer um ser humano exige-se o abandono de pressupostos teóricos e um mergulho genuíno no encontro com o outro, enquanto para honrar “a atitude científica” posta como adequada a seu tempo, estava delimitado ser “responsável” justamente “não fazê-lo” (Jung, 2011b).

Dito mais diretamente, o autor [*apertado pelas fronteiras rígidas de 'ciência' em seu tempo?*] viu-se atravessado pelo contraditório entre a soltura que percebeu benéfica a seu exercício clínico e científico à elucidação de materiais psicológicos versus as estruturas da ciência em sua época.

Assim, Jung (2011b) assume progressivamente em suas construções teóricas que, sendo a Psicologia justamente o campo científico dedicado ao estudo das subjetividades, algo nessa lógica estritamente positivista de se produzir ciência precisaria compulsoriamente de transformação.

Afinal, ainda acerca da questão dos dilemas da objetividade científica em seus moldes tradicionais, Jung ancora na prática clínica que “quanto mais esquemático o tratamento, [*ou seja, quanto mais “científico”*] maiores as resistências no paciente e mais comprometida a possibilidade de cura” (Jung, 2011b, p. 16). E que, além disso, “pode-se dizer que o quadro real se baseia nas exceções da regra, e a realidade absoluta, por sua vez, caracteriza-se predominantemente na irregularidade” (Jung, 2011b, p. 14), sendo assim urgente em psicologia a perspectiva do olhar individualizado, e, porque não dizer, de uma objetividade situada.

Levando-se em conta tal premissa, o médico (e por que não expandir para todo e qualquer profissional implicado à perspectiva bio-psico- social-espiritual de tratamento?) não teria portanto outra possibilidade senão estar alerta, vigilante e respeito ao paradoxo inexorável de que “o método estatístico proporciona um termo médio ideal de uma conjuntura de fatos” (Jung, 2011b, p. 14), mas “não o quadro de sua realidade empírica” (Jung, 2011b, p. 14), pois “quanto mais uma teoria pretende validade universal, menor sua aplicação a uma conjuntura de fatos individuais” (Jung, 2011b, p. 14), e mais ainda, a inevitabilidade de que:

sob a influência dos pressupostos científicos, tanto a psique como o homem individual, e na verdade qualquer acontecimento singular, sofrem um nivelamento e um processo de deformação que distorce a imagem da realidade e a transforma em média ideal (Jung, 2011b, p. 17).

Finalmente, é com esses contornos que ele delimita enfim que a honrar o estudo e intervenção psicológica nos é preciso que se viabilize uma via intermediária entre o conhecer e o compreender (Jung, 2011b). De modo que,

Se o psicólogo em questão for um médico que não apenas pretende classificar seus pacientes segundo as categorias científicas, mas também deseja compreendê-los, ficará, em certas situações, exposto a uma colisão de direitos entre duas partes opostas e excludentes: de um lado, o conhecimento e, de outro, a compreensão. Esse conflito não se resolve com uma alternativa exclusiva – ‘ou ou’ – e sim por uma via dupla do pensamento: fazer uma coisa sem perder a outra de vista (JUNG, 2011b, p. 15).

Aqui, podemos pensar nossa primeira ponte em relação à abordagem feminista. Ao estabelecer ao psicólogo a necessidade de “uma via dupla de pensamento” (Jung, 2011b, p.15), Jung lembra-me o discorrer de Haraway (1995) que se dá quase um século depois, quando ela elenca não ser qualquer perspectiva parcial que nos serve ao desenvolvimento de ciênciaS. Mas que, ao contrário, é preciso que sejamos “hostis aos relativismos e holismos fáceis, feitos de adição e subsunção das partes” (Haraway, 1995, p.24), que impeçam assim, por sua própria unilateralidade, o desenvolvimento de (novos) todos.

Ainda mais profundamente, a perspectiva apontada pelo autor em muito se alinha ao proposto por Haraway (1995) - que já trabalha aos contornos e em consonância com o paradigma pós-moderno de produção científica, vale lembrar mais uma vez! – quando ela estabelece que “o imaginário e o racional - a visão visionária e a objetiva - circulam [*ou dever circular*] bem juntos” (1995, p.24). E, que, desta maneira, é justamente “o eu dividido e contraditório o que pode interrogar os posicionamentos e ser responsabilizado, o que pode construir e juntar-se à conversas racionais e imaginações fantásticas que mudam a história” (1995, p.26 *adaptado*).

Nesse sentido, vislumbra-se a partir da obra do autor que em ciênciaS, e, especialmente aos estudos psicológicos, precisamos desenvolver uma abordagem que equilibre os opostos e as possibilidades psíquicos/as.

Uma ciência em que “personalidade número 1” e “personalidade número 2” trabalhem juntas, fomentando somente com esses contornos a ampliação de consciência e a função transcendente. Afinal, como aponta o próprio autor, não podemos esquecer que “os fatos reais (...) evidenciam-se na individualidade” (Jung, 2011b, p. 14).

Estipula-se finalmente, com tais as contribuições teórico/práticas do autor, que é preciso evitar os dois extremos em ciências. Ou seja, tanto os exageros de

- 1) um universo e uma abordagem científica toda “personalidade 2” – ou do absoluto relativismo, como complementaria Donna Haraway – pois tais contornos não permitem a operacionalização de uma metodologia e de uma objetividade científica;

quanto o exagero de seu extremo oposto,

- 2) um universo e uma abordagem científica todo “personalidade 1” – positivista extremada, nas palavras de Haraway - pois essa postura minaria também possibilidade de se novos saberes, uma vez que poda tudo aquilo que se fomenta a partir do tratamento analítico do qualitativo, do numinoso, do subjetivo, do diferente, do não de todo compreendido, do conhecimento popular, etc.

Ou seja, de tudo aquilo que poderia encontrar caminhos a ser científico especialmente por meio do trabalho daquele que implica ao desafio de encontrar modos de iluminar e traduzir o que está para além do nivelamento e da média, ou, ainda, daquilo que foi (ou ainda pode ser) encontrado no sutil, no vivido, no subliminar, em uma escuta ativa, e, portanto, para além de uma fantasiosa objetividade. Esse tema será aprofundado mais afrente nesse capítulo²².

Elucidando-se assim progressivamente em sua obra os limites de uma perspectiva epistêmica positivista ao desenvolvimento dos estudos psicológicos e ao estudo do inconsciente, entende-se, deste modo, que mesmo nos momentos iniciais da produção de Jung (início do século XX), em que o autor ainda estava mais identificado a sua “personalidade 1” e com a própria formação acadêmica que obteve para o título de médico - esta que delimitava de fato o modelo empírico/positivista como a única forma de se produzir ciência - , estabelece-se que obra do autor oferece algumas importantes aberturas e questionamentos aos moldes de ciências

²² A questão do como se implicar em tal “encontrar, iluminar e traduzir”. Ou seja, a questão acerca da atitude propícia àquele que se convoca a desdobrar conteúdos para a consciência – o pesquisador - será foco ulterior de nossa reflexão ainda nesse capítulo. Especialmente no tópico “O “GÊNIO” É UM LOUCO... QUE BEM-SUCEDEU!”

tradicionais, servindo-nos como um importante personagem ao galgar de uma transição paradigmática entre o modelo moderno e os modelos pós-modernos de produção científica, especialmente em Psicologia.

Admitindo assim ser preciso lutar, inclusive [*especialmente!*] cientificamente, pela "anormalidade" do ser, notando 'normalidade' como uma fantasia moderna e avaliando seu oposto— o 'anormal', "tanto [como] uma definição estatística quanto uma condenação moral", como aponta James Hillman muitos anos mais tarde e em complemento, (1997, p.37). Delimita-se assim que é possível elencar, até mesmo em suas obras iniciais de Jung, sustentações teóricas, conceituais e metodológicas para (novas) transformações em ciências.

Desdobrados tais importantes aspectos da postura de Jung enquanto um cientista, ademais, estabelece-se que em última instância Jung não "desistiu de fazer ciência", nem mesmo não abriu mão de "uma fé inquebrável no método científico" que tanto lhe convidaram seus professores.

Ao contrário. O autor assumiu transformá-la!

Ampliar seus horizontes. Promovendo deste modo, entre a "chatice"/critericidade de sua "personalidade 1" e a "complexidade"/profundidade de sua "personalidade numero 2" – e em meio a árduos e criteriosos trabalhos para se chegar lá - o desenvolvimento e a possibilidade justamente de novaS aproximaçõeS metodológicaS em ciênciaS.

[e que não esqueçamos, "apanhando" muito enquanto/para/e até mesmo depois de concretizar seus feitos - parece que nem a mais bem formulada carta "ao leitor benévolo" poderia ser suficiente para alguém que assume incomodar tanto.]

Sigamos desdobrando e dando profundidade a essa perspectiva, especialmente a apresentar algumas características também excepcionais (especialmente a seu tempo) de sua obra.

3. JUNG: UMA OBRA ARTESANAL

Referindo-se aos esforços feministas em ciências, Sandra Harding (1993, p.29) pontua que as pesquisas mais interessantes a nos subsidiar em nossas análises feministas parecem surgir “precisamente nas áreas de investigação que permanecem organizadas artesanalmente”.

Talvez justamente como um reflexo do compromisso elencado por Jung em elucidar novas de novas formas de se conhecer em ciências, especialmente se a área do saber em questão for a Psicologia, como apresentou-se anteriormente, ou ainda e mais profundamente, por sua urgência particular em encontrar caminhos de aterrar à consciência coletiva (seu próprio?) conhecimento psicológico – como será ainda apresentado - caracteriza-se que a obra de Jung se desdobra exatamente desta forma: de modo artesanal!

Constituindo-se como uma produção recursiva, não sistemática, criativa, hermenêutica e, principalmente, situada a partir da experiência, estabelece-se assim que, ao longo de sua existência, C. G. Jung articula um vasto esforço científico, sendo até mesmo aquilo que conhecemos como suas “Obras Completas”, na verdade, apenas uma cuidadosa seleção de seus escritos (Hoerni *in* Jung 2015a, p.12).

Esse será o nosso próximo ponto de atenção e análise, fomentando articular por mais uma via argumentativa os limites de uma ciência psicológica alinhada ao paradigma moderno para seu próprio desenvolvimento e, em contraste, como é possível elencar a centralidade do próprio autor em pauta ao desenvolvimento de novas possibilidades e apetrechos metodológicos aos estudos psicológicos, a denotá-lo, como discorre Douglas (2011, p.85), alguém que subsidia “uma tradição mais subversiva e revolucionária” em ciência psicológica, e assegura, assim “o lugar da psicologia analítica na ciência pós-moderna do corpo, da alma e da mente” (Douglas, 2011, p.85) e, porque não complementar, portanto, como uma boa referência a forçosamente subsidiar-nos em ainda mais transformações em ciências.

4. AS OBRAS (IN)COMPLETAS DE JUNG: UMA PRODUÇÃO QUE SE DESVELA EM (IN)CONSONÂNCIA COM SEUS TEMPOS E TRAZ À TONA... UM PRODUTO CIENTÍFICO ...“ERUDITO” DE MENOS?

Como apontado anteriormente, C. G. Jung articula um vasto esforço científico, sendo até mesmo aquilo que conhecemos como suas “Obras Completas”, na verdade, apenas uma cuidadosa seleção de seus escritos (Hoerni in Jung 2015a, p.xii).

Para apresentar a preponderância de tal ponto ao próprio desenvolvimento do campo junguiano e também para convidar meu próprio leitor ao entendimento de que ele próprio, C. G. Jung, é alguém que, em nome de articular espaços no científico para suas próprias des-cobertas, investimentos científicos e modos de produção dissidentes, ancorou recursivamente um modelo teórico acerca do funcionamento psíquico que em muito subsidia a que não apenas o seu, mas também futuros estudos corporificados em ciência encontrem cada vez mais espaços e condições de produção e justificação no científico, apresento-lhes a seguir os emblemáticos contornos históricos da publicação de seu “Livro Vermelho”.

Como dito anteriormente, o que se considera e nomeia no Brasil “Obras Completas” de C. G. Jung é na realidade apenas uma seleção de suas produções²³, tendo ficado de fora de seu escopo, especialmente em sua versão original, algumas importantes construções de sua autoria (Hoerni in Jung 2015a, p.xii; Boechat, 2014).

É somente ao fim do contrato da edição alemã de suas obras, na década de 1990 – ou seja, vinte e nove anos após seu falecimento (1961) - que seus descendentes, proprietários desde então de seu arsenal teórico, passam a novamente questionar dispor ao público geral uma nova revisão de seus materiais inéditos, iniciando-se uma controversa ponderação sobre futuras publicações do autor (Boechat, 2014).

²³ Pondera-se atualmente inclusive alterar tal nomenclatura que o material recebeu em sua tradução para o Português. O nome do compilado de obras do autor seria então, como o é, por exemplo, na língua inglesa “Obras Coletadas” e não mais “Obra Completa”.

Não atoa, o alvo principal de análise e discussão acerca de uma eventual publicação na época foi uma [*muito e muito pouco “científica”*] obra de sua autoria: o emblemático ‘Livro Vermelho’ (*Liber Novus*).

Atentemos a esse ponto pois ele nos é muito rico às próprias psicologizações fomentadas nessa obra acerca dos dilemas entre produção, veiculação e partilha de novos saberes [*sabores!*] aos moldes científicos tradicionais/positivistas.

Basicamente, o Livro Vermelho é um compilado criativo fomentado pelo próprio autor acerca de seus diários de bordo (os denominados Livros Negros) daquilo que ele nomeou posteriormente como seu “autoexperimento”. Um projeto/processo ao qual o autor se dedicou entre os anos de 1913 e 1930, estabelecendo como objetivo desenvolver, uma “técnica para chegar ao fundo de [seu] processo interior” a “traduzir as emoções em imagens” (Jung, 2015a).

Articulada pelo próprio Jung portanto como “um enfrentamento intrapsíquico entre o espírito do tempo e o espírito das profundezas”, em retrospecto e a avaliar o impacto de tal investimento científico, em 1957 Jung conclui que o Livro vermelho foi “uma necessária e enfadonha elaboração estetizante”, sem, todavia, o “caráter erudito necessário” a compor suas Obras Completas (Hoerni *in* Jung, 2015a, p.12), mantendo-o dessa forma subliminar e indisponível ao público geral.

Em contraste com sua negativa em dispor em vida tal obra aos seus interlocutores teóricos (conscientes de sua existência, mas não de seu conteúdo) devido, aparentemente, à falta de “erudição”_do material, é sabido que o próprio autor partilhou este material bruto com alguns de seus colegas mais íntimos. Ou seja, com àqueles que entendeu que podia confiar partilhar tal “estranho” objeto de potenciais (novas) ciênciaS (Boechat, 2014).

Esse movimento foi considerado pelos estudiosos da obra como uma evidência de que o autor era consciente do quanto destrinchar tal produto (científico) bruto, pelo máximo de olhos possíveis, seria de grande valia ao estudo do inconsciente e ao aperfeiçoamento da Psicologia Analítica de modo geral, assim como para o próprio desenvolvimento científico do campo (Boechat, 2014).

Dentro do próprio texto do Livro Vermelho, vale notar em complemento, muitas vezes o autor também escreve como quem dialoga com aquele que lê o material. Essa forma de escrita foi também interpretada pelos estudiosos como mais um indício de certa ambivalência em relação a sua decisão assumida em vida de manter o projeto efetivamente afastado de seu público geral (Boechat, 2014).

Pouco antes de sua morte, todavia, Jung delimita sua família proprietária de seus manuscritos, a deixar a partir de então em suas mãos a decisão dos destinos posteriores dos materiais em questão. Ou seja, o autor deixa mais uma vez semiaberta a possibilidade de uma futura exposição das obras que ele próprio não pôde “colocar para fora”, o que também foi interpretado por alguns estudiosos como um indício de sua não total firmeza em relação a sua decisão de ocultar tal produto (não de todo) científico ao público (Boechat, 2014).

Ainda sob os contornos das reflexões de fim de vida, entretanto, o próprio autor admite, em contraste, que as obras que publica posteriormente a seu ‘autoexperimento’, em sua maioria, nada mais são do que elaborações e lapidações ulteriores do esforço em questão, elencado como “**matéria-prima para a obra de uma vida inteira**” como se mostra na epígrafe da própria obra em questão:

os anos durante os quais me detive nessas imagens interiores constituíram a época mais importante da minha vida. Neles, todas as coisas essenciais se decidiram. Foi então que tudo teve início, e os detalhes posteriores foram apenas complementos e elucidações. Toda minha atividade ulterior constituiu em elaborar o que jorrava do inconsciente naqueles anos e inicialmente me inundara: **era a matéria-prima para a obra de uma vida inteira** (Jung, 2015, p. 9, grifo meu).

É apenas no ano 2000. Repito. Anos 2000, sob a revisão e edição de Sonu Shamdasani, um, vale ressaltar também, historiador - ou seja, sob [*a brecha!*] os contornos de um documento histórico e não propriamente um produto objetivo de estudos psicológicos - que se concretiza enfim a publicação do Livro Vermelho.

Ao assumir editá-lo e publicá-lo, entretanto, Shamdasani amplia ele próprio o potencial do material para além das fronteiras da história da Psicologia, afirmando que o Livro Vermelho é “uma oportunidade sem precedentes para uma nova compreensão do pensamento de Jung, em particular, a ligação de seu trabalho ‘esotérico’ sobre

suas próprias fantasias e seus trabalhos ‘exotéricos’ acadêmicos” (Shamdasani *in* Boechat, 2014).

Em sua visão, ainda, “o primeiro caso (o estudo esotérico) é objeto do trabalho de um historiador, o último (o estudo exotérico) seria “tarefa do psicólogo” (Shamdasani *in* Boechat, 2014).

Ou seja, o pesquisador lembra-nos que, caso assim nos implicarmos enquanto estudiosos da psique – inclusive a de nosso pioneiro! - tal material “manteria aberta a possibilidade de um revigoramento da psicologia junguiana” (Shamdasani *in* Boechat, 2014 *adaptado*).

Bem, como previsto por Sonu Shamdasani, o compartilhamento do Livro Vermelho com o público geral de fato revigora todo o campo junguiano de pesquisa, dando contornos de esclarecimento aos caminhos de pesquisa de nosso precursor teórico. E, principalmente, possibilitando desta forma novos estudos e aprofundamentos acerca dos processos de desenvolvimento e refinamento da (não mais apenas sua) teoria.

5. MAS AFINAL, QUE USOS CRIATIVOS PODEMOS FAZER DO LIVRO VERMELHO HOJE?

Basicamente, o Livro Vermelho compila uma investida que “pode ser vista como um processo de autoanálise criado pelo próprio Jung, no qual ele é o paciente, o método e o próprio terapeuta”, como afirma Boechat (2014, p.30), e que, como consequência, acaba por assim explicitar e fundamentar a criação de todo um método de atuação e investigação psicológica.

Neste pontual esforço científico que lhes apresento, portanto, detenho-me não exatamente em destrinchar o conteúdo objetivo dos Livros Negros e o Livro Vermelho.

Ao contrário, interessa-nos aqui especialmente psicologizar o que se pode iluminar a partir deste produto como subsídios à produção científica pós-moderna, e, especialmente, feminista, exatamente ao se exemplificar a partir dela o quanto se entrava o próprio desenvolvimento científico quando se separa em ciências o que é e

o que não é “erudito o suficiente” para fazer parte de um escopo de transmissão de ciênciaS.

Vejam, até mesmo nos moldes científicos mais tradicionais, elenca-se que quando se expõe à público um produto final de um investimento científico deve-se idealmente apresentar ao público o máximo de detalhamento possível os caminhos percorridos por tal pesquisa/pesquisador - ou seja, sua metodologia, procedimentos etc - pois isso permite àqueles que dialogam com o material justamente avaliar a criticidade com qual se deu esta coleta e análise de dados, assim como permite também a que novos profissionais se dediquem aos meandros desse mesmo pesquisar, a des-cobrir, por exemplo, se é possível replicar o experimento em questão, ou mesmo, se é possível elencar novos pontos de vista/novas descobertas acerca de um determinado fenômeno que ficaram como pontos “cegos” ao autor principal do experimento.

Em certo sentido, portanto, podemos dizer que na relação com os contornos normativos do científico que Jung tinha a seu dispor – e que de fato não permitiam que “autoexperimentos” como o dele tivessem credibilidade/respeitabilidade²⁴, Jung por muito tempo teve que ocultar de seu público (de seus pares!) sua própria objetividade científica ou seja, sua principal fonte de des-cobertas e/ou o material bruto de grande parte suas análises e discussões publicadas. Deixando assim subliminar/sombrio parte dos contornos de seus próprios projetos científicos, ou ainda, grande parte de seu apreço metodológico e de sua coleta de dados. O que por muito tempo impediu inclusive que análiseS acerca desses materiais científicos brutos se dessem *para além de seu próprio corpo*.

Por outro lado, podemos dizer que a teoria junguiana informalmente se sustentou exatamente pela implicação de seu precursor em articular caminhos sóbrios para apresentar justamente tais des-cobertas e meios de conheSer de forma crível, como aprofundaremos mais à frente.

²⁴ Será que hoje projetos como este fomentam enfim credibilidade/respeitabilidade?

Aprofundaremos essa problemática na seção: Intertexto – entre in-seguranças passadas e presentes, uma busca por escritas que enfim... nunca mais de des-culpem!

Ou seja, que a teoria junguiana informalmente se sustentou exatamente pelo comprometimento do autor em desenvolver um método científico eficiente para a investigação do inconsciente a tal modo. Podendo assim servir-nos como uma referência direta aos esforços feministas pós-modernos em se fomentar justamente ciênciaS corporificadaS, e, assim, eficientemente contrárias à marginalização de “identidades, pautas, experiências e formas de produzir e conceber o conhecimento”, como pontua Barbara Tancetti e Luna Gimenez (2022, p.1 e 2).

Por esse panorama, pode-se pensar que a obra de C. G. Jung é um produto vivo, ainda progressivamente desvelada ao público geral, e fundamentalmente... (des)respeitosa aos limites de ‘ciências’ de seu próprio tempo (!).

Ou seja, mobilizadora ela própria de ciênciaS extraordináriaS (!)

Mais especificamente, elenca-se aqui pela autora que vos falas, em nome à interdisciplinaridade e à atualização científica, que como se vem a des-cobrir com relativo atraso, seus postulados, sendo frutos de um “autoexperimento” são também produto direto de seu próprio engajamento com um modo de conheSer no mínimo muito próximo daquilo que só ganha reconhecimento científico – e ainda parcialmente, como vem-se apontando - em um outroS tempos: a autoetnografia!

Com o amparo e costura da reflexão crítica que se promove a partir dos estudos feministas e em direção ao fortalecimento de uma “ciência feminista”, portanto, abre-se a partir de tais contornos a possibilidade de se defender, com a própria obra do autor, subsídios concretos à se defender a objetividade feminista, ou seja, à defesa de que, como aponta Donna Haraway (1995, p. 33 e 34), “o único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular” (1995, p. 33 e 34), e em que, assim sendo,

a questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada [e] suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meio de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar (1995, p. 33 e 34)

Finalmente, está proposta neste capítulo a compreensão de que a teoria junguiana nasce e floresce fundamentalmente a partir de esforços, a um primeiro

momento velados, de um eu pesquisador situado e comprometido com o explorar-se, mostrando-se desse modo, como já pontuado, um excelente referencial a fundamentarmos ainda mais [*rasgos!*] amparos técnicos/ teóricos/práticos para a objetividade situada/corporificada/feminista na ciência contemporânea, como nos convida Sandra Harding (1987) e Donna Haraway (1995, 2000), fazendo-o a partir de suas próprias conceituações recursivas posteriores.

Por esse ponto de vista, emblematicamente a teoria do autor parece ter como sua base seu próprio produto “final”, ou seja, seu último produto apresentado a público: seu “autoexperimento”, seu mergulho no inconsciente, ou, defende-se aqui, em ponte às nomenclaturas contemporâneas, a exposição de sua coleta de dados construída e desenvolvida de modo ao menos muito próxima ao que se delimita hoje como a autoetnografia.

Deste modo, abrindo espaço àquilo que a sua época ainda não cabia por si só no escopo científico como “científico”, mas que, apesar disso [*ou justamente por isso(!)*], ampara subliminar e recursivamente todas as suas vastas “análises e discussões” posteriores, pode-se dizer que Jung paradoxalmente articula caminhos exatamente para tal “ciência” - ou, mais especificamente, tal apreço metodológico - que inicialmente “não cabia” em seu tempo e, defende-se aqui, (vale reforçar) em muito se aproxima ao que se delimitou na contemporaneidade como método autoetnográfico de pesquisa. Um modelo/apreço metodológico que, como veremos mais profundamente afrente, de algum modo estamos até hoje lutando para que “possa caber” no científico.

Assim, com essa produção almeja-se fomentar preponderância à validação da autoetnografia aos contornos contemporâneos enquanto um método científico crível, definitivamente temos amparos metodológicos, com e para além de Jung, a que estudos situados a partir do corpo não precisem e nem mesmo ousem mais velar-se como “pouco eruditos” no científico.

E, mais importante, que a partir de tal a obra de Jung, em seu descompasso sustentado com o que estava posto enquanto ‘científico’ na sua época. Ou, na explorações criativa das produções que ele desdobra ao longo de seu próprio caminhar a amparar seus próprios e ousados movimentos científicos, pode subsidiar-

nos, a partir de nossas análises e discussões posteriores, à defesa de que não apenas o seu, mas também futuros estudos situados, ou ainda, também futuros estudos conscientemente construídos de forma sob o *background* da subjetividade de quem o produz, possam efetivamente constituir-se em credibilidade – e, esperançosamente, em cada vez menos angústia – na contemporaneidade.

Que sigamos tal empreitada.

6. UMA OBRA QUE SE DÁ EM CAMADAS DE SENTIDO

Como dito anteriormente, elenca-se que as Obras (in)Completas de Jung se estabelecem recursivamente e a partir de camadas de sentido, promovendo-se sob o contorno de uma argumentação espiralada que se constroem sempre em interlocução (mesmo que inicialmente de modo subliminar) a experiências vividas pelo autor, como fica evidente em uma fala que expõe nas páginas iniciais em sua autobiografia:

de certa maneira, minha vida é a quintessência do que escrevi e não inversamente. O que sou e o que escrevo são uma coisa só. Todas as minhas ideias e todos os meus esforços, eis o que sou. assim, a 'autobiografia' representa apenas um pequeno ponto que se põe sobre o i (Jung, 2016b, p.23).

A critério de organização dos estudos de sua obra, Amnérís Maroni (2008) delimita três modelos (metodológicos) distintos e concomitantes na produção de Jung às quais o autor se amparou a desdobrar o estudo da psique e da prática analítica.

Essa referência ao ancoramento do autor em vários modelos e metodologias para fomentar sua produção e veiculação de saberes é mais uma conceituação que aproxima C. G. Jung ao prisma epistêmico feminista. Afinal, pelo modelo feminista, como vimos anteriormente, estipula-se exatamente a abordagem metodológica plural como uma exímia estratégia de se promover os tão desejados contornos de objetividade aos conhecimentos que se articula à coletividade. Além de também, é claro, ser um modo pelo qual se pode fomentar a responsabilização e implicação dos cientistas que nelas se ancoram a ainda mais sobriedade em relação ao aspecto necessariamente corporificado/situado/parcial dos saberes a qual produz.

No caso de Jung, Maroni (2008) delimita que a confecção, sucessão e coexistência desses modelos na obra do autor parecem se dar justamente em função

do compromisso do autor em dar corpo a um estudo psicológico complexo. Sendo possível a partir de tal, fomentar-se uma construção teórica única, que permite elucidar cada vez mais consciência a processos sempre necessariamente não de todo acabados/compreendidos: a individuação, o diálogo com o inconsciente, a ampliação de consciência e a busca pela totalidade.

A partir da organização de Maroni (2008), portanto, podemos interpretar que Jung trabalha com modelos de produção científica que podem ser considerados em si desdobramentos artesanais, arrisca-se aqui, 1) tanto do próprio processo de conhecer vividos pelo autor (sua existência e experiências) como 2) de suas tentativas/necessidade encontra em estabelecer caminhos para tornar partilháveis suas descobertas.

Assim, destacam-se na obra de Jung, segundo a autora (Maroni, 2008):

- a) o modelo científico, que delimita predominantemente as produções que o autor desdobrou até o período de seu rompimento com Freud e a psicanálise, e em que se estruturam em sua teoria principalmente os aspectos causais das doenças mentais e os aspectos gerais/reguladores dos fenômenos psíquicos;
- b) o modelo artístico, delimitado entre as décadas de 1910 e 1920 e em que, mais o menos e dedicado ao seu “confronto com o inconsciente” e à construção das bases de suas próprias diferenças teóricas, o autor passa a mesclar com mais afinco escritas conceituais (mais explicativas, racionais, egóicas) e escritas metafóricas (experienciais, relacionais, imagéticas, mitológicas) para delimitar seus principais conceitos de base e, principalmente, articular os aspectos teleológicos (ou ainda, os sentidos e significados) dos fenômenos psíquicos baseando-se para tal especialmente na prática clínica e no destrinchar de vivências pessoais, tanto suas como de seus pacientes;
- c) o modelo mítico, desdobrado a partir da década de 1930, em que, a partir de uma maior abertura a interdisciplinaridade e com base na metáfora alquímica, o autor dedica-se a desenvolver as temáticas do processo de transformação, da relação simbólica e da validação da experiência interior, expondo assim cientificamente as descobertas desdobradas em si a partir de seu próprio “autoexperimento”, ao qual

nos referiremos e também dedicando-se com o aspecto iniciático do processo de individuação.

Vale notar também que tanto a partir dos modelos artístico quanto a partir do modelo mítico do autor, reconhece-se (assim como no prisma epistêmico feminista), à importância de usos criativos/imaginários das próprias produções humanas e, também, da grande valia analítica do estudo de materiais simbólicos da cultura como contos, sonhos, arte, narrativas informais, etc para o elucidar de (novos) saberes, assumindo-se assim pontes e relativizações entre o que é “coletivo” e o que é “individual” no estruturamento psíquico.

Além disso, articula-se em ambas as abordagens como esse recurso científico possibilita a cada pesquisador ancorar da melhor forma que puder suas próprias vistas em relação ao mundo que observa, e, conseqüentemente, responsabilizar-se deste modo pelos saberes que veicula à coletividade desenvolvendo-os conscientemente a partir de si, mas apropriando-se de uma narrativa objetiva para analisar o que daquilo que se des-cobre em si é “mais do que seu”.

Como dito anteriormente, iremos aprofundar mais essa forma de desdobrar saberes adotada por Jung que pode ser tão preciosa aos feminismos ao expormos a teorização do próprio autor acerca das diferenças entre “o louco” e “o gênio”. Antes disso e a seguir fomentando tais paralelos, entretanto, desdobraremos alguns dos principais pontos que marcam as diferenças sustentadas pelo autor com a psicanálise freudiana, articulando-se, dessa forma seus rompimentos como mais uma evidência da implicação do autor com suas próprias responsabilidades e dissidências científicas.

7. OS ROMPIMENTOS

Ainda no começo de sua carreira como psiquiatra, em meio aos dados que analisava em seu estudo experimental com as associações de palavras, Jung identifica consonância entre o que se apresentava em seu laboratório e a noção freudiana do mecanismo de recalque, comprovando assim certa pertinência em tal controverso postulado de Freud, e vendo-se, deste modo, **impelido eticamente a divulgar/reforçar tal descoberta científica**, mesmo sabendo dos riscos que corria

profissionalmente ao associar seus dados científicos como o nome do precursor da psicanálise, como ele próprio contextualiza em sua autobiografia:

Freud era uma persona non grata no mundo universitário, sendo prejudicial a todo cientista de renome ter relações com ele. As ‘pessoas importantes’ só o mencionavam às escondidas e, nos congressos, só era discutido nos corredores e nunca nas sessões plenárias. Assim, não me era fácil ser obrigado a constatar a concordância de minhas experiências associativas com as teorias de Freud (Jung, 2016b, p.156)

Deixando então em suas divulgações de resultados referência a Freud, bem-marcada apenas a diferença de que, para si, nem todas as neuroses pareciam ser causadas por recalques ou traumas sexuais, Jung passa a partilhar suas descobertas laboratoriais à comunidade científica articulando paraleloS à teoria freudiana. Não sem admitir todavia, em sua autobiografia (Jung, 2016b), que quase sucumbiu à **tentação de ocultar** as semelhanças entre seus **resultados científicos** e a obra de Freud na ocasião, como denota-se a seguir:

um dia, encontrava-me no laboratório, preocupado com esses problemas, quando o Diabo murmurou no meu ouvido que eu tinha o direito de publicar o resultado de minhas experiências e conclusões sem mencionar Freud. Não me dedicara a tais experiências muito antes de compreender o que quer que seja de sua obra? Ouvi então a voz de minha segunda personalidade: ‘é fraudulento agir como se você não conhecesse Freud. Não pode edificar sua própria vida sobre uma mentira’. O caso ficou então decidido. A partir desse instante tomei abertamente o partido de Freud e lutei a seu favor (Jung, 2016b p.156).

Levando em conta tal evento, podemos elencar que na jornada científica de Jung enquanto um psiquiatra destaca-se não apenas um, mas especialmente dois rompimentos importantes com seus pares na comunidade científica, a que assim o autor pudesse honrar suas próprias descobertaS em ciênciaS, processos de conheSer e diferençaS com o normativo.

Primeiro, e menos recordado, Jung rompe com a expectativa da posição científica acadêmica “erudita”, que antes de suas evidências laboratoriais rechaçava Freud e sua teoria enquanto “não científica”, abrindo assim a partir de seus resultados espaço inclusive para o próprio Freud no “científico”.

E outra, mais adiante com o próprio Freud, em nome de efetivamente subsidiar sua própria perspectiva acerca do funcionamento psíquico. Algo que deixa marcas muito profundas na psique do autor e, em última instância, influencia em definitivo o

conduzir de seu “autoexperimento” [*seu próprio “mergulho na “loucura!”*] e, conseqüentemente, à criação/inalguração de seu próprio escopo teórico/científico (Jung, 2016b).

A seguir, desdobraremos algumas particularidades do pensamento junguiano a partir de seu rompimento com a Psicanálise. Para, a partir de tal, adentrarmos efetivamente nos meandros de sua teoria que permitem e bem estruturam estudos psicológicos ancorados na objetividade situada e no apreço metodológico autoetnográfico

8. AS QUEBRAS E A SUSTENTAÇÃO DAS DIFERENÇAS: UMA OBRA QUE CONVIDA À NOSSAS PRÓPRIAS DISSIDÊNCIAS E RESPONSABILIDADES NA RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO

Em 1912, finalmente, Jung publica “Metamorfoses e Símbolos da Libido”, o que delimita em definitivo seu rompimento em relação aos postulados da psicanálise freudiana clássica e inaugura assim seu próprio corpo teórico sobre o funcionamento psíquico (Young-Eisendrath; Dawson, 2011).

Estabelecendo um caminho intermediário entre racionalismo e romantismo, Jung desenvolve uma maneira de pesquisar que não intimida frente à conteúdos da ordem do misterioso/ oculto, mas que trilha este encontro justamente a partir de um rigor metodológico/científico que oferece bases sólidas às suas investidas, subvertendo e revolucionando a tendência positivista característica de seu *Zeitgeist*, o século XX (Young-Eisendrath; Dawson, 2011).

Dentre as principais divergências com Freud²⁵, destaca-se que Jung, inaugura o conceito de inconsciente coletivo, definindo-o como uma composição de instintos, funções e especialmente formas herdadas de funcionamento, aos quais denominou arquétipos. Assim, para além de receptáculo de conteúdos reprimidos, o inconsciente, pela perspectiva junguiana, é condição preliminar da consciência, sendo dotado de

²⁵ marcadas e fundamentadas, vale nota para defesas que se seguirão, especialmente em meio a uma “crise” [*depressão!*] - que teleologicamente o leva [*o faz levado*] a seu “autoexperimento” e, conseqüentemente, à fundação de sua própria linha teórica.

potencial criativo, estrutura energética e significância teleológica (Young-Eisendrath; Dawson, 2011; Jung, 2013a; Jung, 2013b).

Para o Jung, portanto, a análise se dá a partir de um processo dialético entre dois sistemas psíquicos - analista e analisando - em interação e em busca de novas sínteses, orientada à estimulação da personalidade como um todo, com o objetivo de desenvolver autonomia e potencializar a assimilação das funções psicológicas (Jung, 2013b; 2013a).

A sintomatologia do paciente, nesse contexto, passa a ser entendida sob o prisma teleológico como em si "uma busca natural de cura" (Jung, 2013b, p.93), sendo o tratamento destinado a reduzir o contraproducente, restaurar o curso natural de energia, melhorar a formação simbólica e produzir um escoamento mais favorável de energia psíquica (JUNG, 2013c).

Adotando a perspectiva finalista/energética de compreensão psicológica, como apontado anteriormente, vale pontuar também que Jung é assim o primeiro psicoterapeuta a salientar a necessidade de os profissionais da Psicologia e demais cientistas atentarem-se à agência de sua própria equação pessoal/processos inconscientes como um fator efetivo de sua relação com seu objeto de estudo, por mais objetivo que ele possa parecer (Jung, 2013b; 2013c). O que em muito o aproxima também do convite feminista que se faz ao abandono de uma objetividade fantasiosa em direção ao uso prático de uma objetividade construída a partir de próprio corpo/ponto de vista daquele que narra.

Estabelecendo assim como ponto de partida para o conhecimento a relativização do próprio conhecimento e articulando que "a substância nada mais é do que a expressão ou sinal de um sistema de energia" (Jung, 2013b, p.33), orientada por relações em movimento, mutabilidade e desenvolvimento, sempre viesadas por um Sistema de Valores Psicológicos (Jung, 2013b), nota-se, portanto, também a partir do prisma junguiano o quanto a "realidade" não é e nem pode ser lida como um dado puramente objetivo.

[a não ser assumindo-se essa objetividade, diria Haraway]

Ao contrário, nesta abordagem teórica concebe-se que é justamente a partir da atividade criativa da psique que o mundo externo e o mundo interno tornam-se uma unidade para o sujeito, de modo que, na prática, a realidade é sempre uma realidade em nós, uma realidade in anima, uma realidade viva, em um ato de criação contínuo. Estudo que o autor aprofunda a partir do estudo da tipologia psicológica. (Jung, 2013d).

Assim, se o autor, como visto anteriormente em muito se desdobrou para ser permitido e permitir-se a marcar suas próprias diferenças para com seus precursores, principalmente com relação à Freud, entendendo, todavia, que um pesquisador precisa assumir as responsabilidades acerca do que vem a conhecer e que as particularidades de seu pensamento não poderiam ser simplesmente anexadas ao pensamento psicanalítico sem distorcer-se (Jung, 2016b)...

...em suas próprias conceituações, por outro lado - e talvez muito também a concretizar/subsidiar seus próprios rompimentos - estabelece-se em seu arsenal teórico com muita sobriedade o convite de que cada um de seus descendentes sustente e desenvolva suas próprias diferenças para com o pensamento que ele próprio estabelece, a apenas desse modo estar efetivamente honrando tal linha teórica (Jung, 2013a).

Esse é outro aspecto do viés psicológico em questão que em muito subsidia sua mescla com as bases epistêmica feministas.

Provocativamente postulando a Razão como a deusa cultuada da modernidade (*deusée Raison*) e, portanto, nossa maior ilusão (Jung, 2016), afinal, Jung na realidade relativiza ele próprio que qualquer consideração profissional/teórica como “meros” pontos de vista em relação a uma determinada realidade, que “depende(m) menos do comportamento das coisas do que propriamente das disposições psicológicas do pesquisador e pensador (...)” (Jung, 2013b, p.15), de modo que “nenhum pesquisador, por mais objetivo e isento de preconceitos que seja, pode abstrair seus próprios complexos, porque estes gozam da mesma autonomia que os das outras pessoas” (Jung, 2013d p. 50).

Mais ainda, um dos conceitos centrais à obra junguiana é exatamente que se denominou processo de individuação, um processo ativo de tornar-se quem se é, e alcançar, assim, singularidade profunda (Jung, 2018, p.121).

Em suas próprias palavras, “o processo de individuação tem dois aspectos fundamentais: por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, um processo objetivo de relação com o outro, tão indispensável como o primeiro” (Jung, 2018, p.121).

Assim, visando ainda evitar que suas ideias fossem disseminadas como a "propaganda de uma nova verdade" (Jung, 2013a, p.50) a ponto de se cristalizar em uma concepção dogmática, deste modo, Jung (2013a) convocou muito profundamente seus interlocutores a compreenderem suas contribuições intelectuais de modo que estas viessem a "servir de estímulo. Apenas de estímulo" (Jung, 2013a, p.65) às posteriores produções científicas, ou ainda, à futuras individuações de pensamentoS.

A abordagem junguiana, portanto, enquanto método de trabalho, delimita-se "não se trata de uma mera evolução de teorias e práticas anteriores, mas muito mais de uma renúncia total a elas, em favor da atitude menos preconcebida possível" (Jung, 2013a, p.18).

Assim, "ser junguiano", ou melhor, firmar-se, para a produção de novos conhecimentos por meio do viés teórico da Psicologia Analítica, é delineado - na interpretação que lhes apresento neste estudo e que se promove justamente a possibilitar com ela aproximações ao prisma epistêmico feminista - como *uma disposição específica para o conhecimento e para a prática, articulada deste modo necessariamente a um olhar transdisciplinar, simbólico, crítico e relativo de realidade, e não como a reprodução irrefletida dos postulados de Jung.*

Especialmente ao nos auxiliar a justificar nossos usos criativos das produções científicas tradicionais e nossos convites também proeminentes em relação às responsabilidades dos pesquisadoreS. Desde a base das divulgações de suas próprias teorias, destaca-se que Jung estabeleceu de modo muito objetivo a centralidade de cada produtor de conhecimento se explorasse em seus próprios

meandros de conheSer, a, assim, articular suas próprias diferenças enquanto sujeito e pesquisador.

Aliás, é justamente visando compreender e destrinchar as diferentes possibilidades de leituras da realidade, a dar a devida atenção à sua influência da equação pessoal em nossa interpretação e produção de verdadeS, como dito, que Jung (2013d) constrói o estudo dos Tipos Psicológicos, elencando a existência de modalidades de funções psicológicas e estruturas típicas de personalidade, que impactam a relação de adaptação entre sujeito e objeto.

Esse é outro ponto de sua teoria, aliás, que em muito nos favorece em nossos fins e, portanto, recebe a seguir também devido destaque.

9. REALIDADES PSICOLÓGICAS: A EQUAÇÃO PESSOAL E OS TIPOS PSICOLÓGICOS

O excerto da obra de C. G. Jung acerca dos tipos psicológicos e da equação pessoal é também interessante aos estudos acerca da objetividade científica feminista exatamente porque denota, por mais uma via, o quanto nossos “saberes” são viesados não apenas pela cultura, por nossa individualidade e por nossa história pessoal, mas também por aspectos intrínsecos a nosso próprio funcionamento psicológico e estrutura de personalidade.

Em linhas gerais, os tipos psicológicos são definidos pelo autor e dispostos a partir de duas categorias: os tipos gerais de atitude, que se diferenciam pelo interesse/direção de movimento da libido na relação sujeito-objeto (podendo ser introvertida e extrovertida); e os tipos funcionais, a depender do modo como o indivíduo se orienta em termos de funções mais diferenciadas em si (sendo eles pensamento, sentimento, sensação e intuição) (Jung, 2013d).

Os tipos são também ordenados em pares de opostos (a sensação contraposta à intuição; o pensamento contraposto ao sentimento e a introversão contraposta à extroversão), sendo estabelecido que, na mesma medida em que uma função se orienta para a consciência, ela será, à nível inconsciente, contrabalanceada por sua função oposta (Jung, 2013d).

Os tipos gerais de atitude e os tipos funcionais interagem possibilitando oito combinações tipológicas: pensamento introvertido, pensamento extrovertido, sentimento introvertido, sentimento extrovertido, sensação introvertida, sensação extrovertida, intuição introvertida e intuição extrovertida. Entende-se que todos dispomos das oito estruturas tipológicas em inter-relação, sendo os tipos individuais particularizados na graduação com que estas estruturas tipológicas se configuram no sujeito (Jung, 2013d).

Sobre as interlocuções entre tipologia e desenvolvimento humano, postula-se que a tipologia é constituída, fundamentalmente, a partir de disposições endógenas e individuais, não devendo ser identificadas relações diretas entre a tipologia e fatores genéticos e/ou ambientais. (Jung, 2013d; Von Franz; Hillman, 2016).

No curso da existência, a atitude psicológica – introvertida ou extrovertida – é a primeira a se diferenciar, sendo, a olhos atentos, já observável em uma criança de um ano a um ano e meio de idade. Os tipos funcionais, por sua vez, se tornam mais evidentes quando a criança entra em idade escolar, através da observação das atividades de sua preferência e de seu comportamento diante das outras crianças (Von Franz; Hillman, 2016).

Em termos de desvios e perturbações na estruturação tipológica, é prevista na literatura clássica a possibilidade da falsificação de um tipo, fenômeno apontado, todavia, como inabitual. Nesse cenário, elenca-se que a partir de influências inadequadas do ambiente, especialmente familiar, que violem o afloramento da disposição tipológica natural, o indivíduo, em nome da adaptação, se veria forçado a amparar-se em suas funções auxiliares, de forma a sua função principal permanecer inexplorada. A esse fenômeno, deu-se o nome de tipos distorcidos (Jung, 2013d; Von Franz; Hillman, 2016).

Sobre os tipos distorcidos, Von Franz (Von Franz; Hillman, 2016), pontua que um tipo distorcido possui vantagens e desvantagens de assim se configurar. A vantagem seria que este se obriga a antecipar o movimento característico da segunda metade da vida de reestruturação tipológica. A desvantagem, por sua vez, seria que o sujeito que não se desenvolve sustentado inicialmente na unilateralidade de sua

disposição principal, tendendo, assim, a ficar levemente abaixo de seu potencial psíquico.

Ainda em relação aos tipos distorcidos, Jung (2013d, p.346) é mais categórico em sua leitura, elucidando que, neste cenário, "o indivíduo se torna, na maioria dos casos, neurótico e a cura só é possível restabelecendo-se a atitude que naturalmente corresponderia ao indivíduo".

Não cabe por aqui adentrar em profundidade na reflexão dos tipos psicológicos, eu adoraria fazê-lo, especialmente a provocar, no contexto de uma cultura massificante e de repressão ao corpo (Foucault, 1988), a perspectiva apontada pelos autores clássicos da distorção tipológica como um fenômeno de rara ocorrência.

Para os esforços presentes, todavia, importa mais é que tenhamos em vista quanto tais formulações teóricas de C. G. Jung sobre realidade psíquica e sobre os tipos psicológicos amparam profundamente a defesa de ciênciaS necessariamente aberta aos mais diversos conhecedores, meios de conheSer, e pontoS de vista

[Aos mais diversos corpoS e vozeS!]

que, compromissadas verdadeiramente com o que dizem, devem partilhar tanto quanto puderem que *falam tão e somente a partir de si (a partir do eu!)* - ou seja, a partir de sua própria objetividade situada – devendo assim apresentar- se ao seu interlocutor científico o máximo que se puder de detalhes o como/onde/a partir de qual caminho e em direção a qual história o fazem - a validar e respeitar, reitero mais uma vez (assim como ele incansavelmente também o fez) que

não devemos jamais perder de vista que, por mais bela que seja a concordância dos fatos com nossos conceitos, nossos princípios de explicação mais não são do que pontos de vista, isto é, manifestações das nossas disposições psicológicas e das condições apriorísticas do pensamento (Jung, 1928/2013a, p. 16).

[frase que poderia facilmente ser de Haraway!]

Deixo também por aqui outro questionamento que se desdobra a partir de um estudo cuidadoso dos tipos psicológicos: deve ser a academia “apenas o terreno do pensamento”, como parece estar estabelecido por lá, quando na realidade todas as

funções psicológicas funcionam juntas e são complementares ao processo de conheSer?

Ao destrinchar os tipos psicológicos Jung relativiza os “certos e errados” enrijecidos nos contrastes e disputas entre as teorias psicológicas, apontando ao contrário, que ao se dar voz as diferentes perspectivas e formas de interpretar os fenômenos psicológicos pode-se apenas enriquecer nosso conhecimento sobre o próprio processo psicológico (2013d), este, em última instância, sempre dado no aqui e agora, delineado em seus sentidos exatamente a partir do ato criativo síncrono e partilhado, como é possível observar na citação a seguir:

decidir quando aplicar um ou outro método recai sobre a habilidade e a experiência do analista. A medicina prática é, e sempre foi uma arte, e o mesmo se aplica à análise prática. A verdadeira arte é a criação, e a criação está para além de todas as teorias. É por isso que eu digo a qualquer iniciante: aprenda suas teorias tão bem quanto possível, mas coloque-as de lado quando você tocar o milagre da alma viva. Não teorias, mas a própria individualidade criativa que por si só deve decidir (Jung, 1928, p. 361)

Mais profundamente, o autor elenca ainda que quanto mais aqueles que teorizam o conhecimento forem conscientes e comunicadores de seus próprios meios/meandros psicológicos a dizer o que dizem, melhores condições teremos aos estudos da psique. Jung sabia afinal, e bem pontuou em sua carta aos leitores benévolos (Jung, 2011a) que quando se fala com o mais íntimo de si se fala também sobre o mundo. Afinal, “cada indivíduo, em certa medida, representa a humanidade inteira e sua história” (Jung, 2013d, p.200).

Esse é um pensamento que muito fomenta paralelos entre a Psicologia Analítica ao prisma epistêmico feminista, afinal, como muito bem elencado por (Lima e Faria, 2022, p.27).

um dos lemas fundamentais do feminismo é de que o pessoal é político. Esse princípio se aproxima da visão que aqui sustentamos uma vez que reconhecemos a indissociabilidade e mútua implicação entre os níveis individuais e coletivos, entre os indivíduos e a cultura, entre o mundo interno subjetivo e o mundo externo, entre a psique individual e a psique coletiva.”

Assim sendo, estabelece-se que quanto mais “pontoS de vista” - seja ele veiculado por qual via de exploração a romper in-consciência for (sentimento, intuição, sensação, ou pensamento) - possamos permitir que tenham eco científico, ou seja, possamos permitir que tenham re-flexão criteriosa, em profundidade e com apreço

metodológico melhor. Desde que estes caminhos do conheSer sejam conscientes, e melhor ainda, partilhados ao interlocutor, a respeitar e bem usufruir assim do potencial criativo, estrutura energética e significância teleológica do inconsciente.

Essa perspectiva, defende-se, muito subsidia o panorama da objetividade feminista, que, por outras vias, elenca também como devemos ser

responsáveis pela ciência que produzimos, pelos discursos que cultivamos no quotidiano das pessoas e pelos efeitos que essas linguagens de poder têm nas suas vidas. Análises menos pretensiosas porque circunscritas nos espaços e nos tempos, não generalizáveis, forçosamente reflexivas e focalizadas na diversidade. Neves (2005, p.411)

10. O “GÊNIO” É UM LOUCO... QUE BEM-SUCEDEU!

Como um último aspecto que elenco, dentre muitos outros que poderiam ser articulados na obra de Jung a nos subsidiar mais e melhores análises objetivas em ciênciaS, ou, porque não dizer, que podem bem ancorar nossas próprias “loucuras sãs” na produção de saberes situadoS é a reflexão do autor acerca do próprio tema: **os limites entre a loucura e a genialidade.**

Vale notar, antes de tal, que aqui “genialidade” está estabelecida não como um ideal de inteligência/eficiência/ excepcionalmente disponível a poucos indivíduos, mas, ao contrário, como uma construção metafórica que denota um potencial tipicamente humano. Descrevendo-se assim de modo semelhante ao que se delineou inicialmente em relação a criatividade²⁶.

A partir de um ensaio específico do autor sobre o tema (Jung, 2015b), deste modo, promove-se a seguir o seguinte questionamento: sendo o pesquisador/pensador/artista justamente aquele que traz à luz conteúdos até então sombrios/inconscientes à consciência coletiva, o que diferencia o “gênio” do “louco”?

[bem sabemos que essa merece ser uma boa preocupação feminista...]

Bem, a conclusão do autor foi que o que os diferencia é muito e muito pouco.

²⁶ Retornar ao tópico metodologia

Para entendermos a profundidade de tal colocação, atenhamo-nos antes a algumas últimas contextualizações teóricas sobre tal linha de pensamento.

A partir do viés teleológico de compreender o funcionamento psíquico, a Psicologia Analítica estabelece a integração de compensações psíquicas, ou ainda, a vivência de quedas/ quebras egóicas, como movimentos naturais, saudáveis e esperados da homeostase psíquica (Jung, 2013a; Jung, 2013b).

Assim, em diversos trechos de sua obra, Jung articula que a assimilação de conteúdos inconscientes, ou seja, que o mergulho e estabelecimento de diálogo com (nosso) caos (não apenas) interno²⁷ é um movimento de bastante risco, mas também a via régia de todos os desenvolvimentoS psicológicoS, tanto à nível da personalidade, quanto à nível da cultura (Jung, 2013a).

Ao explorarmos a história da própria Psicologia Analítica, como é possível a partir dos dados que apresentamos até aqui, observaremos que nossa linha teórica objetivamente se distancia da Psicanálise clássica especialmente a partir da interação ativa e pessoal de nosso precursor teórico com (suas próprias) imagens psicológicas, e mais especificamente, com seu próprio “autoexperimento”, o que em muito o aproxima daquilo que se delimitou na contemporaneidade como uma coleta de dados autoetnográfica.

Ou seja, que contamos, para os alicerces de nossa teoria, com um pesquisador que assumiu justamente fazer suaS pesquisaS a partir dos rompimentos/ das crises sustentadas que o atravessaram/o fizeram atravessados em seu próprio corpo – e nunca sozinho!

Tal fôrma de coletar de dados, no caso de Jung, resultou pontualmente na produção do Livro Vermelho, e, enfim, a conteúdos que vão muito além dele próprio, promovendo-se finalmente a partir desse mote materiais brutos para análises e discussões de uma vida inteira (Young-Eisendrath; Dawson, 2011; Boechat, 2014).

²⁷ Não somente interno como também externo! Uma vez considerando-se o preponderante aspecto interrelacional de nossa experiência psicológica, algo que muito se estabelece justamente a partir do esforço contemporâneo de pensarmos a psique também a partir dos atravessamentos da coletividade e da cultura.

A abordagem psicológica de Jung, assim, sabidamente é inaugurada justamente como consequência direta de uma corajosa sustentação de um “mergulho na loucura” feita por nosso precursor teórico.

Mas não de qualquer maneira.

Observar com atenção a produção de Jung nos ajuda a articular mapas/pontos de atenção que podem orientar-nos na construção e defesa de nossas próprias produções científicas. Afinal, ao observarmos atentamente os caminhos que credibilizam a pesquisa do próprio C. G. Jung, podemos elencar que do mesmo modo como a atuação clínica do junguiano prevê um cuidadoso diálogo com a profundidade, assim é também o nosso pesquisar.

A abrir tal ponderação, vale apresentar o exposto por Boechat (2014, p.30) ao articular o impacto do Livro Vermelho e do “autoexperimento” de Jung:

o criativo está sempre nos limites da patologia, embora sejam, ao mesmo tempo, opostos. É um verdadeiro *coniunctio oppositorum*, como o chamaria Jung, uma conjunção de opostos no inconsciente. O homem criativo trafega nas malhas do patológico transformando chumbo em ouro, como um alquimista.

Voltemos assim à questão da genialidade x loucura elencada por Jung e para a relação desta questão com a produção contemporânea de conhecimento:

Podemos delimitar que foi a criteriosa postura científica e metodológica de Jung, em extenso e cuidadoso registro de sua jornada psicológica situada o que possibilitou ao autor a condensar e consolidar suas vivências empíricas/imaginárias em um respeitável escopo teórico.

Em uma artesanal entre-costura científica fomentada a partir de um entre suas “personalidades”, ou, como diria Haraway, no assumir de uma confusão entre (suas) fronteiras, ao resgatar a perspectiva alquímica de compreender o pesquisador como parte ativa e atuante de seus resultados científicos, Jung oferece-nos um contorno cauteloso sobre a postura e validade das afirmações humanas, o que a um só tempo desestrutura e oferece bases seguras para futuros desenvolvimentos científicos, algo ainda mais preponderante quando o que está em jogo é justamente saberes relacionados ao funcionamento psíquico.

A retomar nossa indagação inicial com esse panorama, elenca-se mais uma vez a pergunta: se o pesquisador/pensador/filósofo/artista é justamente aquele que desdobra e traz à luz conteúdos até então sombrios/inconscientes à ao pensamento e à cultura, o que pode diferenciar, afinal, o pesquisador “artista/genial” do “louco”?

Mais ainda: o que faz do “gênio” alguém que abala positivamente o pensamento de sua época, estimulando o desenvolvimento cultural/social/histórico de toda uma comunidade, enquanto o louco, mesmo ao propor conteúdos semelhantes encontra descrédito/ marginalização social?

Essas foram algumas questões levantadas pelo próprio Jung (2015b) ao se deparar com um paciente que articulou pensamentos muito semelhantes aos constructos filosóficos de Schopenhauer sem nunca ter tido acesso a eles. Sendo sua conclusão a de que

só um gênio ou um louco pode desligar-se suficientemente dos vínculos da realidade, a ponto de ver o mundo como um mundo de imagens (...). A diferença que o separa [o “louco”] de Schopenhauer reside no fato de que, nele, a visão permaneceu no estágio de um mero produto espontâneo, ao passo que Schopenhauer soube abstrai-la, exprimindo-a numa linguagem de validade universal. Deste modo, elevou-a do estado inicial subterrâneo à clara luz da consciência coletiva (...) (Jung, 2015b, p.32 e 33).

Em sua visão, portanto, o “gênio”, ou seja, aquele que desenvolve um valor pessoal ao dizer o que diz “é precisamente aquele que consegue transmutar uma visão primitiva e natural numa ideia abstrata, que pertence ao patrimônio geral da consciência” (Jung, 2015b, p.32). Enquanto a visão do paciente, por sua vez, é demarcada por um valor impessoal, pois denota uma expressão, ou uma ‘invasão’ não elaborada do inconsciente.

Por esse viés, portanto, “genialidade” não se demarca como uma configuração excepcional e inata de *alguns* sujeitos, mas, ao contrário, justamente como uma disposição inerente a própria condição humana, ligada à sustentação do diálogo consciente-inconsciente/ ego-self e, conseqüentemente, da sustentação dos trabalhos necessários para o desenvolvimento da consciência, assim como se

promoveu no início dessa obra em relação ao conceito de criatividade²⁸ (Jung, 2013d; 2015b).

Em sua visão, portanto, o “gênio”, ou seja, aquele que desenvolve um valor pessoal ao dizer o que diz “é precisamente aquele que consegue transmutar uma visão primitiva e natural numa ideia abstrata, que pertence ao patrimônio geral da consciência” (Jung, 2015b, p.32). Enquanto a visão do paciente, por sua vez, é demarcada por um valor impessoal, pois denota uma expressão, ou uma ‘invasão’ não elaborada do inconsciente.

O valor pessoal do filósofo, desse modo, reside não tanto *no que* ele veicula à consciência, mas no *como* ele o faz, ou seja, em sua realização egóica, a fazer-se compreendido também no mundo dos homens.

Para chegar aí, Jung discorre sobre os paralelos entre o discurso de um “louco qualquer” e a genialidade de Schopenhauer. Mas será que não podemos, a partir dessa mesma construção, refletir sobre a “genialidade” do próprio analista em questão? Ou ainda, será que ele próprio já não o estava fazendo?

E ainda mais, será que essa análise em específico não pode servir-nos como inspiração justamente em direção à novaS “genialidadeS”?

Jung ouviu seus pacientes, ouviu-os em si, teve a sensibilidade de dar voz e credibilidade à sanidade se anunciava nos discursos “insanos”. E, ao fim de sua vida, em sua autobiografia, corajosamente pôde desenvolver até mesmo o criterioso narrar de alguns de seus próprios “enlouquecimentos”.

O que então o fez tão diferente de alguns que com ele se consultavam?

Amparada na reflexão do próprio autor, arrisco dizer que a diferença está especificamente no fato de que Jung, assim como no conto de João e Maria e seus farelos de pão, conseguiu estruturar estratégias para “perder-se”.

Ou seja, conseguiu estruturar métodoS à heroicamente [*cientificamente!*] adentrar as “florestas e na casas da bruxas” do inconsciente. A assim “perder-se” por

²⁸ Ver metodologia

lá sem de fato perder-se da possibilidade de (re)encontrar caminhos de volta para sua própria casa [*seu próprio eu*].

Mais do que isso, conseguiu, uma vez de volta a si, novamente ter condições egóicas para “perder-se mais uma vez” em nome daS ciênciaS. Ou seja, conseguiu assumir o desafio – ou aceitar a condenação - de elaborar as melhores estratégias que estivessem a seu alcance para delimitar quando, e, principalmente, como iria narrar e traduzir à coletividade aquilo que pôde conheSer e des-cobrir ao longo de seu próprio caminhar e a partir de seu próprio corpo.

Dito em outras palavras:

O autor mergulhou em (sua) loucura!

Ele “enlouqueceu”!

Mas o fez estruturando caminhos relativamente seguros, criteriosos e implicados para tal perigosa investida, retornando a superfície psíquica com fôlego a conseguir, como ele mesmo afirma ter conseguido Schopenhauer, transmutar seus novos saberes “de um estímulo espontâneo para um conteúdo de validade universal” (Jung, 2015b, p.32).

O sucesso de Jung enquanto um pensador/pesquisador, ou, em suas próprias palavras, o que o permitiu seu “êxito de valor pessoal” (Jung, 2015b, p.33) no engajamento com seu objeto de estudo, portanto, não está exclusivamente em sua sensibilidade para a assimilação dos conteúdos do inconsciente, mas efetivamente em sua bem-sucedida tradução/realização filosófica que, uma vez implicado com seu eu pesquisador, ele pôde dela desdobrar.

Em suma, não foi exatamente “o quê” (valor impessoal de sua jornada) Jung trouxe a luz que lhe deu seu mérito científico, mas especialmente o “como” conseguiu traduzir suas descobertas à comunidade dos homens. O que mais uma vez merece ser ressaltado pois faz ecoar na contemporaneidade exatamente a autoetnografia como uma metodologia científica sóbria de coleta, análise e discussão de dados.

A reforçar tal jornada e desdobramentos conceituais/científicos como uma exímia bússola aoS trabalhoS feministaS críveiS/respeitáveiS, portanto, delimita-se

com toda a ênfase que for possível que, como bem descrito no Mito da Caverna de Platão, “apenas” acessar um outro plano/possibilidade de realidade/verdade e relatar sua experiência aos demais “habitantes do mundo das sombras” sem estratégia e ou “equipamento de segurança” não é suficiente para movimentar e estruturar um novo saber e/ou postura coletiva.

Pelo contrário, aquele que desvela os conteúdos do inconsciente sem fundamentar sua descoberta na linguagem da consciência parece ser justamente aquele que acabará condenado ao rótulo de “louco”.

O “descobridor credibilizado” de determinado conteúdo dessa forma, ou melhor, o cientista “são”

[louco na (des)medida certa!]

portanto, não é necessariamente quem originalmente narra um fato psicológico até então (des)conhecido - quantos antes de Galileu Galilei apontaram o heliocentrismo? - mas àquele que efetivamente consegue se implicar em encontrar formas a conduzir seus pares a vivenciarem dada descoberta a partir de seus próprios sentidos e afetos, descrevendo-os eficientemente aos outros olhos a amparar assim, que tal visão possa ser coletiva.

A “genialidade” de Jung mora assim no processo, na sua própria *jornada* científica, que ultrapassou “a ciência” de sua época.

Uma jornada com começo, meio e fim.

Da ousadia em mergulhar em suas imagens psíquicas (suportar e desdobrar ‘sua’ depressão) à coragem de se permitir seu registro (Livros Negros). Da condensação/re-edição desses registros (Livro Vermelho) à articulação de meios para traduzi-la e credibilizá-la frente à comunidade científica (Obras Completas, Seminários, etc). Da ostentação de sua sanidade (não abrir mão de neste entremeio, seguir atuando profissionalmente) à ousadia de ser também ‘um louco’ (destrinchar cientificamente os materiais mais desafiadores, e nunca desistir de seu ‘misticismo’ - como muito o orientou que o fizesse o próprio Freud!). De encarar a vergonha de se expor e contar sua história em sua autobiografia, a denunciar, a partir dela, a

existência do Livro Vermelho - que ele tanto tinha receio [*desejo!*] de deixar ser para fora!

É o compilado de todo seu caminhar

[a lapidação do carvão até o diamante de seu projeto autoetnográfico!]

que faz de Jung,

um “gênio”.

Ou, em suas palavras, o que faz dele alguém que goza do mérito de “ser um inconsciente que se realizou” (JUNG, 2016b).

Em última instância, Jung representa um primoroso exemplo desse modo de pesquisar, tão próprio da Psicologia Analítica (e tão útil ao prisma das epistemologias feministas!) ao qual Romanyshyn (2007) mais tarde se dedica em sintetizar/re-imaginar no próprio campo com um nome complementar: “Pesquisa com Alma em Mente”, ou ainda, “pesquisa como uma re-pesquisa” (re-search).

Segundo o autor, esta seria uma forma de pesquisar que se dá em primeira pessoa, para que, a partir de si, a alma busque-se para além do eu, a assim fomentar um saber sobre o nós (Romanyshyn, 2007).

Mais ainda, esta seria uma forma de pesquisar que permite-se fugir do controle do ego, para assim fluir através dele.

Que se faz aberta e disponível ao inconsciente para assim fomentar ampliação de consciência.

Que se desenvolve por intermédio de um pesquisador corajoso o suficiente para assumir e sustentar-se vulnerável, podendo portanto, justamente na relação com seus próprios “enlutamentos”, suas (im)próprias feridas, instrumentalizar caminhos para re-lembrar/re-membrar/re-memorar (*re-member*) uma terapêutica cultural-histórica (Romanyshyn, 2007).

“A arte exige o homem inteiro” diz o tratado alquímico resgatado por Jung (2013e) para se referir ao ofício de um terapeuta. E o homem inteiro, como bem re-

pesquisado/re-imaginado através do mito de Orfeu por Romanyshyn (2007), parece ser justamente o homem em pedaços.

Um “homem”, ou melhor, uma alma, que sustenta exatamente a tarefa órfica de dialogar com fronteiroço entre a memória e o esquecimento, “explicando para confundir, confundindo para esclarecer, iluminando para cegar e ficando cego para poder guiar”, como fica poetizado também na música de Tom Zé.

Jung sabia afinal, e pontuou em sua carta aos leitores benévolos:

não escrevo na qualidade de perito (...) mas como leigo e como médico a quem foi dado perscrutar as profundezas da vida da alma de inúmeras pessoas (...) embora o que eu expresse seja principalmente fruto de minha concepção pessoal, sei que falo também em nome de muitos outros aos quais aconteceu algo de semelhante ao que se passou comigo.

Pelo prisma junguiano, portanto, podemos defender algo que muito ampara o prisma epistêmico feminista: a pesquisa assumidamente feita a partir de si muito pode muito desdobrar sobre o coletivo, sendo C. G. Jung um primoroso exemplo de tal.

Como um projeto de uma vida inteira, portanto, elenca-se que o autor soube amparar a “loucura” de sua própria jornada dissidente em ciência, ancorando a partir de tal todo um modelo teórico de funcionamento psíquico que em muito subsidia exatamente o bem-sucedido de outros esforços em direção a “ciênciaS extraordináriaS” como o seu próprio, fomentando-as (não sem as devidas resistências internas e externas nessa direção) críveis e comunicáveis à comunidade científica – processo, como veremos, ainda em curso.

Assim, elenca-se que “des-respeitando” os limites científicos de seu tempo de forma experimental o autor pode ser considerado e servir-nos um exemplo prático de alguém que bem-sucedeu a fazer-se **estimável no escopo científico a partir de seus próprios investimentos científicos objetivos/corporificados**. Produzindo deste modo, apesar de todas as resistências internas e externas nessa direção, uma construção científica que ancora inclusive o desvelar - agora sim, sem descredibilizar toda a sua obra – exatamente desse estrutural e emblemático instrumento de suas próprias des- cobertas ao fim de sua vida: seu autoexperimento, ou ainda, como promove-se aqui em ponte à interdisciplinaridade, seu projeto autoetnográfico.

11. CONSIDERAÇÕES... INTERMEDIÁRIAS!

Produção científica é feita a partir de pesquisadores. Ignorar o impacto de nossa psique aos meandros do conhecer é desvalidar muito do que já se produziu em termos de ciênciaS, tanto no campo da Psicologia Analítica quanto sob o contorno epistêmico feminista.

C. G. Jung é o primeiro psicólogo a denotar e subsidiar teoricamente, já no século XX, a necessidade de vigilância/ ampliação de consciência daquele que a escreve de suas contribuições como ‘apenas pontos de vista’ sob determinado fenômeno, por mais objetivo que ele possa parecer, algo que em muito se alinha com a articulação contemporânea delimitada como “objetividade feminista” e pode, portanto, brilhantemente subsidiar, a partir de nossos próprios esforços criativos, a defesa de ainda mais análises feministas e pesquisas corporificadas na contemporaneidade.

Entende-se assim que a coragem e habilidade técnica do autor, como apontada, inconsonante com seu tempo histórico, de encontrar caminhos a expor suas reflexões construídas a partir de suas próprias experiências também na esfera científica abre precedentes a todo um outro prisma psicológico de se pensar a produção e veiculação de conhecimentos, que muito pode amparar - tanto pelo viés teórico como pelo viés prático - uma ciência heterogênea/corporificada/plural/autoetnográfica, e assim, por que não dizer, subsidiar produções científicas contemporâneas consonantes ao prisma epistêmico feminista.

Muitos excertos do escopo teórico e prático do pesquisador poderiam amparar tal afirmação, sendo por aqui partilhados recortes significativos de sua vasta obra e trajetória profissional/ científica a validar tal afirmativa.

Deste modo, dos estudos experimentais ao rompimento com Freud; do estudo dos tipos psicológicos à obras prefaciadas à leitores benevolentes; de ponderações sobre o louco à genialidade de encontrar paralelos na alquimia para expor suas descobertas; da sanidade de sustentar sua autobiografia à publicação do Livro Vermelho e ao condensar dos Livros Negros; observa-se assim que o autor, ao longo de sua

caminhada profissional, vai ganhando cada vez mais confiança a discorrer sobre temas que lhe perpassam complexos, a progressivamente partilhar e desvelar com a comunidade científica os caminhos de suas próprias descobertas: o que denominou seu “autoexperimento”, ou, como sugere-se aqui em ponte à interdisciplinaridade e à nosso próprio tempo histórico, seu projeto científico parcial/situado/objetivo/autoetnográfico.

Vale destacar ainda que os escritos de C. G. Jung ainda passam por inúmeras revisões, compilações e catalizações, sendo ainda muitos de seus escritos desconhecidos ao seu público geral e outros publicados a muito pouco tempo a reverberar com profundidade na comunidade acadêmica, como o é caso do Livro Vermelho e dos Livros Negros.

Ainda assim, pode-se dizer que a obra de C. G. Jung é um produto vivo, absolutamente vasto e, arrisca-se, não mais tão subliminarmente... autoetnográfico(!), contribuindo assim com maestria a, a partir de nossos próprios usos criativos ao subsidiar dos interesses feministas em ciênciaS.

Na próxima sessão dessa obra, com o intuito de situar mais um dos motores criativos que suscitam justamente as articulações teóricas aqui propostas. Ou, para abrir um parênteses a situar/ancorar também objetivamente os contornos da própria escrita que lhes apresento em seus aspectos teleológicos - ou seja, em meus (im)próprios (e sintomáticos) “para quês” (in)formais de pesquisa – voltaremos mais uma última vez ao ponto de partida deste capítulo, já um tanto distante: a carta “ao leitor benévolo” de Jung, articulando-se em relação a esta, agora sim, algumas torções criativas a partir do conceito de *animus negativo*.

INTERTEXTO: ENTRE IN-SEGURANÇAS PASSADAS E PRESENTES, UMA
BUSCA POR ESCRITAS QUE NUNCA MAIS... SE DES-CULPEM (!)

Como vem sendo descrito ao longo dessa obra e como com ainda mais profundidade se desenvolverá no próximo capítulo em seus aspectos teleológicos, a construção dessa produção científica se deu a partir do atravessamento situado de uma série de sentimentos como “insegurança, vergonha e medo” ao escrever, que ganham por aqui considerável evidência e tornam-se em si objetos de discussão exatamente na medida em que se articula também à consciência pessoal da pesquisadora o quanto essa experiência é, na realidade, um sintoma narrado por infinitas outras vozes, especialmente mulheres, e, portanto, ao menos em algum grau, coletiva e merecedora de (novas) análises.

Dito em outras palavras, na medida em que foi se delimitando ao “eu” que vos fala o quanto a vivência que tive na relação com a escrita acadêmica - e que em breve melhor lhes narro melhor - foi *a minha fôrma de viver* algo que, na realidade, é “muito mais do que minha”, encontrando na realidade infinitos paralelos no desdobrar de outras pesquisadoras implicadas ao fenômeno da escrita (científica)... fez-me sentido dedicar-me a ela enquanto um efetivo objeto de pesquisa e intervenção.

Gostaria de promover uma primeira aproximação [*um primeiro aperitivo!*] acerca da problemática e a construção de seus paralelos com as questões de gênero retomando simbolicamente com meu leitor a carta “ao leitor benévolo” de Jung.

No começo do capítulo anterior apresentou-se como, enquanto o prefácio de uma de suas produções experimentais mais polêmicas, *Resposta a Jó*, C. G. Jung promove uma carta “ao leitor benévolo” a pontuar por ali deste modo, vale lembrar, sua consciência de que “seus esforços posteriores ilustrariam “uma espécie de confrontação” (Jung, 2011a p.16) que não o permitiria se “escudar por detrás de uma prudente objetividade” (Jung, 2011a p.16) mas que, ao mesmo tempo potencialmente colocaram-no sob o “risco de ser reduzidos a pedaços pelo entrechoque das partes que discutem acerca desses objetos” (Jung, 2011a, p.11).

Como antevisto pelo sistema psíquico do autor e independente de seus esforços com a carta, entretanto, sabemos o desenrolar histórico da publicação desse material: *Resposta a Jó* de fato encontrou muito pouca “benevolência” de seus interlocutores mais próximos quando divulgada, e, assim, foi mesmo considerada “conteúdo insólito” por seu público “erudito”.

Em contraste, tal obra reverbera até hoje na psique coletiva.

Bem, sabemos que Jung parte de um contexto cultural/histórico - como já se desenhou também nessa produção - em que as fronteiras culturais do científico [*assim como as de gênero!*] eram de fato bastante mais rígidas do que as atuais.

Pensando-se assim a partir do panorama contextual/histórico, a **insegurança** do autor em trazer a público os resultados empíricos de sua pesquisa, como fica evidente no prefácio “ao leitor benévolo” parecem até certo modo compreensíveis e justificadas a sua época, ainda que de mesmo modo emblemáticas.

Explico melhor minha linha de raciocínio.

À seu tempo, os métodos de coleta e análise de dados elencados pelo autor naquela obra, como já destrinchamos, têm mesmo contorno “não habitual, infrequente, raro, incomum, anormal ou que se opõe aos usos e costumes; que é contrário às regras, à tradição” - como se descreve no dicionário o termo “insólito”. Assim como, sustentados tais moldes de *conheSer*, parece também prudente nesse contexto seu apelo por leitores “prontos a entender, perdoar; complacente, indulgente, magnânimo”, como se descreve também no dicionário também o termo “benévolo”.

Mas se na psique da mulher, como muito já se descreveu e teorizou, mesmo diante dos incessáveis esforços do feminismo para a construção de outras direções e realidades psíquicas, persiste em habitar uma cruel voz “masculina”, que dita-a ‘insuficiente’ e/ou ‘incapaz’, convidando-a ao recuo de si...

...na relação com o fazer científico autoetnográfico, sinto informar ao meu próprio leitor que estar assombrado no entre o ‘isto não é arte, mas também não é ciência’ como o foi C. G. Jung ao longo de sua na relação com seu próprio autoexperimento (2015a) - descubro ao longo de meu próprio engajamento com a autoetnografia - ainda segue sendo um diálogo intersubjetivo bastante estrutural àqueles que se debruçam a este método de *conheSer*.

É como se, ao menos em termos intrapsíquicos, fosse importante até hoje um certo apelo em ciênciaS... à leitores (talvez não tão) benévolos...

Olhemos com atenção para essas “vozes”, assumindo desta forma a possibilidade de paraleloS entre o processo intra/intersubjetivo de se construir ciência autoetnográfica e os próprios atravessamentos simbólicos/psicológicos já narrados teoricamente de tal “angústia” a partir dos estudos das experiências dos gêneros.

Presente não somente, mas especialmente na psique das mulheres, esta emblemática personificação interna que tanto nos denigre de dentro para fora – que foi popularmente denominada também como “a síndrome da impostora” – é, na realidade, um fenômeno já bastante estudado pela Psicologia Analítica, sendo elencada a partir deste eixo teórico como manifestações negativas do animus (Von Franz, 2000; Jung, 2016a).

O conceito de animus é, na realidade, um dos mais controversos da abordagem junguiana, juntamente com o conceito de anima. Dedicuemo-nos a questão.

Assume-se que Jung foi um dos pioneiros em explorar a psicologia “do homem” e “da mulher” elucidando suas diferenças e interconexões (Sanford, 1986). Assim, a partir do que denominou anima e animus, o autor possibilitou o entendimento de que a psique individual é uma combinação de polaridades “masculinas” e “femininas”.

Para a época, podemos pensar que há algo de revolucionário nessa atitude e teorização, pois promove-se assim um primeiro vislumbre acerca da compreensão de como a pluralidade da psique constitui-se também a partir dos atravessamentos de gênero.

Sem suas devidas atualizações, por outro lado, dessa categorização destila talvez um dos piores efeitos da teoria junguiana clássica lida sem os devidos cuidados: cristalizações simplistas e misóginas acerca de “feminino” e “masculino” e, principalmente, acerca de como tais energias “fluem” ou “deveriam fluir” noS corpoS individuais à contornos dialógicos e essencialistas. Ou seja, delimitando-se de modo enrijecido e higienista “o que são ou devem ser” as expressões de “homens” e “mulheres” (como se, inclusive, essas fossem as únicas configurações de performática possíveis/disponíveis, especialmente, na contemporaneidade).

Atualmente, portanto, os conceitos de “masculino” e “feminino”, dentro da psicologia analítica, passam por uma grande reestruturação, em que se viu necessário

compreender e ressignificar as postulações de Jung considerando-o como alguém inserido em um específico contexto social e histórico, de modo a relativizar assim os papéis atribuídos de modo polarizado e predeterminado aos sujeitos (“homens” e “mulheres”) na relação com essas polaridades da psique.

Assim, se animus foi definido inicialmente como “uma manifestação masculina no inconsciente da mulher” (Jung, 2016a) e, em contraponto, anima articulou-se como “uma manifestação feminina no inconsciente do homem”, entende-se hoje por muitos pensadores que tal conceituação promovida por C. G. Jung entremeia-se com os limites históricos e culturas da época em que foram elaborados, e, portanto, merece novas e complementares torções criativas (De Franco, 2000).

Explorando a necessidade da reestruturação dos conceitos para um olhar contemporâneo, que honre toda a complexidade de nosso período, Michel Fillus (2012) explora, portanto, que a configuração biológica não pode ser compreendida unilateralmente na determinação de um sujeito. Para o autor, é importante também considerarmos a historicidade do sujeito, as marcas de seu corpo e sua subjetividade, pois é “entre o arquetípico e o cultural [que] o ser humano é delineado, assumindo determinada trajetória de desenvolvimento que é plástica e multifacetada”, e, portanto “o homem transcende esses limites físicos e se reinventa, um modo criativo que, como um impulso em direção à vida, se expressa na diversidade” (Fillus, 2012, p.40)

Avaliando-se a questão de forma mais ampla, aliás, podemos lembrar que até mesmo o próprio Jung abordou anima e animus em diversas reflexões sem encerrar o conceito em definitivo (Sanford, 1986), postulando enfim que anima e animus, como qualquer outro fenômeno arquetípico, jamais caberiam em uma formulação unilateral, e que, deste modo, só podem ser verdadeiramente explorados de modo simbólico e/ou experimental. Ou que, ainda segundo o autor, sua vivência é empírica, e que sua validação está além de sua mera compreensão intelectual. (Jung, 2016a)

Assim, podemos pensar que, em sua literalidade, tal conceito estabelecido pelo precursor teórico da Psicologia Analítica aprisiona a subjetividade dos corpos, reforçando a rigidez dos papéis de gênero, estabelecidas de fato como relativamente intransponíveis no século XX (De Franco, 2000). Já em suas atualizações e torções criativas feministas, como veremos, este conceito (assim como o conceito de anima),

se re-estabelece-se como uma possibilidade de se delinear recursos da psique que vão para muito além do sexo biológico, e que, deste modo, nos podem ser frutíferos inclusive para pensarmos a possibilidade de, até certo ponto, cada indivíduo autodeterminar-se na expressão de si (e) na relação com (seus) opostos (De Franco, 2000; Austin, 2005).

O terceiro capítulo dessa dissertação se dedicará mais a fundo estas questões, em convite à tais ampliações críticas e explorando-se as interconexões possíveis entre Psicologia Analítica, a escrita feminista e a produção de ciência.

Aos interesses presentes, entretanto, apresento-lhes apenas um paralelo que proponho entre a experiência do animus negativo – a voz que denigre – e a produção de ciênciaS “alternativas”, a convidar meu leitor a articularmos alguns vislumbres acerca da questão do aspecto teleológico de uma “manifestação negativa de *animus*” como esta, especialmente na relação com a promoção de (novas) escritaS.

Ou seja, a possibilidade de uma leitura feminista acerca de tal experiência intrasubjetiva acima descrita - em que (uma) psique discrimina de antemão que um conteúdo será lido como “insólito ao olhar de seu interlocutor” e se protege como pode de tal cenário antes mesmo de ele se constelar na materialidade – e em que, a partir de tal realização, situa-se a concretização de produtos científicos de qualidade que podem beneficiar os feminismoS.

Para tal, apresento-lhes a teoria e a torção criativa que nos é apresentada em relação ao conceito de *animus* a partir dos postulados de Sue Austin (2005).

Conforme a autora (Austin, 2005), o animus negativo pode ser lido através de lentes feministas como uma representação intrapsíquica e teleológica do conservador em nós.

Por essa leitura, quando abraçamos o desafio de destronar psicologicamente (de dentro para fora) alguns aspectos da cultura que tanto nos entram - representados internamente exatamente pela manifestação negativa do animus²⁹, ou

²⁹ e mais uma vez reforçados os contornos críticos aos postulados de C. G. Jung de este que este é e está embebido pela cultura, e portanto representa, para além de uma realidade objetiva, uma realidade construída socialmente e dependente de nossas (des)construções

seja, por essa rígida e muitas vezes cruel vozinha que ecoa dentro - nos estaria possibilitado impulsionar a extroversão da **agressividade necessária** a se ter “forças” (ou seja, agência!) para lutarmos por um “algo” concreto que se faz urgente (ao menos para nós) na realidade material (Austin, 2005).

Segundo a autora (Austin, 2005), portanto, podemos estabelecer que quando encarada uma travessia psicológica, a manifestação negativa do animus (ou seja, essa voz que nos enlouque na relação com nossas in-seguranças) pode ser interpretada como justamente aquilo que, de algum modo, nos fomenta a extroversão de movimentos psicológicos necessária exatamente para um bem-sucedido psicológico, denotando-se assim, em última instância, como um meio pelo qual “de dentro para fora” constela-se a agressividade acertada à construção de caminhos a que se confronte o desconfortável no mundo, impulsionando-nos, assim, a criativamente a rasgar e ocupar espaços nos quais historicamente... podemos concordar, não foram mesmo feitos para nos ‘caber’.

Nos próprios postulados de C. G. Jung (2016a), aliás, podemos observar a fagulha de tal ponderação sobre o desenvolvimento possível a partir do enfrentamento do *animus*, como demonstrado a seguir:

a atenção consciente que uma mulher [e neste trabalho você encontrará sempre o convite a ampliar seus horizontes dela para além dela!] tem de dar aos problemas do seu animus toma muito tempo e envolve bastante sofrimento. Mas se ela se der conta da natureza desse animus e da influência que ele exerce sobre sua pessoa, e se enfrentar essa realidade em lugar de se deixar possuir por ela, o animus pode tornar-se um companheiro interior precioso que vai contemplá-la com uma série de qualidades masculinas como a iniciativa, a coragem, a objetividade e a sabedoria espiritual.

Entendendo-se portanto essas “qualidades masculinas” citadas por Jung no trecho acima a partir das próprias torções feministas, e, assim, elencando-as como aquilo que tem preponderância a nos capacitar intrapsiquicamente para nossa agência no mundo - importantes para qualquer sujeito independente de gênero e sexualidade e ainda mais potente quando acionado coletivamente -, faz sentido pontuar com esses contornos que quando conseguimos estabelecer de dentro para fora que nossos empaques como estão (especialmente aqueles que ganham espaço intrapsíquico) são impossíveis, inaceitáveis e não mais passarão (como nos diz em congresso nacional a deputada Erika Hilton)...

...se desbloqueia também o fluxo libidinal necessário exatamente a se “transgredir” tal (im)posto, - fomentando que se (ir)rompa o que muito amarra daquele que aprende que deve 'se comportar' à conformidade das regras

[visíveis e 'invisíveis']

do jogo, mas sabe

[consciente ou inconscientemente]

que não mais deve (mais) fazê-lo:

o medo e a culpa.

A partir desse background, e voltando a questão dos paralelos possíveis entre a produção autoetnográfica e suas próprias “manifestações negativas do animus”, portanto, me pareceu válida a seguinte ponderação, implicada, também, com o futuro:

o que nos faz em pleno século XXI, estarmos ainda assombrados com tanta profundidade para a produção de nossas escritas, apesar de todos os esforços científicos, filosóficos e políticos, anteriores e subsequentes a C. G. Jung no sentido de validar e protocolizar a observação situada, qualitativa, empírica, intersubjetiva e assim, objetiva, como uma estratégia rica e legítima para produzir conhecimento, a tornar o argumento “isto não é ciência” mas/e também “não é arte” (que tanto assombrou o próprio Jung) impossível de fora para dentro na atualidade?

[estaríamos todos ficando “loucos”?]

Ou, ademais, o que nos faz precisar ainda hoje desdobrar tanta energia em defender a existência (subjetiva e objetiva!) de escritas/produções científicaS que se dão a partir de corpoS – ou sob o primazia de “autoexperimentos” - a não raro resultar em exposições vacilantes de nossos resultados, como se estes ainda de certo modo dependessem de leitores *[do mundo de dentro e de fora!]* talvez não tão benévolos a determinados conteúdos e fôrmas (ainda) “insólitos”?

Como o resultado dessa jornada investigativa, elenco que parece que todos aqueles que se comprometem a abrir espaço ao que ‘deveria caber’ como é, mas ‘ainda não cabe’ com naturalidade dessa forma... veem-se atormentados pela **dúvida**.

Ainda recorrendo ao paralelo de gênero (ampliando-o a todo e qualquer corpo dissidente/queer), se hoje está muito bem-posto - inclusive por nosso código penal - que exercer qualquer tipo de violência contra a dignidade de um vivente, a cerceá-lo de sua expressão em potência ou a, da forma que for, a denota-lo menos valioso em comparação com algum outro [olá *homem-cis-branco- hétero-rico-europeu*] está absolutamente vetado à sociedade... a experiência objetiva, *in-corporo*, daqueles que compulsoriamente se “destacam” em suas diferençaS com o normativo, ou seja, daqueles que não têm outra escolha senão desafiar os moldes que estão dados para si, bem sabemos... é outra.

As “bruxas” já não queimam mais nas fogueiras do mundo de fora, mas esse trauma coletivo ainda reverbera no mundo de dentro de todos nós:

Todo aquele que ousar ser, assumindo-se e potencializando suas diferenças na inter-relação com o mundo

[*ou seria sendo em compromisso com ser-com-arte?*]

[bagunça!]

Implícita (“guardando-se no armário” para se proteger)

ou explicitamente (saindo dele e pagando os preços)

conhece as consequências de fazê-lo:

Em algum sentido “**acatará**” o **normativo** e, assim, “**será atacado**”.

Verena Kast (2022,p. 20), a partir do estudo dos contos de fadas, aborda essa questão em seu aspecto simbólico, evidenciando mais uma vez o contraste teleológico de tal fenômeno psíquico. Especialmente sob os contornos da temática das quebras de tabus. Assim, a autora apresenta o papel irrevogável de tais enfrentamentos intra e extrapsíquicos em direção ao efetivo desenvolvimento de tramaS psicológicaS, como fica evidente no trecho abaixo:

nos contos de fadas, salas proibidas denotam uma zona de tabu. Esse tabu deve ser quebrado para que se possa dar mais um passo no desenvolvimento. Quebrar o tabu é, por assim dizer, uma feliz queda da graça, que é punida em cada caso no conto de fadas, mas que significa a abertura para um futuro diferente e melhor. Nós já nos acostumamos com o fato de que o tabu é regularmente quebrado em contos de fadas; ficaríamos surpresos se não fosse quebrado. No entanto, a quebra de tabus é geralmente punida severamente. Quem quebra um tabu deve pagar por isso; o que se põe em jogo é toda a sua personalidade, toda a sua vida. Quebrar um tabu muda completamente a vida de uma pessoa. Requer um compromisso total de todas as energias para provocar a mudança extraordinária; pois se trata de integrar algo que antes estava dissociado, 'fechado', é uma questão de reconhecer e aceitar um espaço proibido.

A partir de tais provocações, podemos estabelecer então que na relação com o próprio processo de conhecer, uma atitude investigativa sustentadamente humilde, pessoal e duvidosa pode ser, na realidade, bem-vinda e incentivada aos pesquisadores. Afinal, como diz Jung “seria uma violência ao objeto tornar um ponto de vista uma verdade obrigatória, mesmo em termos de pretensão.” Uma vez que “o fenômeno anímico é de fato tão ricamente matizado, multiforme e ambíguo, que se torna impossível captá-lo de um modo completo em um único reflexo especular” (Jung, 2011b, p.86).

Por esse sentido, se levarmos a cabo a premissa junguiana da impossibilidade de verdades absolutas – e, portanto, de nosso compromisso valente e errante com o mais basilar a este constructo teórico: “a existência e primazia do inconsciente e a consciência como sua forçosa derivação criativa” (Franz e Hillman, 2011, p.33) - podemos defender que na relação com o conhecimento em si, preservar uma inocência e curiosidade virginal sobre o fenômeno a qual se deseja desvelar é até certo ponto saudável. Um pensamento nos impulsiona a conjecturar, inclusive, que os esforços científicos prefaciados por cartas “ao leitor benévolo”, diferentemente do que olhos desatentos possam pressupor, podem estar a prenunciar a vivência ou a experiência psicológica não da pequenez, mas talvez justamente da “grandeza”, ou melhor, da complexidade de um determinado esforço científico situado, anunciando assim seu aspecto iniciático, e, portanto, indicando que que mais do que caminhar por trilhas já relativamente desveladas do saber, tal produção científica tem implicação de movimentar-se em vulnerabilidade, a abrir assim portas ainda não - ou ainda muito pouco - iluminadas pelo normativo: as vistas de um corpo particular.

Assim, elenco-lhes de antemão que os apreços feministas em direção à pluralização científica, portanto, devem intervir não frente a insegurança que contorna um processo de conhecimento marcado a partir da objetividade do corpo- esta que garante a criteriosidade e conseqüentemente o valor de determinado esforço científico (e também existencial!) -, mas aquela que se apresenta a (in)possibilitar que os produtos científicos finais e de qualidade advindos justamente de tais esforços, ou seja, obtido exatamente a partir de mergulhos prudentemente inseguros, venha **em potência** para fora, a, assim, contaminar outras consciências.

Ou seja, aquela que parece inibir que produtos científicos corporificados se sustentem até o fim ou, vencido tal empaque, que se estabeleçam **em confiança/em firmeza** de seu valor na relação com a “comunidade científica”.

A indiretamente a criticar, portanto, a marginalidade que as metodologias de pesquisa que se constroem a partir da subjetividade de corpos dissidentes ainda tem no escopo científico, portanto, e, principalmente, a refletir o quanto tal empaque é reforçado (ou instalado?) não por “loucura” ou capricho nosso, mas sim pela condição objetiva de “menor valor” que inegavelmente até hoje tais produções e produtores possuem nos espaços disponíveis de compartilhamento de ciência

[revistas e seus qualis, congressos e seus congressistas, comitês de ética etc.]

fazendo-as, até hoje, independente da qualidade com que foram construídas, serem lidas (subjetiva e objetivamente), na melhor das hipóteses, como uma ciência de “segunda classe”

[*assim como o é até hoje, 74 anos depois de Beauvoir (2020) estabelecer tal denúncia – “a mulher” um “segundo sexo”*].

se materializa essa produção.

Para não correr o risco de ser taxada de “exagerada”, “dramática” ou de inventora de “coisas onde não tem”, todavia, anoro ainda a promoção/provocação desses paralelos entre a in-segurança que se faz no produtor “dissidente” em ciências e a experiência concreta que está posta para ele enquanto uma realidade objetiva na academia em um exemplo bastante expressivo de tal temática.

Um relato que nos é disponível à consciência e elaboração coletiva graças à coragem e resiliência de Gustavo Raimondi (2019), assumindo assim a construção de um trabalho não só narra como também, justamente a partir de sua própria narrativa, assume uma intervenção frente algo que normalmente fica [*enlouquecedoramente*] invisível na experiência dos pesquisadores: a relação com os meandros burocráticos dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP)³⁰.

Na situação (talvez não tão) pontual apresentada, descreve-se que quando o autor foi protocolizar para o órgão em questão sua tese de doutorado (uma autoetnografia performática destinada a explorar a vivência do corpo gay na escola médica), mesmo apresentando ao CEP uma exímia sequência de referências e argumentações sólidas a amparar e justificar a autoetnografia enquanto sua metodologia de trabalho catalogada e válida no escopo das ciências contemporâneas - como também já apresentamos e a de alguma forma antever

ainda que intuitivamente naquele momento, que propor um projeto que (in)diretamente questionava os pressupostos do ‘distanciamento do objeto de pesquisa’ e da ‘neutralidade do pesquisador’, como elementos fundamentais para realizar “Ciência” na lógica cartesiana ocidental, resultaria em um grande enfrentamento “sem garantias” (Raimondi, 2019, p.102)

o pesquisador obtém, em 2016 (a confirmar seus medos iniciais!), o seguinte parecer inicial do CEP para o seu trabalho:

não aprovado o protocolo. Considerando a extrema subjetividade da pesquisa, uma vez que o participante é o próprio pesquisador, o CEP/[...] entende que os resultados obtidos podem estar enviesados, levando a entendimentos errôneos sobre o tema (PARECER CEP- [...], 2016 in Raimondi, 2019, p. 102).

Destaca-se assim que tal parecer elucidada e ilustra mais uma vez como, apesar de há mais de um século pesquisas se constroem “cientificamente” exatamente a desdobrar incansavelmente a importância justamente de tais “resultados enviesados” em ciências humanas – ou seja, do se assumir uma posição pesquisadora necessariamente situada, atravessada por sua constituição histórica e apresentadas aliás com afinco no trabalho de Raimondi (2019)– estas ainda são paradoxalmente compulsoriamente desvalidadas pela própria estrutura científica como “não científicas

³⁰ Tanto no trabalho de Austin (2005), como no trabalho de Raimondi (2019), aliás, ficam às/aos leitoras/es inspirações de trabalhos subsidiados e que subsidiam epistemologias feministaS

o suficiente” e assim, silenciadas de formas mais ou menos veladas a se realizarem em potência.

Não dado como vencido, entretanto, Raimondi decide então por produzir um artigo que publica internacionalmente exatamente a desdobrar autoetnograficamente tal evento vivido, que muito lhe parece reforçar a sensação que diretamente mobiliza sua pesquisa de doutorado: a de carregar um corpo que não pode de todo existir/ que é compulsoriamente silenciado em seus saberes [*sabores!*], especialmente “na medicina”.

A analisar/questionar assim exatamente tal decisão do CEP, denotando- a, finalmente, como uma manifestação “[d]o epistemicídio da ciência cartesiana que suprime outros saberes com o processo de monopolização epistemológica da ‘Ciência’” (Raimondi, 2019, p. 107) e, especialmente, a partir da visibilidade internacional que consegue com a publicação deste artigo, o autor recebe, finalmente, em um novo parecer da instituição.

Hoje, em sua tese de doutorado - publicada em 2019 – você encontrará:

1) tanto a produção em que, fazendo ciência (!) o autor banca jogar no ventilador (su)a ‘bronca’ com a ‘ciência normal’ e com o CEP da escola médica, quanto

2) sua autoetnografia performática sobre o corpo gay na escola de medicina, aprovada posteriormente pelo CEP a se efetivar e nos acalentando [*alimentando nossa raiva!*] que dá [*muito*] trabalho, mas que é possível (e necessário!) fazermos “arte” com aquilo que nos empaca (Raimondi, 2019).

[*Mas a que custo em termos de saúde mental? -chora minha menina*]

Aproveito essa oportunidade para elucidar que esse esforço científico que enfim lhes apresento, não tão diferente, expõe também “um passo para trás” em relação a um outro fazer autoetnográfico ao qual me dedicava, de modo a explorar e fomentar, assim, ainda mais preponderância a d-enunciar a possibilidade (utópica) de que corpos possam narrar seus próprios saberes em dignidade. Escrevendo-se assim, inclusive “cientificamente” não só com mão “solta”, como também com mão “firme”!

Com o amparo do prisma teórico da Psicologia Analítica e em diálogo com o panorama das epistemologias feministas portanto, nesta obra, e por várias frentes, nada mais se desejou do que instrumentalizar caminhos a que experiências/considerações significativas dadas em corpo possam cada vez mais pleitear caminhos a ostentarem-se com a firmeza de escritas que não mais se desculpam. Ou, ainda, possam cada vez mais se alicerçar em argumentos sólidos a nunca mais fazerem-se sob o prisma da culpa.

Assim, reitero mais uma vez que a manifestação do animus negativo vivenciada no processo de assim fazer pesquisa autoetnográfica, ou seja, o diálogo com aquele interlocutor em nós apresentado no início desse capítulo como o que nos põe em tortuoso diálogo com o in-seguro

*[já parou para pensar o quanto sua in-segurança te mantém em segurança,
leitor?]*

ainda que por vezes terrível, não é efetivamente nosso verdadeiro problema, mas talvez justamente a manifestação psíquica que nos põe, de dentro pra fora, como convida Butler (2018), a pensarmos ou criarmos melhores formas de *termos exatamente eles... os problemas!*

Simbolizando, a um só tempo, portanto, vale reforçar, tanto a representação interna do normativo, como também a manifestação psicológica teleológica implicada em, quando encarada uma travessia, catalisar e construir caminhos à transformação de tal realidade (Austin, 2005), a manifestação negativa do animus, mesmo que por vias tortas, é na realidade um grande protetor e impulsionador de movimentos psicológicos e desenvolvimentos.

Por este panorama, podemos apontar que a experiência psíquica do animus negativo pode ser lida como aquilo torna 'o que empaca' nossas escritas literais e simbólicas intolerável intrapsiquicamente, promovendo-se assim como o *algo* que dá cadência psicológica a nos cutucar para além dos cenários perigosamente (des)confortáveis demais à nossa subjetividade e, principalmente, a sua expressão.

É assim - a partir deste prisma reflexivo e crítico que nos é estrutural para as costuras fomentadas ao longo de toda esta produção [*que nada mais são também do que o produto final de um carinhoso confronto com (meu próprio) animus(!)*] - que os convido, meus leitores esperançosamente também benévolos -e não sem todas as resistências em fazê-lo - aos meandros inter-subjetivos do próprio produto científico em pauta.

Para tal, vamos para mais uma camada de sua história:

Esse trabalho era exclusivamente autoetnográfico!

Lhes narraria, como quem sabe ainda o farei em um futuro próximo (e talvez por toda uma vida), a jornada de uma COM um corpo E implicada a deixá-lo escrever-se/ soltar-se a partir da dança. O que já é uma mudança de rota e lhes explico melhor.

Gosto de brincar

[*mas na verdade falo sério e é doído*]

que estes ensaios nascem de uma série de “erros de laboratório”. Ou seja, de uma série de ‘reações experimentais não previstas de antemão por uma pesquisadora implicada em um esforço científico a partir de próprio corpo e que, assim, acabam se mostrando muito mais emblemáticos e dignos de verdadeira nota do que o foco de atenção inicial da pesquisa, alterando todo o seu direcionamento investigativo.

Voltarei ainda mais no tempo.

Quando terminei minha graduação em Psicologia, em 2019, decidi que antes de realizar um mestrado acadêmico me dedicaria a formações complementares que me ancorassem com mais profundidade na prática profissional, a ter assim mais refinada minha atenção e escuta a este que sempre me intrigou como o talvez único (e absolutamente maltratado) motor de psicologia: o corpo.

Para honrar então com mais profundidade esse espaço de produção e compartilhamento de saberes – a academia -

[e porque não dizer também, na busca por honrar com ainda mais visceralidade o meu próprio um motor de conhecimento, este, justamente, que vinha des-cobrando-se absolutamente subestimado em seu potencial criativo - meu corpo!³¹]

me engajei em uma formação teórico-prática em transtornos alimentares no ambulatório especializado na temática da Unifesp, o PROATA. Uma experiência, aliás, a qual sou tão grata e é tão estrutural a profissional/pessoa que sou que me teve por tempo extra como voluntária - e provavelmente me teria até hoje por lá deste modo se não exigisse à curitibana estar em São Paulo todas as semanas³².

Para quem não o conhece o ambulatório, referencia nacional na temática, penso na síntese de que no PROATA se aprende sobre o manejo clínico dos transtornos alimentares pela interlocução direta com casos clínicos da mais alta complexidade na área. E, principalmente, pela troca amorosa e profunda entre pacientes e profissionais dos mais variados saberes, prismas teóricos e áreas de atuação, implicados em quebrar a cabeça juntos a aprender, caso a caso, a melhor forma... de tentar salvar vidas!³³

Falando-lhes especificamente de minha experiência pessoal, posso lhes dizer que foi ali, no PROATA, onde eu mais interagi em maior grau com o emblemático fenômeno de “uma vida vivida do pescoço para cima”, descrito por Marion Woodman (1993), em que corpos absolutamente potentes encarceram-se no “doentio” em prol de uma performance (um número na balança, um tanto de centímetros, uma determinada roupa etc.), paradoxalmente gritando, justamente a partir da própria expressão patológica, em direção à libertação de tudo isso.

E posso lhes dizer também que me incomodou-me imensuravelmente ver aqueles corpos, tão poderosamente comunicativos... comunicando-se

³¹ Quem vos fala é um tipo sensação que se desenvolveu como um tipo distorcido!

³² É com base nessa experiência que amparo as provocações e percepções que destrincho a seguir. Ou seja, com base no que fluiu em mim pela prática, claro que juntamente com muito estudo teórico, mas particularmente a partir de meus olhos e, portanto, apenas nesse trecho da dissertação, desgarrado de tanto referenciar outros olhos

³³ Os transtornos alimentares são efetivamente os transtornos psiquiátricos que estatisticamente mais matam

psicologicamente - talvez pela falta de termos na cultura outras relações possíveis com os nossos corpos, conjecturo – necessariamente a partir da doença.

Sabe leitor/a/e,

Um corpo não se cala.

[quantos séculos mais permaneceremos tentando fazê-lo?]

Ao longo desse engajamento com as pacientes com transtornos alimentares³⁴, portanto, fui entendendo por que tanto o tema me pegou no começo de minha jornada profissional com tanta profundidade:

foi trabalhando com transtornos alimentares aonde mais “a bailarina” e “a psicóloga” em mim, ao menos em suas versões mais tímidas/reprimidas, puderam simbolicamente começar a se unir... para “transformar realidadeS”.

Explico melhor.

Em minha humilde opinião, trabalhar com transtorno alimentar é algo como, ou ao menos, deveria ser, assumir o compromisso (metafórico!) de chamar mais e mais pessoas... para “dançar”!

Fiquem comigo...

No mundo dos transtornoS alimentareS (e especialmente sob os contornos de casos mais severos) estamos falando em maior ou menor grau majoritariamente de mulheres-meninas (ou meninas-mulheres?) absolutamente identificadas com o que se espera que elas sejam. Absolutamente enredadas em cumprir performances e, para tal, “perfeitamente” amalgamadas em uma “não- existência”.

Posso estar errada. Mas, aos meus olhos e diante da minha experiência clínica, um transtorno alimentar severo escancara o ponto mais baixo e o preço mais alto que

³⁴ digo no feminino pois as mulheres, não atoa, como veremos afrente, ainda são a maioria por aqui. Mas como disse, nesse trabalho o tempo todo você verá o convite de irmos para além delas. - Em direção aos monstros?

se pode pagar em busca do que todos nós em algum grau buscamos: **ser aceito ao olhar do Outro.**

Ao mesmo tempo, o transtorno é, em si, uma convocação definitiva e irrevogável para um novo caminho. É a súplica de um corpo que diz “chega!” e, assim, escancara a insustentabilidade de um (não) existir.

Da forma como eu vejo, portanto, trabalhar com transtornos alimentares...

...é abraçar o desafio de libertar!

Especialmente mulheres.

Em última instância, a anoréxica, a bulímica e a paciente com transtorno da compulsão alimentar são bodes expiatórios de todo um sistema que, em prol de sua estabilidade, se sustenta na gestão de encarceramentos psicológicos.

Quando, em um tratamento respeitoso e especializado, vamos carinhosamente ouvindo e dando espaço para esses corpos machucados, aos poucos presenciamos também tal “não-existir” estático e preto e branco [*pura fachada!*] ganhar cores, sabores e movimento. Um movimento que sempre esteve dentro.

É lindo, terrível, potente e revolucionário de acompanhar. De uma maneira que eu nem sou capaz de expor aqui.

Diz-se que Mandela uma vez afirmou que o que mais temos medo é justamente o que é grande em nós.

É essa foi a sensação que eu tive dialogando com essas pacientes:

“Elas” [*mas na verdade todos nós*] morrem de medo!

E fazem de tudo para poupar a si e ao mundo, lindas que são,

dA potência que carregam.

- E mais uma vez, eu não estou falando de um número na balança, um IMC ou uma aparência física-

O que eu escuto nas “pacientes com transtornos alimentares”,

[e, de novo, também em mim. Também em você!]

por detrás de infinitas (infinitas mesmo) camadas de repressão, culpas e medos é normalmente o seguinte:

Pessoas absolutamente ‘fora da curva’!

Pessoas maravilhosamente criativas, autênticas, provocativas... destruindo-se para não “destruir o mundo”,

enquanto seus terríveis e amorosos algozes internos fazem de tudo para que elas não desistam de sua força, de seus movimentos, de seu tamanho.

Torturam-nas a que elas não sucumbam a tentação de “perfeitamente caber”.

Na Psicologia Analítica, muito se usa o mito da Perséfone para ilustrar o dilema dos transtornos alimentares. Não entrarei nessa discussão pois não vem ao caso, mas quero deixar apenas essa pimenta: parece-me sintomático que tanto se olhe no mito para “Core”, a personagem menina ali descrita no início da narrativa mitológica... e tão pouco se encare quem ela, bancada uma travessia, irreparavelmente se tornará:

Perséfone!

Se dentre “os junguianos” acorda-se que o mito ilustra bem a trama psicológica entremeada aos transtornos alimentares, parece-me interessante, no mínimo, que olhemos então o mito atentamente até o fim:

Perséfone é uma “demônia”!

Mais do que isso.

Persefone é A demônia!

A senhora do mundo dos mortos capaz de livre transitar entre o mundo dos vivos e dos mortos.

A capaz de apaziguar o materno e o transgressor.

A que pode comer uma romã nos infernos e sobre-viver a ela.

A que atravessa, trai, constrói, destrói e, assim, equilibra o aspecto cíclico/criativo da vida.

Sei que é ousado [*bagunceiro*] por si só eu expor com tanta veemência esta forma de olhar para as mulheres e demais “monstros”³⁵. Sei que observar as subjetividades com monstruosa esperança em seu desenvolvimento [*de forma tão assumida e orgulhosamente romântica!*] é rara, até mesmo entre quem está na linha de frente desses atendimentos.

Mas eu a defendo ainda assim, e não estou sozinha em tal defesa – Sue Austin (2005), aliás, autora citada há pouco, é um exemplo de autora que promovem defesa muito semelhante acerca da temática. Juntamente com Carla Zalafon (2020). Não preciso nem dizer o quanto foi um alívio encontrá-las. O quanto foi um alívio que elas não tenham desistido de sustentar elas próprias suas “loucuras-sãs”. Segurar a partir delas suas (im/in)próprias escritaS.

Nessa direção, portanto, pleiteio a dúvida de meus benévolos leitores afirmando aquilo que quem trabalha com elas entenderá: elas são mesmo muito boas, quando “querem”

– ou seja, sentem a necessidade disso –

em nos enganar!

Seria porque até certo momento queremos mesmo ser enganados?

Parece afinal muito menos trabalhoso ‘consertar’ as (não tão) doces ‘meninas’, do que antever, respeitar e estimular a que se desenvolvam as perigosas Mulheres, não é?

³⁵ Não atoa, pessoas do universo LGBTQIA+ são também grandes alvos dos transtornos alimentares. Aproveito a oportunidade para narrar também que investir nas teorias de gênero e sexualidade foi, para mim, aliás, outro mergulho na sanidade. Encontrar, afinal, a companhia de quem está assumindo busca ativa por si, por seu corpo e por sua expressão em potência - por seus lindos “exageros” - foi extremamente promotor de saúdes tanto para mim quanto para minha escuta clínica/analítica.

Acredito que olhamos muito, muito pouco mesmo ao entrave histórico/cultural entremeado nesta causa:

Quem são as que ir-romperiam do des-encontro com o corpo e quanto verdadeiramente as queremos vivas?

Ou, minimamente, o que historicamente temos feito delas/com elas?

[Lilith! Geni! Demônias! Vagabundas! Loucas! Monstros! Bruxas!]

Há um trauma coletivo aqui.

Assumir na relação com aqueles que chegam em nossos consultórios com um corpo que grita por ajuda não só o desafio de ‘recuperar’ [*desperdício!!*] como, principalmente, o de proteger um desenvolvimento, incubado justamente a partir de um corpo que não se silencia é, para mim, a maior missão que podemos abraçar no encontro (não só) com essa temática enquanto profissionais de saúde.

Assim, em um mundo em que os tratamentos frequentemente ditam o parar de modelar e dançar³⁶, entendi que eu preferia tentar aprender “com quem dança” (será que alguém de todo sabe?³⁷) a COMO melhor “colocá-las para dançar”.

Ou melhor, a como melhor acolher e acompanhar a *transformação* do “(não) dançante” nelus!³⁸

³⁶ Foi o que em definitivo me fez mergulhar nessa área, eu acho. O dia em que ouvi em um congresso um médico confiantemente [*vaidosamente*] narrar ‘seu caso do sucesso’, em que ‘sua’ paciente teve uma remissão significativa de sintomas de seu transtorno alimentar ao custo de que ela tenha levado a cabo sua brilhante indicação: que ela ‘amadurecesse’ e parasse de modelar e dançar Ballet, algo que ela amava fazer e era absolutamente reconhecida por.

Que ela abrisse mão de seu ofício!

Instantaneamente me imaginei na pele daquela menina, doendo em silêncio ao pensar o significaria para eu ouvir de um psiquiatra, tão novinha como ela era e de uma posição tão vulnerável, que o caminho para minha cura fosse parar dançar...!

- e não transformar minha relação com a dança! - Que cura seria essa?

Não fez sentido à minha alma e eu sustentei essa dúvida: *será mesmo* que esse é o único caminho de tratamento possível? Será que isso é tratamento?

Simplesmente me parecia uma jornada pela metade... No ano seguinte estava no PROATA.

³⁷ Entendi ao longo da trilha que não. Somos no máximo alguns trabalhando incessantemente nessa direção, pois essa cura é necessariamente coletiva.

³⁸ Vale notar em complemento que a depender da gravidade do caso por vezes é de fato necessário interromper atividades físicas *temporariamente* para evitar ainda mais perda de peso e/ou para

Partindo, portanto, da constatação profunda de que uma intervenção passiva ou meramente intelectual não estruturava aqueles corpos doentes, mas ao contrário, por vezes até contribuía para sua autodestruição, chamou-me atenção atestar que é apenas a partir de seu próprio corpo que o analista pode se fazer presente e continente ao seu paciente, sendo a partir dele que se fomenta o encontro analítico.

Mais do que “recuperá-las”, portanto, assimilei em mim o desejo em instrumentalizar *formas* de estimular [*consciências políticas?*] a que cada uma - ou melhor, que cada um de nós! - possa encontrar seus próprios modos de soltar corpo (literal e simbólico!), ou, *dançar* nossos próprios caminhos em direção a um futuro respeitoso à *existência* e vivência de corpoS.

A partir da aproximação com essa demanda em específico, portanto, foi ficando cada vez mais evidente para mim algo muito bem delineado na literatura winnicottiana: o corpo efetivamente precisa estar implicado no processo de transformação, como uma dimensão ativa do cuidado, de modo que, especialmente com esse público, muito mais do que interpretações e intervenções específicas, importava a presença, o olhar, a constância, o *holding* [*O AMOR, A CORAGEM E A ESPERANÇA!*].

É a partir dessa compreensão e desses contornos que me permiti então objetivamente a reconsiderar o mestrado acadêmico.

Como uma aspirante a pesquisadora com seus (normalmente) grandes demais sonhos de pesquisa...

...eu queria entender como se dão os (im)possíveis caminhos em direção a abraçar uma vivência autêntica, fluida e implicada de movimentoS. Queria aprender

fomentar uma ressignificação da relação com o exercício físico. O que se defende aqui portanto, não é que essa medida protetiva deixe de existir, pois ela é importante e muitas vezes salva uma vida. Mas sim que 'o tratamento' pare por aí, encontrando assim fantasiosamente na própria evitação um fim “satisfatório” [*satisfatório para quem?*]

A verdadeira remissão de sintomas envolve (re)conectar-se com o corpo, fazer as pazes com ele. Esse é o verdadeiro fim [*início!*] de uma trilha.

como estimular a soltura de corpoS. Queria aprender “com quem dança”... como dançar!³⁹

Mais do que estudar os transtornos alimentares, deste modo (para a tristeza de meu orientador!), interessava-me afinal destrinchar o pedido de resgate implícito inclusive naquela expressão patológica: a possibilidade de corpoS comunicativoS, existenteS, potenteS, dançanteS!

[A possibilidade de corpos femininos que gozam!]

Desse modo, ao menos enquanto utopias iniciais, passei a ponderar a urgência em pensarmos em instrumentos implicados em resgatar e dar espaço para oS corpoS, para que eles possam falar por si. Para que eles possam gozar de uma expressão em potência.

Contaminada pela leitura de Foucault (1988), estabeleci internamente que eu queria provocar e dar eco à compreensão das potencialidades que temos e perdemos, inclusive enquanto profissionais de saúde, de convidar corpo, ou melhor, *de ter próprio corpo*, como um veículo respeitado e potente de expressão e também exploração psicológica, para além do cenário da doença.

Interessava-me elucidar a (im)possibilidade de um corpo potencial, de modo a fomentar lugar científico e social (ou ao menos denunciar a falta dele!) ao corpo sentido na atualidade, a construir caminhos a corpos que se comuniquem para além da expressão dita “patológica”.

Questionava-me o que poderia acontecer, dentro e fora das fronteiras do consultório, quando fornecemos espaço psicológico para além do panorama da patologia ao corpo, ou ainda, quando consideramos para além da perspectiva do corpo-besta, valorizando-o como mobilizador e facilitador dos movimentos analíticos.

Para tal, embrenhei-me a compreender o *histórico* da repressão e controle dos corpos. Deste modo, em um esforço *teórico* (ou seria imaginal?) entre Psicologia e

³⁹É interessante e paradoxal notar e deixar marcado que dançarinos, especialmente de ballet clássico, são população de risco para transtornos alimentares. Lembra-nos que um corpo pode ser domado por qualquer treinamento rígido. Inclusive (e talvez até especialmente) o corporal

Sociologia, articulei enquanto meu plano científico (enquanto meu pré-projeto de pesquisa) traçar um enlace entre as tipologias psicológicas elencadas por C. G. Jung e a perspectiva de controle dos corpos traçada por Foucault (1988), de modo a olhar para a própria cultura a buscar os porquês, e, especialmente **os para quês** de corpos que adoecem ao (não) falar. Fomentar um outro movimento em relação à experiência corporal e outras leituras possíveis inclusive em relação a questão da distorção tipológica.

Esse estudo, portanto, como podem ver, era, *teórico*.

Ao menos em seus contornos formais. Eu assumi fomentar *uma provocação científica*.

E assim... eu passei no mestrado.

Mas... já que eu falaria de controle de corpos... da necessidade de ‘soltarmos’ corpos... (já trabalhavam os meus diabinhos...!) pareceu-me interessante, desafiar-me a fazê-lo também... com o meu próprio!

Como minha exclusiva “ratinho de laboratório”, portanto, passei a explorar tal proposta teria em mim. Ou, em outras palavras, passei a implicar-me em testar em/com meu próprio corpo as reverberações do que eu propunha como um bom caminho: “soltar meu corpo”, seja lá o que isso significasse.

É assim que tiro de dentro da gaveta minha “bailarina clássica”, que estava guardadinha dentro de mim a algum tempo [*os diabinhos venceram!*], entendendo que ela poderia me ajudar nessas explorações informais de pesquisa.

E é assim também que essa pesquisa encontra sua primeira ignorância, ou, seu primeiro ponto cego. Pois a hora que eu empresto o meu corpo para essa pesquisa... ou seja, quando sustento o compromisso em rasgar o in-seguro em mim na direção de novoS movimentoS...

Eu levo um susto.

Muito rapidamente entendemos [*foram estupr4d4s?*] nós duas.

Eu e a em mim “que só queria aprender a dançar”.

Havíamos cutucado um demônio grande demais

Havíamos aberto uma caixa de pandora

Eu sabia, ou melhor, eu imaginava e estava na medida do possível preparada a encarar como me desafiar a explorar novas metáforas de movimento remexeria a minha subjetividade. Me deixaria in-segura.

Ou melhor, eu estava atenta a ver e narrar como desenvolver novos dançantes em mim e o quanto isso me provocaria, me desafiaria, me remexeria.

Mas eu não tinha dimensão do quanto “meu” dançar remexeria também... os outros⁴⁰

Essa pesquisa muda de rota do teórico em direção ao autoetnográfico quando uma Milena que decidiu por dançar, ou seja, que decidiu por (não tanto mais) frear-se diante das inseguranças (im)postas de dentro pra fora e implicar-se ativamente a ampliar seus repertórios de movimentos (aprender novas modalidades de dança, explorar o poder dos improvisos etc.)... passou a entender que fazendo-o remexia não apenas a si, mas também... quem estava em volta⁴¹.

Este produto [*manifesto*] científico torna-se, finalmente, perigosamente urgente principalmente na medida em que meu próprio “autoexperimento”, utilizando a nomenclatura proposta por Jung, passa a promover a recomendações [*ou seria*

⁴⁰ Eu genuinamente acreditava que essa experiência de tentar ‘soltar meu corpo’ a partir da dança seria como “um filme de terror” para mim e como “um filme de comédia” para fora/ para quem assistisse (a cena da bailarina clássica, toda quadrada, querendo aprender a se soltar... deveria ser tragi-cômica!, não é? Não foi bem assim. Foi bem mais do que isso.

⁴¹ Não atoa principalmente no que tange as danças ditas “femininas” e mais “sensuais”... remexer os outros foi coisa seríssima
“cuidado, Milena” “pare”; “por favor não pare”; “é lindo”; “é terrível”; “ela enlouqueceu?”; “mas porque você tem que ‘postar’?”; “eu adoro quando você ‘posta’”; “denunciem ela para o CRP! (conselho profissional de Psicologia)”; “é que ela terminou namoro...”; “será que ela está tentando provocar o ex-namorado?”; “Será que não tem chance mesmo deles voltarem?” **“Você está correndo muito perigo e se você não se importa de acontecer algo contigo então você é muito egoísta, porque muita gente te ama e vai sofrer se você morrer”**(!!!) são algumas pérolas, cheias de afetos e energia psíquica que foram sendo ouvidas de fora para dentro pelo caminhar, a me ajudar a entender que dançante está longe, longe mesmo de pertencer ao eu.

as ameaças?] e as realidades, não só de dentro pra fora, mas também de fora para dentro,

de que eu deveria

TOMAR CUIDADO.

Cuidado com a minha credibilidade profissional, cuidado com os olhares e ataques que eu poderia receber...

Parece haver coisa estranha por aqui, não é?

Entendi com esse autoexperimento [ou re-acessei?] em muito pouco tempo, que dançar... é mesmo perigoso.

Muito mais do que eu antevi.

Mas que “perigoso” poderia ser esse?

E... perigoso... para quem?

A coisa se torna mais intensa ainda com um apelo reflexivo e crítico: minha “bailarina clássica” nunca tinha ouvido que deveria tomar cuidado.

Pelo contrário, ter a bailarina clássica em minha bagagem só me dava ainda mais credibilidade, sempre me deu mais credibilidade, frente ao olhar do outro. Tanto no contexto pessoal como no contexto profissional enquanto psicóloga.

Vislumbrei então que não necessariamente movimentar-se está desautorizado na cultura. Mas certamente existem autorizações muito específicas dos ‘dançantes’ se pode ou não se pode ocupar, a depender de qual corpo e espaço na cultura se ocupa.

Aqui nasce em definitivo este pesquisar, e, com ele, também minha artista.

Esse é um projeto nosso.

Meu e dela.

Meu e de minha “bagunceira”!

Juntas, finalmente, encontramos o último e derradeiro desafio desta jornada, o que nos encaminha a nosso último e definitivo mote investigativo nesta viagem com infinitas continuações possíveis: destrinchar o panorama das *perigosas* “escritas femininas”, subsidiando-as em sua possibilidade de ser exatamente a partir do ancoramento, ou ainda, da articulação teórico/prática disponível à consciência no (tortuoso) entrelace crítico entre Epistemologias Feministas e Psicologia Analítica.

Digo isto porque quando tomo consciência das d-enunciaS [*heresias!*] que gostariam de fluir ‘cientificamente’ para o papel partir de meu próprio corpo e suas ‘artes’...

minha escrita (“científica”) simplesmente “empacou”(!)

Se antes eu *sentia* que eu “não sabia” dançar...

... agora eu, de dentro pra fora, simplesmente “não podia” mais fazê-lo e,

pior ainda, registrá-la!

Eu não conseguia mais escrever (!!!)

Eu já havia feito iniciação científica, TCC, artigo, apresentação no palco principal do maior congresso científico de minha abordagem teórica do Brasil... e de repente... eu simplesmente “não sabia” mais fazer nada daquilo.

Foi como se, em pleno século XXI, eu estivesse - assim como Jung o foi um século antes - diante da inconsciente-consciência de que eu também não contaria com tão benévolos “leitores”. Como se eu soubesse de antemão que a exposição de minhas des-cobertas seriam, ainda hoje, “insólitas” não só à própria ciência, como também a alguns de meus próprios pares no coletivo.

Afinal, como e por que eu “não sabia mais escrever?”, perguntei-me.

A partir de minha identificação com a Psicologia Analítica como meio já conhecido de subsidiar (minhas) compreensões/ explorações psicológicas, aprofundei ainda mais meu questionamento: **Para quê?**

E é quando me deparo com a viceralidade desse fenômeno... ou seja, quando me vejo diante do entrave mais profundo em conseguir entregar essa dissertação e assim narrar ‘cientificamente’ (minhas) doídas des-cobertas... que descubro tal fenômeno na realidade já foi preponderantemente narrado e problematizado por outras vozes - especialmente mulheres –vinculando-se-os exatamente ao meu objeto de estudos inicial: o panorama da repressão e da socialização dos corpos (!)

Desse (des)empaque, ou melhor, desse grande mergulho no “problema elencado como um problema” pela autora que vos fala, surge enfim o terceiro capítulo desta obra. Na realidade, o primeiro a ser escrito de forma definitiva.

Assim, do mesmo modo como apresentei anteriormente ter acontecido na obra de C. G. Jung, em que os produtos científicos a quais temos acesso, em termos de publicação, por último (Livro Vermelho e Livros Negros) são na realidade os materiais que dão como a *base* de grande parte das produções ulteriores. Com as devidas proporções, revelo-lhes que da mesma forma se dá esse produto científico:

A interlocução entre socialização de corpos e a (im)possibilidade de soltar escritas foi a primeira des-coberta que se deu por aqui, a mobilizar todos os outros (deS)encontros científicos posteriormente elencados nessa obra. Fundamentando-se essencialmente aos moldes de um “autoexperimento”.

Assim, se Jung em algum momento da trilha encontra a alquimia como um modo de parar, justificar e costurar a sanidade dos saberes que se deram em si muitos anos antes de forma emocional...

...eu, graças a minha excepcional banca de qualificação de mestrado, como já lhes narrei em outro momento dessa dissertação, encontro para além daS “escritaS femininaS” (que já são muita coisa!), enfim, as *Epistemologias Feministas*.

Não posso deixar de narrar em complemento que muito cogitei, uma vez diante desse produto alternativo (o estudo das Epistemologias Feministas), deixar esse último trecho do trabalho, que apresenta exatamente as des-cobertas da “escrita feminina”, também indefinidamente subliminar a meu próprio público amplo.

Em outras palavras: eu em muito tive que resistir a rechaçar essa narrativa que lhes apresento como um mero “caminho da pesquisa” implícito a esse desenrolar científico. Afinal, sabidamente ele não conta com o “caráter erudito” que mais pode me proteger enquanto uma comunicadora de saberes, não é?

[Tudo aqui é frágil, situado, parcial. Inclusive - ou principalmente - na *relação com o tempo*. Assim sabidamente são os saberes dados em corpo. Os saberes dados no desdobrar de um ponto de vista: assumem-se sempre merecedores de novas atualizações, sempre passíveis de novos olhares, novos pontos de vista, e, principalmente, novos amadurecimentos...

Mas não deveria ser assim tudo que se dá em ciênciaS?])

Harding (1987), entretanto, como eu própria expus anteriormente, muito bem nos adverte que apenas elucidar o contexto da justificação de uma produção científica - ocultando-se assim os caminhos a se chegar lá – quase nunca nos é suficiente aos ímpetus feministas, visto que tanto as perguntas que são feitas quanto as perguntas que não são feitas (e como são feitas!) em determinado estudo científico são preponderantes à suas análises criteriosas.

Além disso, há pouco eu mesma defendi a partir do explorar da jornada científica de Jung justamente que ao retirarmos de cena os próprios meandros informais de nossas des-cobertas, podemos estar tirando de cena também a potência do que em sua viceralidade inegavelmente poderia ser útil em para a ampliação/mobilização de mais psiques em direção à novas des-cobertas.

Eu não podia então terminar essa jornada negando simplesmente tudo aquilo que defendi até aqui.

Se eu excluísse esse capítulo, entendi afinal, eu estaria desrespeitando minha própria defesa. Estaria desrespeitando a totalidade parcial do que acessei com esse trabalho em específico e, conseqüentemente, estaria desonrando aquilo que tenho a responsabilidade de partilhar/veicular “até o fim”.

Assim, assumo por deixá-lo também vir-a-ser por aqui. Deixá-lo também estar para fora nesse documento.

Como poderia saber afinal se não está justamente nesse trecho de minha dissertação o que fomentará o des-empaque de mais alguns punhos que descrevem(-se)?

A finalizar, portanto, este nosso contato de meio de trilha, leitor. Entendo que devo contextualizá-lo:

– mas acho que você já percebeu, não é? –

Estás adentrando terreno de festa fúnebre! - metáfora que carinhosamente “roubo” de Preciado (2020)

É que esta pesquisa se dá entre lutos, sendo um esforço científico para, da melhor forma que der, elaborá-los.

Por que eu digo isso? Porque eu tentei, leitor.

Tentei de verdade que meu tema não fosse tão profundamente marcado por eu “ser uma mulher” e eu ser alguém que “tanto se empaca”.

Mas independentemente do quanto eu quisesse que não fosse tão preponderante assim...

...não posso me abster de narrar e dar eco aos impactos que sinto em minha própria pele quando busco isto que parece o pote de ouro no fim do arco-íris:

a soltura de um corpo que não me pertence.

Sabe,

eu preferia ser só ALGUÉM que dança.

Ou alguém que busca dançar.

É como eu de fato me sinto quando estou na companhia de minha família de “monstros”,

estes justamente, que me ensinam

- ou aprendemos juntos? -

a fazê-lo.

Eu queria profundamente que nossos corpos dissidentes, na sabedoria [*dores e gozos*] que carregam, não se vissem ainda tão profundamente cerceados da liberdade de narrarem-se, a assim, produzirem ciênciaS.

Quando iniciei este “autoexperimento”, aliás, – pensar isso sempre me corta o coração - , eu inocentemente acolhia o pedido de minha menina de queria poder dizer [*sentir!*] que de fato “sabia/podia dançar” [*voar!*].

Eu ainda honestamente preservava a ignorância de acreditar que quem não sabia dançar era eu.

Hoje, junto com minhaS famíliaS, Entendo:

quem não sabe dançar é o mundo!

E sabe aquela insegurança?

des-cobri!

Apenas me deixava em segurança.

Dançar não passa impune sabia, leitor?

Posso dizer, portanto, que quem lhes escreve é orgulhosamente e cada vez mais “**uma doida**”.

[“uma anormal”, “uma dissidente” “uma bagunceira”... Uma artista!]

Uma que, todavia, quanto mais se permite viver,

mais desvela em complemento que se proteger de sua própria “doida”,

[sua própria redenção!]

apenas a mantinha protegida de ser também

uma doída,

até que eu tivesse as forças necessárias (será que agora as tenho?)

para sê-las as duas:

A que dança,

E a que paga os preços.

Pois com minha doida e minha doída,

Insegura e não abrindo mão da segurança,

lhes saúdo:

Sejam muito bem-vindos à parte mais “insólita” de minha dissertação.

PARTE 3: O MASCULINO MATA DRAGÕES, O FEMININO ENCARA PARTOS:
REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA QUE (DES)EMPACA

“eu não acredito nA palavRA. Eu acredito naS palavraS”

Por medo dos demônios, por não saber do seu tamanho...
agora você só tem mais dois dias.

Ainda assim você conseguirá.

[JÁ PERDEU MAIS UM]

“eu gostaria que ela escrevesse e proclamasse esse império único. Para que outras mulheres, outras soberanas inconfessas, possam exclamar então: eu também transbordo, meus desejos inventaram novos desejos, meu corpo conhece cantos extraordinários, eu também, tantas vezes, me senti plena de torrentes luminosas a ponto de explodir, de formas muito mais belas do que aquelas, emolduradas, [que] se vendem por migalhas. E eu também nada disse, nada mostrei; não abri a boca, não pinteí com novas cores a minha metade do mundo. Tive vergonha. Tive medo e engoli minha vergonha e meu medo. Eu dizia a mim mesma: você está louca! **Qual é a mulher efervescente e infinita que, imersa como ela estava na sua ingenuidade,** mantida no obscurantismo e no menosprezo dela mesma pela grande mão parental-conjugal-falocêntrica **não sentiu vergonha de sua potência? Qual a mulher que, surpresa e horrorizada pela balbúrdia fantástica de suas pulsões (...) não se acusou de ser monstruosa? Qual é a mulher que, sentindo agitar em si uma estranha vontade (de cantar, de escrever, de proferir, enfim, de pôr para fora coisas novas), não pensou estar doente? Ora, sua doença vergonhosa é o fato de resistir à morte”** (Cixous, 2022 p.43).

“Diante do espelho, agrego ao meu ‘look’, ‘só para testar’, seu veneno final:
um salto que me deixa escandalosa. **INADEQUADA!**
– linda? –

[grande demais!]

Sorrio receosa, admirando(-me) no espelho.
"É demais. Mas será que é demais... demaaaaais?", reflito.

A irmã que me visita aparece na porta de meu quarto para me apressar. Estou atrasada...

Pergunto a ela:
“o que você acha? é demais?”

Sua resposta é instantânea. Dura, ríspida:

"É demais, Milena!"

Até ela se assusta com a própria agressividade que lhe escapa, e então complementa com uma voz mais branda, encolhendo os ombros:

“EU acho demais, Mi... mas você que sabe...”

É demais.

Troco.

Troco mas já conheço o preço:

De corpo presente, mas com um pedaço da alma presa dentro do espelho, saio de tênis.

Ousada só na medida certa...

Professora, me desculpe por entregar esse trabalho só agora.

Não consegui tirar ele antes ‘do quarto’ pois o considereei “escandaloso demais” (!),

Ao mesmo tempo, diante do espelho...

dessa vez, só dessa vez, me recusei também a “trocar de roupa”, paralisando-me entre a covardia e a ousadia de deixá-lo ser para fora.

O mais “curioso” disso tudo é que o dilema é exatamente o tema ao qual me dedicava nesta escrita.

É sobre isso que eu estava escrevendo, em última instância!

a urgência/emergência de escritas ousadas...

Mas quanto mais comprometida eu ficava com sua saída... mais energia/ complexidade ganhava também seu não sair

E ao mesmo tempo... mais “ousada” ela ia ficando.

Parece um looping infinito... essa tal dessa escrita feminina...

Sigo morrendo de vergonha, mas ainda assim gostaria de compartilhar contigo o que finalmente saiu a ouvir seu feedback genuíno sobre esse modo de escrever, assim como sua compatibilidade com a academia.

(independente da disciplina! assumi conscientemente o preço da ‘reprovação’ para não parar esta jornada no meio do caminho!)

-Ainda falta ordenar algumas referências, formatar... mas a essência está aqui.

Obrigada desde já.

As interlocuções construídas na disciplina que ministrou no semestre passado foram muito ricas para mim. Não atoa reverberam até agora.

Atenciosamente,

Milena.

Prezada Milena, infelizmente o trabalho está fora do prazo, deveria ter sido entregue dia 3/12/22.

Att

- Meu problema não é a energia que eu gasto no palco, mãe. Meu problema é o tanto de energia que eu gasto com o medo que sinto dele.

- Engraçado que não aparenta!

- Eu sei. Essa é a minha pesquisa.

1. MAIS UM PRÓLOGO?

Esse ensaio decorre de incontáveis mortes. Se obriga a vir para fora para dar corpo a uma escrita que tende a matar a si própria, antes mesmo de poder nascer.

Como uma massagem cardíaca que reanima um mestrado que eu quase deixo morrer simplesmente por pensar que já estava morto, esse trabalho narra uma escrita que ainda não carrega a maturidade de sair como gozo, mas que exige saída, nem que por meio da tortura, do tortuoso.

Uma escrita que desiste e resiste-se periodicamente, retomando-se a partir de sísifos ciclos de morte-renascimento para só assim poder acessar-se radicalmente como é: viva, potente, urgente, pulsante... pronta para vir ao mundo.

Esse ensaio foi parido!

Marcado por escalonados “eu não aguento mais, eu não consigo, está doendo, não sei se sou forte o suficiente” que acompanham a dilatação deste corpo que se convoca existente, e assim comprometido com deixar vida fluir para fora.

Descompassado e desrespeitoso com o tempo de fora, portanto, - ou seria consonante com as contrações que ditam seu próprio tempo? - repleto de medo, choro, vergonha, dor, desistências... esse trabalho nasce por e para explorar-se, mapeando os contornos de uma escrita que (des)empaca.

Comprometido com o intimamente narrar-se, esse artigo [*seria ele um?*] tem como centelha criativa para além de um lamúrio individual a partir da sustentação da rebeldia de olhar para os lados, para frente, para trás... e, ao fazê-lo, deparar-se... com partoS!

Explico melhor, essa escrita, justamente sobre o fenômeno de não conseguir escrever (minha relação com a escrita beira o ridículo!) – ganha corpo e contornos científicos especialmente na medida em que desafia para além de seus próprios limites angustiados e infantis - e, assim que o faz, avista diante de si um infinito arsenal de preciosas e indomadas narrativas Outras... destrinchando exatamente essa mesma temática.

Relatos que em sua pluralidade, aproximações e distanciamentos fazem possível produzir ciência justamente ao escrachar os padrões relativos à complexa, paradoxal e implacável amálgama entre exposição e exaustão tal como ela é: **coletiva e especialmente cruel às mulheres.**

Dito em outras letras, é quando genuína, crítica e curiosamente dedico-me a investigar e intervir frente ao (des)empaque de (minhas) escritas, que percebo-a além de singular, também coletiva (ou, em termos junguianos, arquetípica!), e assim, digno de verdadeira nota psicológica/científica.

É assim que, convocando-me a enfrentar essa história, ou ainda, ao explorar o que há de mais de “minha” nessa (não) história, que me deparo não só com o problema, mas também com uma resolução: a “escrita feminina” - uma estratégia já estruturada por outras corajosas mulheres de fazer [*subverter!*] ciênciaS.

Esse artigo é consequência direta da descoberta e do desejo de compartilhar com maiS olhoS essa potente forma de (re)conhecer. E, ao fazê-lo, expor os contornos mórbidos da (im)possibilidade fazê-lo.

A partir da “escrita feminina”, deste modo, debrucei-me aqui ao (des)empacar uma (im)própria escrita, trazendo assim à luz as amarras que as contiveram - e ainda por vezes ainda o fazem! - de ser, de modo que, soltando-se, esperançosamente ela possa apontar para algo além de si.

[Para que esperançosamente ela possa soltar outras mãos à suas próprias escritas!]

Assim, tendo dessa forma como ponto de partida a pergunta “**por que é tão difícil deixar (minhaS) escritaS virem para fora?**” ao invés dos clássicos explicar, compreender, analisar... o verbo que me vem em mente [*coração, corpo, alma...*], para delinear o objetivo desse ensaio é honrar.

Esse artigo desgarrá-se da prepotência de saber [*assume a teimosia de não fazê-lo!*] e, compromete-se a, da melhor forma que possível, honrar e dar cabine de eco à escritas femininas, convidando-as, inclusive a minha própria, a ocuparem-se.

Fomentando espaço para que possam fluir [*re-verberar*] tal como são, majoritariamente escritos em primeira pessoa - ou ainda, roubado o termo “científico”, como nos convida Cixous (2022), majoritariamente como citações diretas -esse artigo se apropria da provocação de Austin (2005) para uma escrita com metodologia de ênfase feminista, àquela que cultiva uma “colcha de retalhos como tática de ato político, desenhando que for preciso por onde quer que possa ser encontrado” (Austin, 2005, p.75; traduzido), ou ainda, sustentando “a construção de resultados parciais e situados, a serem dialogados com outros resultados parciais e situados com o fim de diversificar um espectro de potente vozes marginais ao critério de ‘normalidade” (Austin, 2005, p.75; traduzido).

Com um urro aliviado, arrisco: parece que Ela está vindo!

(UMA ESCRITA QUE PULSA, EXPLODE, APENAS QUANDO EU SÓ TENHO MAIS 15 MINUTOS ANTES DE TER QUE SAIR DE CASA.

APENAS ANTES DE ESTAR SEM TEMPO TENDO TIDO TODO TEMPO DO MUNDO.)

“O imaginário das mulheres é inesgotável, como a música, a pintura, a escrita: **sua cascata de fantasmas é incrível.**” (Cixous, 2022, p.42)

O QUE (EU) ESCREVO É TERRÍVEL. DOÍDO. CHATO DE LER.

[COISAS PARA LER RINDO]

O QUE EU ESCREVO SÓ PODE SAIR AOS POUCOS.

Porque a mim eu não ligo dilacerar até os ossos.

A mim eu não ligo que doa.

[*A mim eu quero que doa.*

A mim eu acho que eu mereço?]

Em mim, algo ordena.

(im)põe ordem:

quanto mais chicotadas, menos força para destruir o mundo!

E assim é,

Ao mundo eu ofereço a destruição à conta gotas.

Destruindo-me para não o destruir.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever” (Anzaldúa, et al 2000, p. 232).

2. INTRODUÇÃO

Como o produto criativo de um mergulho investigativo em meus próprios ‘empaquês’ na relação com a “escrita científica”. Ou ainda, como um produto autoetnográfico que se deriva da própria (im)própria (im)possibilidade que encontrei em d-escrever(-me) aos moldes “científicos” em determinado momento dessa trilha particular, apresento-lhes no capítulo em questão o que na realidade foi a primeira des-coberta dessa investigação: a condição, em algum sentido, arquetípica da experiência de tal entrave em escrever, especialmente em mulheres.

Em direção a escritas que não mais se des-culpem, portanto, no capítulo em questão retomamos em definitivo à defesa da potência/urgência de estudos corporificados para o avanço do científico a partir da apresentação e reflexão crítica do constituir e desenrolar das “escritas femininas”.

Por suas precursoras denominado dessa forma - algo que também é objeto de nossa análise e, por isso recebe estas aspas quando aqui d-escrita –, a “escrita Feminina”, como veremos, é parida a se tornar por si só uma metodologia de pesquisa justamente quando mulheres⁴² abraçam o desafio de d-escreverem-se... sobre e a partir de suas próprias dificuldades em escrever.

Sob o amparo dos saberes teóricos da Psicologia Analítica, portanto, exploraremos a partir de tal mote, como, por quê e para quê a estratégia falar em profundidade a partir de si, ou seja, a estratégia falar em profundidade a partir de nossas próprias dores [*sabores!*], principalmente quando feita por corpos que foram historicamente privados da possibilidade de fazê-lo - como o foi o da mulher - tem um potencial teleológico imensurável à compreensão do funcionamento psíquico, à soltura dos corpos, e, conseqüentemente e para a promoção de novas consciências para a coletividade, ou seja, para a constituição de novos saberes e, conseqüentemente, para avanço científico.

Mais ainda, debruçar-nos-emos, a partir da Psicologia Analítica, aos seguintes questionamentos: por que as escritas feministas e a escrita de “mulheres” são

⁴² Inicialmente um também um também seletto grupo delas (mulheres, brancas, classe média/alta...) para expandir-se cada vez mais para além de seus próprios e artificiais limites iniciais

apontadas como tão ‘perigosas’ por quem a descreve? Que ‘perigo’ seria esse? E finalmente, estaria esta forma de escrever restrita “à Mulher”?

Para começarmos nossa jornada, entretanto, é interessante que se defina. Afinal, o que é a “escrita feminina”?

3. DO RECUO AO IMPULSO: O QUE É A ESCRITA FEMININA?

Entre mulheres e em direção à Mulheres, e, mais especificamente, a partir da indignação por sua (in)existência e na busca almejada para que existam. Essa é a fagulha passional que dá origem a “escrita feminina”, como evidencia o relato de Hélène Cixous (2022, p. 28):

com frequência, eu me queixava ao meu amigo Jacques Derrida: onde estão elas? As potentes, as férteis, as alegres, as livres, a não ser minha mãe e algumas resistentes, essas belezas que eu encontrava na literatura, raras e esplendidas, não se encontravam em qualquer canto da realidade. E ele me dizia: se elas existem no texto, existirão na realidade, ‘um dia desses’. ‘Um dia desses’, quando é?

Aliciando mulheres a buscarem-se na história, intimando-as a transgredi-la a seus próprios moldes, portanto. Ou ainda, almejando fomentar, questionar e provocar mulheres para além de sua aprisionante intimidade com a sombra, fazendo-as caminhar em direção aos holofotes de seus próprios palcos, a escrita feminina articula um feminino indomado, em potência, que requisita protagonismo e narrativa.

Ao mesmo tempo ferramenta e produto, meio e fim, exploração e intervenção, trata-se, desse modo, de uma escrita política (comprometida com a polis!), que, debruçada criticamente sobre a “docilizante” socialização dos (im)próprios corpos das mulheres e vendo nesse fenômeno relação direta com o empacar de seus movimentos (escrita, dança, canto, gozo, etc), se dá como *um manifesto*: Mulheres: “escrevam-se! Façam-se escritas, façam-se escritoras!” (CIXOUS, 2022).

Assim, nas palavras de Cixous (2022), é renunciando a premissa fálica dos cortes, e, deste modo, deixando-se fluir num “estilo no qual tudo é rir ao escrever. Escrever-se” (Regard in Cixous, 2022, p.25 – grifo meu), “roubando a língua (volar) para assim fazê-la voar (volar)” (CIXOUS, 2022, p.68), a escrita feminina trata-se a um modo de escrever “sempre em construção, em movimento, em processo, sempre

inacabada” (Navas e Ventura, 2017, p. 94), que “enuncia uma fala subreptícia, resistente e sempre dissidente, uma poética da perda e da morte, da falta irremediável e do indizível” (Navas; Ventura, 2017, p. 94).

Guiada pela ética do sentir [*transbordar!*], trata-se, portanto de uma escrita que quanto menos se controla, mais se solta, quanto mais se solta, mais goza de subverter o que está posto, acessando um poder próprio, como aponta o relato de Anzaldúa (2000, p.234):

a escrita me possui cada vez mais e me faz saltar para um lugar sem tempo e espaço, não-lugar, onde esqueço de mim e sinto ser o universo. Isto é poder.

Assumindo-se potente como tal, a escrita feminina é, portanto, aquela que não se esgota e que pede sua vazão assim como é: sem limites(!). Como uma “narrativa tanatológica e melancólica [que] questiona a inteireza e a completude” e que, assim, questiona o “paradigma oficial por abeirar dos abismos da linguagem” (Navas; Ventura, 2017, p.94), no qual “ao redor dessa ausência de sentidos silenciosa , é que a mulher-narrativa se (des)constrói, compondo um texto fraturado, configurando sua completa incompletude” (Navas; Ventura, 2017, p. 94).

A escrita feminina se empodera ao soltar-se e o valor de seus esforços residem justamente na intimidade que é capaz de desvelar, como se evidenciado pelo relato de Anzaldúa (2000, p. 234), articulando um paralelo com a poesia:

um poema funciona para mim não quando diz o que eu quero que diga, nem quando evoca o que eu quero que evoque. (...) Um poema funciona quando o assunto com o qual iniciei se metaforseia alquimicamente em outro, outro que foi des-coberto pelo poema. Ele funciona quando me surpreende, quando me diz algo que reprimi ou fingi não saber. O significado e o valor da minha escrita são medidos pela maneira como me coloco no texto e pelo nível de nudez revelada

Construindo-se a partir de “uma forte imagética permeada de metáforas” (Navas; Ventura, 2017, p. 94) e tendo como ponto de partida a compreensão de que “palavras cotidianas, a prosa linear e organizadora, não dão conta de manifestar a ausência e as lacunas constitutivas” (Navas; Ventura, 2017, p. 94). Dialogar com esse modo de escrever é exercitar um ego flexível, que se desgarrar tanto quanto possível de uma performance ‘sob controle’, na qual

a abolição dos limites linguísticos e a continuidade - descontinuidade narrativa são plenamente refletidas pela e na prosa poética e a linguagem erótico - amorosa, cujas funções sintáticas e semânticas apresentam-se subvertidas em prol do sentido, do ritmo, da cadência e da pulsação textuais (Navas; Ventura, 2017, p. 94)

Abrir-se escrita feminina é, finalmente, dar espaço à um escrever que cada vez mais possui [*faz possuída*], ou, em outras palavras, que resiste, pois “sabe-se” resistência:

Faz total sentido para mim minha resistência ao ato de escrever, ao compromisso da escrita. Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas. O tigre que carregamos nas costas (a escrita) nunca nos deixa só. Por que você não está montando em mim, escrevendo, escrevendo? Ele pergunta constantemente, até sentirmos que somos vampiros sugando o sangue de uma nova experiência; que estamos sugando o sangue vital para alimentar a caneta. Escrever é o ato mais atrevido que eu já ousei e o mais perigoso” (Anzaldúa, 2000, p.232).

Trazendo à luz as complexidades da interseccionalidade pela perspectiva decolonial, Anzaldúa (2000) nos depara com um tempero de ainda mais complexidade para as escritas e narrativas latinas: uma escrita que não só precisa roubar para poder voar, como nos convida Cixous (2022) com seu trocadilho em francês, mas que efetivamente foi roubada, e que, assim, ainda mais (ir)rompe ao lidar com o fantasma "quem sou eu para escrever?":

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar esse ato - esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever (Anzaldúa, 2000, p.230)?

Mais do que apreço por um produto absolutamente lapidado, portanto, a escrita feminina vincula-se ao (im)perfeito, ao visceral, ao (em) movimento. Sendo dentre suas defensoras (Anzaldúa, 2000; Cixous, 2022; Navas; Ventura, 2017 – e tantas outras) entendimento comum que essa escrita só pode ser perigosa, pois “um texto feminino não pode ser nada menos do que subversivo” (CIXOUS, 2022, p.68) “e não pode, uma vez que ela abre seu caminho no simbólico, não o transformar no c(a)osmos” (Cixous, 2022, p.69).

A “periculosidade”, “morbidez” e “compromisso com o futuro” deste modo de escrita serão foco especial deste ensaio, aprofundado a partir do prisma da Psicologia Junguiana e, especialmente, a partir do conceito de sombra.

Mas antes, outra provocação se faz pertinente:

A “escrita feminina”, como dito anteriormente, nasce de mulheres em direção às mulheres. Agora, justamente visando honrar a rebeldia desse modo de escrever-se, estaria a escrita feminina, logo essa, que se brinca sem fronteiras, condenada às fronteiras do “ser mulher”?

Proponho uma breve introdução e paralelo com a Psicologia Junguiana para pensarmos a questão. Afinal, amparada por esta perspectiva teórica, “feminino” carrega muito mais do que sua definição em um dicionário tradicional: “aquilo que é ‘relativo ou próprio de mulher ou fêmea’” (Oxford Online, 2023).

Antes disso, entretanto, faz-se adequada a apresentação de alguns conceitos de base da teoria junguiana para que meu leitor possa se situar nesse específico escopo teórico.

4. UMA ESCRITA EM DIREÇÃO A UM AMOR AOUTRE: UMA PONTE COM A PSICOLOGIA ANALÍTICA -MAS ANTES DE TUDO, POR QUE COM ELA?

Jung inaugura o conceito de inconsciente coletivo, definindo-o como uma composição de instintos, funções e especialmente formas herdadas de funcionamento, aos quais denominou arquétipos. Assim, pelo prisma junguiano, além de receptáculo de conteúdos reprimidos, o inconsciente é condição preliminar da consciência (Young-Eisendrath; Dawson, 2011; Jung, 2013a; Jung, 2013b).

Dotado de potencial criativo, estrutura energética e significância teleológica, pela compreensão junguiana do funcionamento humano a noção de inconsciente se expande para além da psique individual do sujeito no diálogo com sua história de vida, para tudo aquilo que está fora do foco de luz da consciência, ou seja, tudo que reside inexplorado por seu prisma, e que, portanto, dotado de potencial de desenvolver-se. (Young-Eisendrath; Dawson, 2011; Jung, 2013a; Jung, 2013b).

O conceito de sombra se estrutura para referenciar os pontos cegos do sujeito na relação com sua psique (e porque não dizer, de sua relação com o mundo!). De modo que, para o autor, a sombra não denota o todo da personalidade inconsciente, mas simplesmente as “qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do Ego” (Jung, 2016a, p. 222), que para o amadurecimento da consciência, pedem por assimilação.

Segundo Jung (2018, p.125), é pela assimilação da sombra que o sujeito assume seu corpo e, a partir dele, "toda sua esfera animal dos instintos, bem como a psique primitiva ou arcaica" (JUNG, 2018, p.125), de forma que, "o homem sem sombra julga-se inofensivo, e isto justamente por ignorar sua sombra. Mas quem conhece sua sombra sabe que não é" (Jung, 2018, p.125).

Para o autor, dessa forma, todos temos sombra, seja ela consciente a nós ou não; e é em seu reconhecimento, ou seja, na exploração em mim daquilo que eu condeno no mundo, que se desenvolve uma "modéstia fundamental que precisamos para admitir as imperfeições" (JUNG, 2018, p.125), ou seja, para estarmos abertos à aceitação das diferenças, e, porque não dizer também, à diversidade, à empatia e à democracia!

Especificamente em relação ao feminino, a partir de uma criteriosa revisão sobre a temática na obra de C. G. Jung, De Franco (2019) defende o pensador como um excelente propulsor de reflexões sobre gênero e sexualidade.

Em sua visão, apesar de ser verdadeiro que os estudos iniciais do autor “apoiaram o reforço aos binarismos de gênero e podem ter dado espaço para as formulações personificadas sobre o feminino e o masculino” (De Franco, 2000, p.141), se observarmos cautelosamente seus escritos mais amadurecidos, especialmente aqueles que ele constrói em diálogo com os princípios alquímicos, é possível notar que o que verdadeiramente se defende é uma psique híbrida, “em que animus e anima estariam presentes como energias e representações do masculino e do feminino sem um conteúdo definido em todos os seres humanos, atuando de forma complementar no dinamismo da psique” (De Franco, 2000, p.141).

Ainda segundo De Franco, na interlocução com os conceitos como integração, união, fusão, conciliação de opostos (*coincidentia oppositorum*), nos "abre possibilidades para a compreensão de uma psique fluida, com potencial para arranjos múltiplos e não-binários de gênero" (De Franco, 2019, p.145). Isso porque por esse prisma "masculino e feminino não seriam representações diretas e literais de como ser homem e como ser mulher ou, ainda, de como devem ser homens e mulheres, mas sim, princípios energéticos com potencial de tornarem-se algo além de si" (De Franco, 2000, p.144 e 145).

Assim, como bem-posto pela autora em questão finalmente (De Franco, 2019, p.142), podemos entender que "a visão de Jung nos fornece bases para um arranjo plural da energia sexual da psique (...) porque trabalha em uma compreensão mítica e não literal" de feminino e masculino. De modo que sua teoria, em sua versão mais amadurecida, nos oferece bases sólidas para um intercâmbio entre a Psicologia e os estudos de gênero antes mesmo deste ser efetivamente estruturado e articulado pelo movimento feminista, sendo ideal a nossos esforços justamente pela desliteralização que promove em relação aos conceitos 'feminino' e 'masculino', ampliando-os, com o auxílio dos preceitos alquímicos, de literalidades biológicas à princípios organizadores do dinamismo psíquico – algo como o que foi estabelecido no taoísmo a partir dos conceitos de yin e yang.

É amparada portanto, mais pela compreensão de "feminino" e "masculino" delimitada por Jung quando em interlocução com os estudos alquímicos, ou seja, enquanto pares de opostos disponíveis na alma humana independente dos sexos e disponíveis ao funcionamento psíquico de modo complementar, do que pelos momentos em que ele destrincha marcações psicológicas da psique "da mulher" e "do homem" *como se elas fossem irrefletidamente* "masculinas" e "femininas" que me debruço sobre esta re-flexão psicológica sobre a "escrita feminina", a explorar, deste modo, como a abordagem teórica em questão pode contribuir à problematização do que a faz da "escrita feminina" tão "perigosa", "morbida" e, portanto, "compromissada com o futuro".

5. MULHER, FEMININO, SOMBRA E... FUTURO? UMA PONTE COM A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Não parece desconectado e acredito que passa perigosamente pouco percebido pelos estudiosos da obra: é justamente no artigo em que Jung se implica em explorar a condição da mulher na Europa de seu tempo (Jung, 2013a) – e salvaguardadas todas as suas limitações ao fazê-lo, pois o texto contém de fato um show de horrores sobre o tal do “ser mulher”, provavelmente o motivo pelo qual pouco conseguimos enxergar o teleológico ali posto/denunciado pelo próprio complexo- , que Jung, ao permitir-se uma espécie de livre associação sobre o tópico, acaba por construir toda uma reflexão sobre o fazer ou não fazer história, com o ser ou não para além da história.

No ensaio em questão, Jung (Jung, 2013a, p.141) nos provoca que “uma respeitabilidade reprime a psique”, e que “enquanto a mulher viver a vida no passado, não entrará em colisão com a história. Mas logo que começar a desviar-se, por pouco que seja, da tendência cultural dominante da história, sentirá imediatamente o peso da inércia histórica” (Jung, 2013a, p.141).

Ao que parece, inspirado [*incomodado!*] por elas, o autor segue sua linha de raciocínio explorando, para muito além do horizonte das mulheres, toda uma reflexão mais ampla sobre o tema da respeitabilidade *versus* a repressão da psique, concluindo assim que para se caminhar em direção ao desenvolvimento de consciência deve-se aceitar que “o Homem mais consciente – não será encontrado por aquilo que o dá prazer, mas no diálogo com aquilo que ele teme” (Jung, 2013a, p.143) e que, para encontra-lo, precisamos aceitar dar “passo[s] em direção ao ‘homem mais feio” - ou seja, passos em direção a nossa sombra (!).

Ainda no mesmo texto, no diálogo com o aspecto histórico de nossa existência, o autor denota em complemento termos posta diante de nós uma tortuosa **escolha**: “saber se queremos se a-históricos e, assim, fazer história ou não” (Jung, 2013a, p.141), a partir da consciência de que

Ninguém pode fazer história se não quiser arriscar a própria pele, levando até o fim a experiência de sua própria vida, e deixar bem claro que sua vida não é uma continuação do passado, mas um novo começo. Continuar é uma tarefa que até os animais são capazes de fazer, mas começar, inovar é a

única prerrogativa do homem que o coloca acima dos animais” (Jung, 2013a p.141)

Marie-Louise Von Franz (2000), outra autora basilar à Psicologia Analítica, em seu clássico escrito dedicado também à temática do feminino, acaba também debruçada sobre o emblemático dilema do ‘fazer ou não fazer história’ imposto aos sujeitos, e, mais profundamente, por apontar o inconciliável o florescimento de algo genuinamente novo sob os contornos de um velho modelo.

Segundo a autora,

de algum modo inconsciente ou imaginário, a velha ordem sabe o que lhe falta; e quando o que lhe falta se mostra à sua visão, a velha ordem quer tomá-la para si e reclamá-la como sua, mesmo que uma geração separe os dois (Von Franz, p.158),

de modo que “uma coisa nova não deve ser introduzida pacificamente num ambiente de velhos hábitos” (Franz, 2000, p.156).

Ainda segundo Von Franz (2000, p.156)

há certas coisas novas que precisam ser honestamente reconhecidas como tais e que precisam ser defendidas, pois caso contrário a nova energia se perde (...) se não andamos sempre para frente, o passado nos suga. O passado é como um enorme aspirador que nos suga o tempo todo. Se você não avança, você regride. Você precisa levar a tocha da nova luz sempre para frente, historicamente, por assim dizer, e também em sua vida particular. Se você olha para trás com tristeza, ou mesmo com desdém, o passado torna a agarrá-la. O passado é um poder formidável. Assim, derrotar o velho imperador significa ser absolutamente inflexível, implacável, com o que é diferente e novo.

Poderia me apropriar de mais exemplos, mas me detenho aqui a esses dois recortes teóricos a serem aprofundados para provocar meu interlocutor em relação a um, no mínimo curioso, padrão.

Parece que ao falar da mulher em Psicologia Analítica, não raro amplia-se a discussão para “o que é feminino”, e, uma vez entregue a temática... fala-se não só de mulheres, como especialmente de história e de futuro!

Com esse estímulo, retomemos agora a problemática da “periculosidade” e “morbidez” da escrita feminina.

6. UMA ESCRITA QUE APELA POR VOZES

Revolvemos agora com essa bagagem à questão levantada anteriormente: estaria a “escrita feminina”, logo essa, que se brinca sem fronteiras, condenada às fronteiras do “ser mulher”?

Ao cutucar mulheres em direção a um protagonismo “escandaloso” [*em potência!*], a “escrita feminina” se viu endereçada a aproximar-se das especificidades depositadas nesses corpos para poder, assim, soltá-los, convocá-los à existência.

Falando da mulher e convidando a que ela fale sobre si, entretanto, algo se constrói nesse modo de escrita que vai para além d”a mulher” propriamente dita, conteúdo, todavia, que imediatamente se confunde mais uma vez com ela.

Podemos explorar este fenômeno entendendo que o ocidente depositou no corpo da mulher sua sombra, e, assim, fez dela bode expiatório de tudo aquilo que dava medo em sua potência, como bem discorre Neumann (2000). Ou seja, deixou em seu colo tudo aquilo que ao mito dominante de nosso tempo foi condenado à sombra, e que, justamente por isso, carrega em si todo um potencial de desenvolvimento - enorme como também o é as resistências em relação a ele (Neumann, 2000).

Considerados os preceitos da Psicologia Analítica, portanto, *para começar* nossa investigação precisamos promover distinção entre os conceitos de “feminino” (uma *energia* ou um *potencial* psíquico humano) e o conceito de “mulher” (uma delimitação histórica de um corpo social). Fazendo-o, a escrita feminina não apenas é mesmo perigosa, como o é a partir de dois eixos:

Primeiramente, ela é “perigosa” pois fomenta abertura ao feminino (ao subliminar, ao inconsciente, e, conseqüentemente, ao futuro!); e segundo, é “perigosa” pois promove protagonismo às mulheres, figuras esta que, tamanha repressão que enfrentam, tornam-se entidades absolutamente complexas (cheias de energia estagnada!), a serem exímias catalisadoras de movimentoS. Como pode se observar no relato de Anzaldúa (2000, p.234):

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida

Voltando à questão das fronteiras da “escrita feminina”, gosto de pensar que mais do que uma escrita comprometida com a literalidade de um corpo, ou com as imposições de uma biologia, a “escrita feminina” pode ser aquela que intende por soltar corpos, para que libertos, eles possam falar sobre si.

Assim, de uma escrita de mulheres para mulheres em direção a uma escrita de “femininEs” para “femininEs”, ou seja, em direção a quem sabe alcançarmos um corpus que possa definir-se para além de corpos

[a quem sabe chegar em um tempo histórico aonde, amparadas inclusive pelas tecnologiaS (Preciado, 2020; Haraway, 1987), oS corpoS possam cada vez mais autodeterminar-se].

Por esse viés, a “escrita feminina” pode ser na realidade a escrita que dá vazão ao “feminino”! – feminino este que, endereçado como Outro, como bem explora Beauvoir (2020), facilmente recai sob o colo da mulher.

Deste modo, por ter sido posta junto ao “sombrio feminino”, e, portanto, estar mais familiarizada com seu poder e impactos–, a mulher parece hoje de fato a figura mais poderosa para discorrer a partir deste mote. Mas em um futuro esperançosamente comprometido com a androgenia - “a base e, ao mesmo tempo, a meta da consciência”, como postula De Franco (2019, p.149) a partir da obra de Jung, talvez ela não seja a única possível.

Dito em outras palavras, **a mulher é a depositária histórica do feminino. Mas a psique é plural, poderemos cultivá-la?**

Em última instância, a “escrita feminina”, como descreve Cixous (2022, p.79), é uma escrita em direção a um *Amour Autre*, “o novo amor [que] ousa o outro, o quer, se furta a voos vertiginosos entre o conhecimento e a invenção”.

Uma escrita, portanto, comprometida com a subjetividade. Guiada a partir e em defesa dela. Que se aproxima e se distancia tanto quanto necessário de corpos almejando tê-los potentes, vibrantes e orientados à vida.

Melhor ainda: uma escrita destinada à (re)escrever corpos, soltá-los, aproximando e distanciando-se deles sempre que necessário (como nos estimula Bulter (2018) a partir da ética do transbordar, ou ainda, do tortuoso parir, a honrar a psique como ela é: plural.

Essa é a “escrita feminina” que faz sentido e que é defendida, questionada, validada como um instrumento metodológico de coleta de dados por essa pesquisadora: uma escrita sustentadamente sem cortes - e, somente assim, indefinidamente perigosa.

Fomentando mais um paralelo pela perspectiva metafórica, deste modo, arrisco junto ao meu interlocutor que é como se a escrita científica tradicional promovesse (“dançasse”) coreografias, ao passo que a “escrita feminina”, por sua vez, promove e faz o encarar dos “improvisos”.

No primeiro cenário, a coreografia, incansáveis e exaustivos ensaios almejam, a partir da repetição, movimentos lapidados, precisos e técnicos que se encaixem em uma consigna predeterminada.

No diálogo com esse tipo de obra, o público, sendo apresentado ao que será exposto, já sabe o que procura e deseja encontrar, sendo valor da obra/ execução residido no nível de rigor com que se dá sua performance do bailarino, que até deve deixar sua marca pessoal no personagem, mas deve fazê-lo compromissado com a sutileza, pois o desafio e a métrica de seu bom trabalho está justamente vinculado a bem representar uma narrativa já posta.

No caso do improviso, ao contrário, a apresentação bela é justamente aquela que renuncia ao controle, fazendo-se surpreender. Sendo, portanto, a consigna, justamente a partir do repertório (im)pessoal conectar-se ao desconhecido. Aqui, o bailarino deixa-se conduzir, preocupando-se “unicamente” em manter fluxo de movimentos, ou seja, se manter atento a não quebrar a sustentação consciente e emocional de criatividade.

Vale notar que em ambas as formas de dançar há, em estado subliminar, um treinamento absolutamente rigoroso por parte do bailarino profissional, mas que este, no caso do improviso, serve menos para reduzir/prever as intempéries do caminhar e mais para fomentar a confiança daquele que dança em sua própria biblioteca/repertório interno de movimentos, ou seja, precisamente para “tirá-lo de seu próprio eixo” e, assim ampliar seu leque de possibilidades de surpreender(-se) ao performar.

Aqui, chegamos enfim ao convite àS misturaS, também em ciênciaS!

7. NEM MASCULINA NEM FEMININA: ANDRÓGINA, PLURAL, CIBORGUE, OU AINDA MELHOR: DRAGLESQUE!

Não posso perder aqui a oportunidade de, justamente a partir deste paralelo entre o coreográfico e a improvisação, de provocar meu interlocutor em relação à riqueza que se constrói a partir da mescla entre essas duas dinâmicas.

Assim, em minha opinião, deveriam caminhar também aS ciênciaS.

E é isso, compreendo à posteriori, que parecem oferecer e estruturar ao científico o escopo as Epistemologias Feministas.

Lhes explico: não é incomum, em propostas de trabalho em dança, que estas duas consignas (improviso e coreografias) se misturem, estimulando-se mutuamente a tirarem-se recursivamente o melhor dos dois mundos.

Nesse modelo, trechos coreográficos impulsionam o bailarino em seu fluxo de movimento, fazendo-o acessar confiança em seu próprio mover-se, para que assim, já “aquecido”, ou seja, já articulado/conectado com seu corpo e com o que dele possa se iluminar, o bailarino possa, enfim – e com ainda mais potência! - entregar-se ao improviso transcendente.

(essa é sempre minha parte favorita de viver e de assistir, pois quando a gente experimenta tamanha viceralidade na relação com o dançar, entregando-nos a mais genuína soltura que há dentro...

A gente pode até virar bicho!

[*Gente virando bicho...*]

Mas... onça, pássaro, cisne, serpente... pouco importa.

Parece que é mesmo perigoso deixar isto vir a ser para fora, não é?

[no fim do dia, sabemos, afinal, o que nossa sociedade faz com

NATUREZA SELVAGEM...]

“O masculino mata dragões e o feminino encara partos”, expus como título dessa obra...

Que metáfora seria essa? Detenho-me agora a ela em nome de ainda mais fomentar a questão das misturas.

8. SERIA MESMO PRECISO TANTO “MATAR DRAGÕES”?

Para explorar o desenvolvimento da consciência, Neuman (2000) articula que a psique coletiva teria “evoluído” de uma postura matriarcal (em que o “eu”, ainda “infantil” é regido pelo arquétipo da Grande Mãe, em uma relação de dependência com o inconsciente) para uma postura patriarcal, aquela que o ego justamente se implica à jornada “heroica” de “dominar” e, assim, “se libertar” [*matar!*] tudo aquilo que se apresenta a ele como des-conhecido.

Ainda segundo o autor, nesse contexto o **dragão** pode ser considerado nas expressões mitológicas um representante metafórico/simbólico exatamente deste ‘elu’ urobórico, ou seja, deste aspecto masculino-feminino entendido e interpretado por nosso “herói” (ou seja, pelo ego), como terrível/severo, pois é responsável por a qualquer custo “guardar o inconsciente e seus tesouros” (dentre eles, muitas vezes, inclusive uma dócil e indefesa “dama”/feminino “virginal” a se “casar” com).

Tal ‘Feminino-masculino’, portanto, aos olhos de um (ainda imaturo) herói, ou seja, “o herói” que conhecemos aos moldes das histórias tradicionais⁴³ - parece

⁴³ imaturo tanto em sua relação com o masculino como em sua relação com o feminino, pois regido pelo patriarcado!

mesmo ter de ser aniquilado. Essa é afinal, a consigna que ele recebe até mesmo de seus mentores “mais sábios” como aguilo que inevitavelmente o fará o “salvador” ou “alguém que merece a vida eterna”, e, portanto, como algo que indubitavelmente faz parte de seu “desenvolvimento” enquanto um ídolo.

No filme “Shrek”, entretanto – e não à toa na figura do “**burro**” (!), ou seja, justamente pelo livre fluir daquele que “não tem jeito”, é inadaptado e pronto – se descobre um outro desenrolar possível para a mesma imagem, ou seja, assume-se um complementar “conto de fadas” disponível aos temperos da contemporaneidade, e, deste modo, um *tertium non datur*/uma terceira via não dada de antemão para a trama dos atravessamentos dos castelos:

nunca passaria pela cabeça de nosso querido e monstruoso protagonista (“o Ogro”) ou mesmo por seu antagonista (“o príncipe”), mas passa pelo desaprumado coração do “burro”:

carinhosamente ouvir e se misturar com a dragoa!

Ter, assim sua autorização para explorar o castelo.

Ter, ao final da jornada, tamanha intimidade e amor por [com!] elA... que saem até filhos [*novos monstros!*] dessa relação!

[*A mistura criativa que faz parir o inusitado novo...*]

Vale, a partir de tal recurso simbólico, retomar a questão:

o que poderia acontecer se, ao invés de tanto “matar dragões”, nós, “(não tão) heroicos” cientistas, estabelecêssemos um relacionamento respeitoso e amoroso, de escuta e acolhimento à força do diferente/transcendente a se conheSer?

Ou ainda, onde poderíamos chegar, enquanto ciência - e, especialmente no estudo da subjetividade - se nos permitíssemos uma escrita fronteira, draglesque (drag e burlesca!), plural, aberta à alteridade e ao criativo?

Com “escrita draglesque”, refiro-me a uma forma de escrever ciênciaS que articulo enquanto uma contribuição pessoal a ainda receber novos apreços e investimentos científicos.

[Quem sabe em um doutorado?]

Um “fazer ciência” que fomenta-se (também) com arte *[BAGUNÇA!]*. Mediado por corpos pesquisadoraS que construam suas narrativas a partir de um “despir-se” em potência E vulnerabilidade, e que impulsionem, deste modo, uma escrita ainda mais aberta àquilo que “burla” o normativo que se enrijeceu, especialmente por intermédio da criatividade. Atributo, vale lembrar, intrínseca/tipicamente humano.

Se tudo forem ‘masculinos’ assassinatos, perdemos, a oportunidade de desenvolvimentoS. Por outro lado, quem já enfrentou um parto objetivo deve ainda mais profundamente do que eu, validar a inviabilidade de que tudo se desenvolva sob tamanha visceralidade.

A vida, é por si só, a um só tempo linear e cíclica, cronológica e ‘kairótica’. Apenas a critério do que foi mais ‘esquecido’ pelo ocidente, ou seja, apenas a critério de fomentar o emergente equilíbrio entre os opostos, pleiteia-se aqui mais espaço ao ‘esquecido’ “parir”, a se misturar com o que “mata” para que esse possa passar a “matar”... unicamente o que de fato precisa morrer (a intolerância, o desrespeito, a violência, o desmatamento, a guerra...) à assim cultivar efetiva transformação de realidadeS

[em direção à verdadeiro ESPETÁCULO!]

9. CONSIDERAÇÕES... FINAIS?

Te ensinaram que você deve viver a partir do medo.
Que deve não viver.
Mulher: não sente medo de ser livre.

Aliás, sinta!

O mundo realmente é mais perigoso para nós.

Sinta seu medo!

Mas sinta ele como impulso.

Transfigure-o a seu favor.

Faça-o de mola para estar ainda mais atenta, ainda mais presente, ainda mais viva!

Mulher, espere agressões,
cause confusões.

Vai com medo e voa!

Condenada às sombras em nossa cultura, e, portanto, enormemente carregada de potencial criativo [*subversivo!*], a mulher e tudo o que o tempo histórico joga nela como algo ruim é na verdade o contraponto estrutural do mito demasiadamente unilateral que rege nosso tempo histórico, e, portanto, em algum sentido simbólico, justamente o seu futuro.

Articulando um feminino que sobre-vive, ou seja, que busca caminhos (in)fundados para a experiência de algo mais profundo do que meramente sobreviver, a “escrita feminina” configura-se nesse contexto como um modo de manifestar-se que fareja por viver-sobre tudo aquilo que o cerceia, oprime, [*convoca à morte!*], interagindo especialmente frente [*ou para além d*]a amálgama “ser mulher” e recuo de si.

A escrita científica muito já mudou a partir dos estudos psicológicos, mas pode ainda mais.

A Psicologia Junguiana e a escrita feminista nos conclamam movimentos desprendidos de uma consciência egóica enrijecida e suas limitações, fomentando que a imersão do novo a partir da sustentação de uma psique solta, corpórea, fluida, transformadora, dialética, criativa!

Assim, entre o parir e o matar dragões, entre o improviso e a coreografia, entende-se enfim que precisamos escrever ciência também com poesia, a partir de um método maleável que destrinche não apenas certezas, mas, especialmente, possibilidades significativas, escrevendo-se em direção a um tempo histórico em que corpos não definam corpus. Em direção à soltura de corpos. Em direção à pluralidade psíquica/sizígia psicológica!

Por esse viés, podemos observar que a escrita “da mulher” que se desprende de seu destino (im)posto - ou, ampliados seus horizontes como é necessário, a escrita feminiSTA que se permite [se convoca!] a ser -... não raro empaca. Justamente por saber os ataques que receberá. E os receberá. Pois a psique dada do “homem sem sombra”, como o denomina Jung (2013a), mata tudo que lhe aponta o diferente.

Vale lembrar ainda assim, como postula Marie-Louise Von Franz (2000), que em nome do desenvolvimento precisamos ser inflexíveis e implacáveis em direção ao novo. Sem olhar para trás. Ou, melhor, fazendo-o quantas vezes for necessário apenas para acessar a confiança e convicção da urgência em seguir trilha: “temos que deixar o velho imperador sozinho. Temos que deixar o passado para si mesmo. ‘Que os mortos enterrem seus mortos’ disse Cristo” (FRANZ, 2000, p. 158).

Para finalizar (ou para começarmos?), deixo a provocação: Mulher, espere agressões, mas não deixe de causar confusões. Vai com medo e voa!

ALGUMAS ÚLTIMAS ENTRE-COSTURAS

A partir de perigosa nudez artística,

ou ainda,

emprestando-se em própria vulnerabilidade em nome da construção [invenção!]

de ensaios

em direção à liberdade

de ser,

esse trabalho teve a ver com uma escolha:

A de ser uma dentre aqueles que d-escrevem-se!

Contornada a partir de tal pelo compromisso cada vez menos frouxo e duvidoso por
fazê-lo

–ou seja, pelo escancaramento de seu próprio objeto de estudos na forma de caminhos
encontrados a se chegar lá –

essa obra contou com alguns ingredientes com gosto e retrogosto:

CORAGEM E MEDO,

MOVIMENTO E ESTAGNAÇÃO

Narrada por alguém que canta,

Para seguir trilha.

"Guardem a coragem para vocês. Para seus casamentos e seus divórcios, para suas infidelidades e mentiras, para suas famílias e suas maternidades, para seus filhos e sua herança. Guardem a coragem que é necessária para manter a norma. O sangue-frio que precisam para emprestar seus corpos ao processo incessante de repetição regulada. A coragem, como a violência e o silêncio, como a força e a ordem, está do lado de vocês. Eu reivindico, ao contrário, a lendária falta de coragem de Virgínia Woolf e de Klaus Mann, de Audre Lorde e de Adrienne Rich, de Angela Davis e Fred Moten, de Kathy Acker e de Anne Spronkles, de June Jordan e de Pedro Lemebel, de Eve K. Sedgwick e de Gregg Bordowitz, de Guillaume Dustan e de Amelia Baggs, de Beth Stephens e de María Galindo, de Judith Butler e de Dean Spade. Mas como eu os amo, meus corajosos iguais, desejo que vocês também percam a coragem. Desejo que lhes falte força para repetir a norma, que não tenham energia para continuar fabricando identidade, que percam a determinação de continuar acreditando que seus papéis dizem a verdade sobre vocês. E quando tiverem perdido toda a coragem, loucos de covardia, desejo que inventem novos e frágeis usos para seus corpos vulneráveis. **É por amá-los que os desejo frágeis e não corajosos. Porque a revolução atua através da fragilidade.**"

(Preciado, 2020, p. 137)

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONVITES À POSTERIDADE

De “cartas a leitores (não tão) benévolos” que pude encontrar pelo caminho até o encarar de meus (in)próprios “partos” – ou, com um apreço a formalidade, como uma des-coberta que se desenharam ao longo deste caminhar a partir da promoção de entre-costuras criativas, recursivas e situadas entre a Psicologia Analítica e as Epistemologias Feministas – entendo, ao fim dessa jornada, que algo nunca deixará de ser tortuoso no ato de d-escrever(-se), e, mais profundamente ainda, no ato de a gestar a partir disso (im)próprias escritas.

[No ato de produzir, a partir delas, ciênciaS!]

Por quê?

porque ao fazê-lo, lida-se também com “os outros”.

Jung pontua que “a integração de conteúdos inconscientes consiste num ato individual de realização, compreensão e valoração moral” (Jung, 2013a, p.54), denotando assim que essa é “uma tarefa extremamente difícil que exige um alto grau de responsabilidade ética” (Jung, 2013a, p.54).

Em sua articulação, portanto, a integração psicológica estaria posta na relação com desdobrar de responsabilidades. Tanto na relação com nossa própria individualidade como também em nossa relação com a coletividade (Jung, 2013a).

Assim, estabelece-se a partir do próprio conceito de processo de individuação que, por um lado, precisamos assumir dar corpo àquilo que tocou nossa alma enquanto um devir (ousar conhecemo-nos em nossa integridade). E, em complemento, precisamos desenvolver uma atitude/postura específica da consciência a partir desse conhecimento, a promover, deste modo - e com o máximo de sabedoria que for possível - justamente tal diálogo entre tais processos conscientes e inconscientes.

Ou seja, precisamos nos implicar em fomentar espaçoS – inclusive na realidade material - àquilo que entendemos progressivamente que “nos cabe” realizar ou que fomos, de certo modo, convocados “individualmente”⁴⁴ a concretizar, uma tarefa cuja qual não se pode de todo se esquivar de.

Mas há algo peculiar aqui. Que sigamos essa nossa última linha de raciocínio.

Do mesmo modo que Jung (2013a) assume a preponderância da individuação para a saúde humana e estabelece-a, em última instância, como uma construção que se pode no máximo *catalisar* - ou seja, “acelerar” - por meio do autoconhecimento e das ações concretas no mundo, ou seja, a partir de uma atitude específica da consciência na relação com a vida [*na relação com o estar vivo!*]; pois é, na realidade, intrinsecamente humana, e, portanto, não apenas possível, como disponível e de certo modo mandatória para os desenvolvimentoS todo e qualquer sujeito...

⁴⁴ Notem que “individualmente” foi escrito aqui entre aspas, assumindo-se assim que apesar de essa ser uma escolha dada- mais ou menos conscientemente – no cerne do “eu”, não podemos esquecer que ao fundo ela estruturalmente dança na relação com as éticas que se constroem essencialmente a partir do “nós” – e, porque não dizer, a partir das educações (in)disponíveis no aparato coletivo – o que nos faz voltar ao capítulo 1.

Em outras letras, o “individualmente” é aqui só mais uma fantasia da qual nos apoiamos para desdobrar aquilo que está para além de nós, sendo assim em certo sentido e até certo ponto uma metáfora importante e interessante justamente para fomentarmos aS realizaçõeS daquilo que nos transcende.

...conforme suas próprias vivências, entretanto, Jung demarca em complemento um certo pessimismo em relação ao como *assumir* tal forma dar corpo ao (in)consciente... pode envolver uma atitude **rara**.

Assim, ainda no mesmo texto, Jung (2013a) elenca que “somente de poucos indivíduos podemos esperar a capacidade para tal **empenho**” (Jung, 2013a, p.54). Ou seja, que somente de poucos indivíduos pode-se esperar uma implicação genuína e/ou delibera de efetivamente movimentar tais realizações psicológicas de modo prático.

[será que algo mudou ou pode mudar também nesse sentido?]

A escolha de palavras feita pelo autor no século passado é interessante e merece destaque: “**empenho**”.

[não capacidade, não talento... não qualquer outra palavra que possa se anunciar por aí a deixar mais leve as resistências psicológicas até certo ponto naturais e compreensíveis em encarar um processo de d-escrever-se]

O autor, ao mesmo tempo e em contraste, não deixa de narrar também (Jung, 2013a) o que lhes parecem os custos postos àqueles que não se implicam com os desenvolvimentos que lhes competem: o adoecimento.

Em sua visão, deste modo, por mais desafiador que possa parecer concretizar [literalmente *dar corpo!*] ao que se estabeleceu enquanto um desafio para a consciência (individual e coletivamente!), os excessos de compensações não absorvidas pela psique podem ser ainda mais custosos ao “eu” e a cultura, podendo “gerar uma neurose ou até uma psicose, e o mesmo vale para o coletivo” (Jung, 2013a, p.54).

Em outras palavras: tudo aquilo que nos toca mas não recebe deliberadamente de nós nossos movimentos... encontrará como movimento a própria estagnação. E, conseqüentemente, o padecer psicológico.

Sob esse prisma e mais uma vez retornando a questão da urgência das escritas, ousou complementar deste modo que articular a questão dos desenvolvimentos necessários apenas sob a condicional do “empenho” e da

individualidade, como o fez Jung (2013a) no século passado parece-me, ainda que parcialmente verdadeiro, absolutamente insuficiente aos contornos contemporâneos, inclusive de produção científica.

Estipulando-se assim mais uma vez ponte entre a teoria do autor e o pensamento feminista, portanto, destaco assim a emergência de acolhermos *também em ciências* grande dose de angústia para determinarmos “os problemas que nos colocamos como problemas” enquanto promotores [ou não!] de (novas) escritaS.

A partir de tal concepção, alinhada ao prisma feminista de ciências, estipula-se deste modo ser de grande valia reiterar que orquestrar "consciênciaS alienadaS", "divididaS" ou "contestadoraS" para a produção e resgate de (novos) conhecimentos, como muito em estabelece Sandra Harding (1987), o pode muito bem funcionar ao florescer, inventar e/ou des-construir de novoS pontoS de vistaS em ciênciaS e, conseqüentemente, para o desenvolvimento coletivo de novaS perspectivaS de realidade.

Esse trabalho que lhes apresentei se comprometeu em dar ênfase a narrativa de (des)encontro com (um)a escrita científica. E, principalmente, do encontro com a construção de *alternativas em ciências*.

Como uma pesquisa exploratória acerca dos empaques e encaminhamentos possíveis, impossíveis, conquistados e a se conquistar da possibilidade de corpoS que d-escrevem-se, portanto, esse é um trabalho destinou-se, em última instância, a desdobrar o des-cobrir (pessoal) das epistemologias feministas e da “escrita feminina”. Ou, mais profundamente, ao desenrolar do apreço adquirido por defender a construção de uma escrita ainda mais “andrógina”, “metafórica”, “plural”, “ciborgue”, “draglesque”, e assim, efetivamente **feminista**... também em ciênciaS!

Deste modo, delimita-se ao fim dessa jornada que a ciência feminista parece explorar e promover, a partir de seus pesquisadores ferides, a perspectiva de que *cada um de nós pode e deve* construir saberes também a partir de si e de seus modos - a partir de seus pontoS de vistaS! - desde que construindo-os com sabedoria e responsabilidade.

Ou melhor, que cada um de nós pode e deve ser um/a/e que, da melhor forma que puder, promove pesquisas que rasgam o normativo misturando teoria e prática, papel e rua, realidade e ficções desejadas.

Em mais um paralelo com a teoria de C. G. Jung, articula-se ainda que a escrita feminista pode ser considerada como uma construção crítica/política que possibilita exatamente desmontar do deslumbrado e perigoso “homem sem sombra” descrito pelo autor em pauta e apresentado no capítulo 3 dessa obra. Ou seja, a ficção de sujeito que fantasiosamente “já (se) sabe” em demasia e arrogância, destruindo tudo aquilo que ele vende a si mesmo que “não (lhe) cabe”.

A partir do promover de novos pontoS de vista para além do homem hegemônico, desse modo, parece-me que oS feminismoS em ciências articulam a re-des-coberta do que pode estar demasiado “reprimido” enquanto saberes/sabores na cultura, exatamente por meio da soltura de corpos, vozes e suas expressões.

Metaforicamente, arrisco ponderar enfim que o aparato feminista nos auxilia (e também nos convoca!) a articular de modo crítico - ou seja, a partir dos atravessamentos de gênero, raça e classe e sob os contornos da objetividade situada - a seguinte questão:

- o que precisa e deve poder “sair do armário” enquanto um exímio produtor de (novoS) conhecimentoS e, em contraste, quais “certezas” podem um pouco mais “descansar no carvalho” a tornar-se um melhor “vinho”/conhecimento?⁴⁵

Abrindo ainda mais campo ao simbólico e voltando a questão central desta produção acerca da urgência de assumirmos coletivamente o “empenho” dos processos de conheSer e das produções de escritaS, valho-me também não apenas da afirmação de Brillat-Savarin de que “é preciso digerir para viver” como também do complemento a tal afirmação que nos oferece o psicólogo Gustavo Barcellos (2019, p.73) à refletir que a digestão naturalmente “obedece ao princípio alquímico mais

⁴⁵ Vinho, aliás, lembra-me Dioniso... consciência dionisíaca, exatamente essa que suporta, ou melhor, constitui-se enquanto um *modo de escrever* justamente a partir do atravessamento dos dilaceramentos titânicos, ou seja através do ostentar criativo de um potencial feminino-masculino andrógino, plural, drag, ainda pouco explorado pela cultura dominante e, justamente por tal, atacado por ela.

amplo da nigredo, ou seja, não há geração sem putrefação, não há criação sem destruição”.

Escrever novos caminhos - simbólica e concretamente - inclusive de produção científica, do mesmo modo como é descrito pelo autor acerca do digerir, parece-me em algum sentido irrevogavelmente tortuoso, e, ainda assim, maravilhosamente inevitável.

- para um lado ou para o outro! –

A partir da falta de coragem ou implicação de todos, todavia, algo nessa forma de escrever parece mesmo “fluir rasgando”, “indigesto”, “correndo riscos”, “dependente da “benevolência” de outros. Apesar de quase criminoso que assim o seja até hoje.

Dito tudo isso, talvez o que a gente possa, merece, e tem conquistado cada vez mais objetivamente na construção de ciênciaS é a possibilidade de **escritaS com centramento**.

O que já muda muita coisa.

Assim, entre os também sinceramente importantes à própria saúde mental “errar”, “cair”, “surtar”, “gritar”, “chorar”, “desistir” e, deste modo, seguir trilha, experienciados (ao menos) intrapsiquicamente pelo pesquisador dedicado a um processo de conheSer...

...defende-se nesta obra que na mistura entre os eixos teóricos/práticos/éticos/políticos das Epistemologias Feministas e da Psicologia Analítica, pode-se fomentar ao pesquisador nelas interessados suficientes firmamentos metodológicos [e de sanidade!] acerca do como trabalhar, como seguir em trabalhos, como se comunicar o que se des-cobriu e, principalmente, para quê fazê-lo.

Afinal, em linhas gerais e por várias frentes disciplinares, especialmente a partir das abordagens citadas acima entende-se que é imprescindível pensar que ciência é feita de pesquisadores – seres humanos(!). Enredados e contornados por um determinado tempo histórico, contexto cultural/social e lugar de fala – ainda que com

mais ou menos consciência dos impactos que sua humanidade, historicidade e subjetividade nas expressões que estabelecem, nunca, todavia, livres delas.

Em uma compreensão ampliada e cuidadosa, portanto. Ou ainda, em uma interpretação mais funda e adequada à pós-modernidade de *realidade*, define-se que ciências não podem ser feitas de conclusões, mas, especialmente, de *passos e narrativas errantes e pontuais em direção a dúvidas significativas, atravessadas pelas relações de poder e espírito de uma época*.

Não se nega, por este prisma, vale ressaltar, o quanto os registros quantitativos - mais objetivos/generalizáveis/replicáveis - são também essenciais ao desenvolvimento de novas tecnologias e estratégias de intervenção.

Nota-se, entretanto, a critério de complementaridade, que as fórmulas e generalizações possuem limites. E, assim, quando configuradas como a única (ou até mesmo a mais valiosa) dentre as vias de produzir e aplicar ciência, mostram-se insuficientes à verdadeira saúde da alma. Principalmente quando elencadas a partir de um único ponto de vista, ou seja, quando ancoradas na fantasiosa objetividade “masculina”.

À ilustrar tomando liberdade ao poético, parece-me válido pontuar que com esta produção visou-se dar eco com toda a profundidade que me fosse possível que, de modo a evitar o perigoso panorama da “novalíngua” - apresentado simbolicamente no livro “1984” de Orwell (2009) - em que forçosas reduções/simplificações da linguagem fomentadas pelos “Ministérios da Verdade” massificam, distorcem e simplificam realidade, ao preço da liberdade e da reflexão - se faz importante dizer e repetir, quantas vezes for necessário, por novas e antigas vozes, palavras e argumentos, o ainda (in)palatável [*inevitável!*] luto da ciência normal em direção à tais ciências extraordinárias. Ou seja, faz-se necessário que sigamos trabalhando incansavelmente por uma *ciência Outra*.

A sustentar tais escritas que não podem senão encontrar formas de ser, portanto, apresenta-se por fim nesta obra enquanto alternativas científicas que enquanto as “escritas femininas” podem auxiliar o forjar de (novas) consciências, as Epistemologias Feministas e a Psicologia Analítica, em articulação, podem auxiliar a

ancorá-las, fomentando-se assim o caminhar e seguir caminhando daqueles que registram(-se) **em e a partir de** suas diferenças.

Deste modo, a “escrita feminina” denotaria uma alternativa metodológica de amparo às descobertaS em ciênciaS, enquanto as Epistemologias Feministas, juntamente com a Psicologia Analítica, por sua vez, podem garantir ao pesquisador que nela se firma a objetividade situada e a maturidade de um narrar psicológico/científico formal/final - ou seja, os caminhos de justificação - a que ciências feitas a partir de próprio corpo não tanto precisem desistir de si ou colocar-se em risco na relação com seus pares (de dentro e de fora!).

De escritas que se des-culpam à escritas que assumem responsabilidadeS, finalmente, entende-se que o aparato junguiano pode amparar os esforços das Epistemologias Feministas e vice-versa, oferecendo-se a partir dessa mistura aos pesquisadores interessados em nelas firmar-se bases argumentativas e técnicas a fortalecer e subsidiar o ímpeto prático, teórico e político do feminismo de condensar **uma ciência objetiva, corporificada, e assim, efetivamente aberta às pluralidades psicológicas.**

REFERÊNCIAS

- MARONI, Amnéris. **Eros na Passagem: uma leitura de Jung a partir de Bion**. Aparecida, OS: Ideias e Letras, 2008
- ANZALDÚA G. (2000). **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas, 8(01), 229-236, 2000.
- AUSTIN, Sue (2005). **Women's aggressive fantasies: A post-Jungian exploration of self-hatred, love and agency**. New York: Routledge.
- BARCELLOS, Gustavo. **O banquete de Psique: imaginação, cultura e psicologia da alimentação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017
- BATISTA, Irinéa de Lourdes; SALVI, Rosana Figueiredo. Perspectiva pós-moderna e interdisciplinaridade educativa: pensamento complexo e reconciliação integrativa. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 8, n. 02, p. 171-183, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2020.
- BEER, Paulo. (2023). O luto da ciência ideal. **Psicologia USP**, 34, e210162. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210162>
- BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de C. G. Jung: uma Jornada para Profundidades Desconhecidas**; Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.
- CHENG, Rafael Hermes Honorato. **O Pesquisador e o Despertar da Alma: um estudo junguiano**. 2019.150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica – Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019
- CIXOUS, Hélène. **O Riso da Medusa**. In: CIXOUS, Hélène. *O Riso da Medusa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- CUNHA, Leandro Reinaldo da. Passabilidade como fator de inclusão e acesso para pessoas transgênero. Coluna direito e Sexualidade. **Migalhas**; 24 de agosto de 2023. Direito e Sexualidade. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/coluna/direito-e-sexualidade/392338/passabilidade-como-fator-de-inclusao-e-acesso-para-pessoas-transgenero> acessado em 20 de novembro de 2024>
- DE FRANCO. Decolonialidade do Saber nas Teorias Junguianas para o Debate de Gênero: Imagens Arquetípicas de um Sagrado não-bbinário como caminho para de Elaboração do Complexo Cultural da Lgbtfobia. In DE FRANCO, Clarissa. **Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade**; Atena Editora, 2022.

DE FRANCO, C., & Fo, E. M. D. A. M.. Sagrado Não-Binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado Feminino. *Mandrágora*, 25(2), 127-151, 2019

DE SANTIS BASTOS DOS REIS, Rafael. Nascedouro no Sertão: um estudo sobre a criatividade a partir de registros do percurso criativo do escritor João Guimarães Rosa e da Psicologia de Carl Gustav Jung.

DOUGLAS, Claire. O Contexto Histórico da Psicologia Analítica in *Young-Eisendrath, Polly e Dawson, Terence. Compêndio da Cambridge sobre Jung, Madras, 2011*

FARIA E LIMA. Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural. In DE FRANCO, Clarissa. **Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade**; Atena Editora, 2022.

FILLUS, Michel Alexandre. Anima e animus na contemporaneidade. *Junguiana*, p. 39-46, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, vol. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANZ, Marie-Louise von. **O gato: um conto de Redenção Feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.

FRANZ, Marie-Louise von; HILLMAN, J. **A Tipologia de Jung: Ensaio sobre a Psicologia Analítica** (2a ed). São Paulo: Cultrix, 2016.

FRANZ, Marie-Louise von. **Archetypal Dimensions of the Psyche**. 1a ed. Nova Iorque: C. G. Jung Foundation Book, 1999

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Rev. Estud. Fem*, p. 07-32, 1993.

HARDING, Sandra. *¿Existe un método feminista? Debates en torno a una metodología feminista*, v. 2, p. 9-34, 1998.

HARDING, Sandra. *Is there a feminist method. Social research methods: A reader*, v. 1, n. 45, p. 456-464, 1987.

HARDING, Sandra. Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo de Sandra Harding. Em *Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, n. 5, 2019.

HARTSOCK, Nancy. "Comment on Hekman's 'Truth and Method: Feminist Standpoint Revisited'". *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol. 22 (2), 1997, pp.:341-365.

HILLMAN, James. **O Mito da Análise: três ensaios de Psicologia Arquetípica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

JUNG, C. G., **Contributions to Analytical Psychology**. Translated by H. G. Baynes and C. F. Baynes. London: Kegan Paul, Trench, Trubner and Co., Ltd. New York, 1928

JUNG, C. G, **Resposta à Jó 10**. ed; Cavalcante, M. C. Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.10/1) Petrópolis: Vozes, 2011a

JUNG, C. G, **Presente e Futuro** (8. ed; Cavalcante, M. C. Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.10/1) Petrópolis: Vozes, 2011b

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Editora Vozes Limitada, 2011c.

JUNG, C. G, **Aspectos do Drama Contemporâneo** (5. Ed.; Cavalcante, M. C. Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.10/2) Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, C. G, **A Energia Psíquica: A Dinâmica do Inconsciente** (11. Ed.; M.L. Appy, Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.8/1) Petrópolis: Vozes, 2013b

JUNG, C. G **Tipos Psicológicos** (11. ed; Orth, L. M, Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.6) Petrópolis: Vozes, 2013c

JUNG, C. G, **Natureza da Psique: a Dinâmica do Inconsciente** (11. ed; M.L. Appy, Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.8/2) Petrópolis: Vozes, 2013d

JUNG, C. G, **A Prática da Psicoterapia: Contribuições ao Problema da Psicoterapia e a Psicologia da Transferência** (7. ed; M.L. Appy, Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.5) Petrópolis: Vozes, 2013e.

JUNG, Carl Gustav. **O Livro Vermelho: Edição sem Ilustrações; 4ª edição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a

JUNG, C. G, **O Eu e o Inconsciente** (11. ed; Silva, D. F, Trad; Obras Completas de C. G. Jung vol.7/2) Petrópolis: Vozes, 2015b.

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos** (3. ed.; M. L. Pinho, Trad). Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 2016a.

JUNG, Carl G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Nova Fronteira, 2016b.

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Editora Vozes Limitada, 2018.

KAST, Verena. **Abandonar o papel de Vítima: viva sua própria vida**. Petrópolis: Vozes, 2022

KUNH, Thomas. **A Função do Dogma na Investigação Científica/** Thomas Kuhn; organizador: Eduardo Salles O. Barra; tradução: Jorge Dias de Deus, Curitiba: UFPR, SCHLA, 2012

LIMA, Raul Alves Barreto; DE FARIA, Durval Luiz. PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL. **Editora chefe Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira Editora executiva Natalia Oliveira Assistente editorial**, p. 16, 2022.

LOMONACO, Daniel Fernando Fischer et al. **De usuários para usuários: uma (auto) etnografia**. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2018

NARVAZ, Martha. G. e KOLLER, Sílvia. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia Em Estudo*, 11(3), 647–<https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>, 2006

NAVAS, D.; Ventura, T. R. **A escrita feminina em Fazes-me falta: corpo morto, corpus desconstruído**. *Revista Desassossego*, 9(18), 85-100, 2017

NEUMANN, E. **O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 2000

NEURATH, O. Protocol statements. Translation R. Cohen & M. Neurath. In: Cohen, R. & Neurath, M. (Ed.). **Philosophical papers of Otto Neurath**, 1913-1946. Dordrecht: Reidel, 1983 [1932-1933]. p. 91-9.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, p. 408-412, 2005.

NUNES, Aila. **Tornando-se mãe de gêmeas prematuras: uma perspectiva autoetnográfica**. 2021.

ORWELL, George. **1984**, Editora Schwarcz, São Paulo: SP Editora Schwarcz S.A. - São Paulo

PEREIRA, Maria do Mar; SANTOS, Ana Cristina. Introdução. Epistemologias e metodologias feministas em Portugal: Contributos para velhos e novos debates. **Ex aequo**, n. 29, p. 9-21, 2014.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. São Paulo: Zahar, 2020

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A Prostituta Sagrada: A face Eterna do Feminino**. São Paulo: Paullus, 1990

RAIMONDI, Gustavo Antonio et al. A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva:(des) encontros método+ lógicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00095320, 2020.

ROMANYSHYN, Robert (2007) **The Wounded Researcher: Research with Soul in Mind**. New Orleans, Louisiana: Spring Journal Books

RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. O desafio de pesquisar: reflexões sobre Metodologias e Feminismo a partir de uma experiência de pesquisa. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013.

ROWLAND, Susan. **Jung: A Feminist Revision**. Cambridge: Polity, 2002

SAMUELS, Andrew. **Jung e os Pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989

SANFORD, John A. et al. Os parceiros invisíveis. In: **OS PARCEIROS INVISÍVEIS**. 1986. p. 167-167.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito ea política na transição paradigmática**. Edições Afrontamento, 2002.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. **Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?**. Salvador/BA Sistema Universitário de Bibliotecas UFBA, 2007.

SILVA, J. M. R. D. **A formação em Psicologia na UFRGS e o olhar para a Pessoa Com Deficiência: vivências de um aluno cego**, Trabalho de conclusão de curso, UFRGS, 2020

TANCETTI, Bárbara; GIMENEZ, Luna Pereira. Feminismos Pós-junguianos: revisões das teorias Clássicas e novos Despontes. In DE FRANCO, Clarissa. **Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade**; Atena Editora, 2022.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de hoje**, 37(4), 2002

WALSH, Catherine. **La Educación Intercultural en la Educación**. Peru: Ministerio de Educación. (documento de trabalho), 2001.

WOODMAN, Marion. **Conscious femininity: Interviews with Marion Woodman** Toronto: Inner City Books, Vol. 58, 1993.

YOUNG-EISENDRATH, P. & DAWSON, T. **Compêndio da Cambridge sobre Jung** (Clemente, C, Trad.). São Paulo: Madras, 2011